

COMO
REAVIVAR
A IGREJA
DO SÉCULO 21

□ PODER TRANSFORMADOR DOS
PEQUENOS GRUPOS

RUSSELL BURRILL

COMO
REAVIVAR
A IGREJA
DO SÉCULO 21

□ PODER TRANSFORMADOR DOS
PEQUENOS GRUPOS

RUSSELL BURRILL

Tradução

Ellen Mary T. B. de Franco

Casa Publicadora Brasileira

Tatuí, São Paulo

Título do original em inglês:
The revolutionized church of the 21st century

*Direitos de tradução e publicação em
língua portuguesa reservados à*

Casa Publicadora Brasileira
Rodovia SP 127 – km 106
Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuí, SP
Tel.: (15) 3205-8800 – Fax: (15) 3205-8900
Atendimento ao cliente: (15) 3205-8888
www.cpb.com.br

1ª edição
13ª impressão: 9.210 exemplares
Tiragem acumulada: 61,07 milheiros
2011

Editoração: Michelson Borges e Marcos De Benedicto
Projeto Gráfico: Sandra Ferreira Barbosa
Capa: Sandra Ferreira Barbosa
Foto de Capa: William de Moraes

IMPRESSO NO BRASIL/Printed in Brazil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Burrill, Russell
Como reavivar a Igreja do Século 21 : o poder
transformador dos pequenos grupos / Russell
Burrill ; tradução Ellen Mary T. B. de Franco. —
Tatuí, SP : Casa Publicadora Brasileira, 2005.

Título original: The revolutionized Church of
the 21st Century.

1. Evangelismo 2. Igreja Adventista do Sétimo
Dia 3. Reavivamento (Religião) 4. Renovação da
Igreja I. Título.

05-2536

cdd-286.732

Índices para catálogo sistemático:

1. Igreja Adventista do Sétimo Dia : Reavivamento :
Secularização : Cristianismo 286.732



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial,
por qualquer meio, *sem prévia autorização escrita* do autor e da Editora.

Tipologia: Agaramond, 11.5/15.8 – 8703/24322 – ISBN 85-345-0941-7

Sumário

Conheça o autor	7
Prefácio	9
1. De volta às raízes	17
2. O início em comunidade	25
3. A tentativa divina de restaurar a comunidade	35
4. Reavivando a igreja baseada em relacionamentos	53
5. O Pentecostes estabelece a igreja relacional	67
6. Paulo implanta igrejas relacionais por todos os lugares	77
7. O propósito do evangelismo	93
8. Apostasia e restauração	103
9. O adventismo e a reunião social	117
10. Ellen White e os pequenos grupos	147
11. Retorno ao modelo bíblico	159

Conheça o autor

Russell Burrill, D. Min., é diretor do Instituto de Evangelismo da Divisão Norte-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia, em Barrien Springs, Michigan. Ele serviu como pastor e evangelista em vários lugares dos Estados Unidos e é muito requisitado como orador e palestrante.

Além de apresentar seminários sobre profecias bíblicas para milhares de pessoas por todos os Estados Unidos, Canadá e outros países, Russell está à frente da atual e renovada ênfase nos pequenos grupos, ministério baseado em dons espirituais e evangelismo leigo.

Este volume apresenta idéias revolucionárias para “reinventar a igreja” seguindo padrões e práticas do Novo Testamento e dos primórdios da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Prefácio

No inverno de 1988, eu me encontrava sentado, impressionado, em meio à multidão de adoradores que lotara o quinto dos sete cultos da Igreja do Evangelho Pleno, de Paul Cho, em Seul, Coréia. Vinte mil fervorosas pessoas elevaram a voz em oração individual. Embora eu reconhecesse diferenças singulares entre essa mega-igreja e a minha própria, isso não evitou que sentisse certo remorso espiritual advindo do pensamento de que minha igreja na América do Norte não estava crescendo e experimentando o desenvolvimento do reino como essa que eu estava visitando.

Algumas fontes sugerem que Paul Cho teve acesso aos livros *Evangelismo e Obreiros Evangélicos*, de Ellen White, quando formulou os conceitos para desenvolver a maior igreja do planeta – vangloriando-se dos 750 mil membros e 50 mil líderes de pequenos grupos que se reúnem todas as quartas-feiras à noite para receber instrução e capacitação. Cho afirma que sua igreja “não tem uma porta dos fundos” por onde os membros saem de sua comunhão. Ele pode ter essa confiança, porque a igreja está estruturada para ministério pessoal num ambiente de pequenos grupos. Os membros são discípulados em mais de 50 mil pequenos grupos chamados de “células”. O “DNA” dessas células contém todos os ingredientes de uma igreja

completa, incluindo material que habilita e treina membros a ganhar pessoas para Cristo em seu círculo de amigos ou conhecidos, dentro de três a nove meses após terem ingressado na célula.

As células são orientadas a se dividirem ao atingirem o número de 15 indivíduos, com as duas novas células se multiplicando e dividindo, por sua vez. Desse modo, cada converso tem um pastor, um grupo de apoio e um ministério com frutos.

Freqüentemente racionalizamos que mega-igrejas, como a de Cho, não têm os desafios doutrinários que nós enfrentamos quando buscamos alcançar conversos em potencial. Assim, conjecturamos, “é fácil para elas crescerem”.

Contudo, num grande número dessas igrejas, a exigência para os membros se comprometerem com o ministério é muito mais intencional que em nossa própria igreja. Vem a pergunta: “É mais fácil se comprometer com doutrinas e um estilo de vida ou assumir um compromisso por toda a vida com o ministério e salvação de almas dentro de um pequeno grupo relacional?” Pelo menos uma mega-igreja requer que seus membros se envolvam no ministério para serem considerados em situação regular. A qualidade de membro é revista anualmente para determinar se o membro está cumprindo a incumbência do evangelho. A suposição é que, na conversão, os membros são dotados de dons espirituais que o Espírito Santo concede para que edifiquem a igreja. Se um membro não está envolvido no ministério, a conclusão é que não respondeu à benevolência do Espírito Santo. Se nenhum dom é manifestado, não há evidência de que se uniu ao corpo de Cristo. Este livro desafia os membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia a voltarem à igreja relacional do Novo Testamento e do início do adventismo, com suas “reuniões sociais”.

Russell Burrill, neste livro, se une à categoria dos corajosos pioneiros cujas mensagens ancoraram a igreja remanescente e a colocaram no caminho para ganhar o mundo. Ele não só desafia os membros ao discipulado, mas à *koinonia* (comunhão) encontrada no modelo relacional da igreja do Novo Testamento, onde a comunidade cristã de pequenos grupos florescia e evangelizava sem depender tanto de um clero remunerado. “Tinham tudo em comum. ... E todos os dias acrescentava o Senhor à igreja aqueles que iam sendo salvos” (Atos 2:44 e 47).

Enquanto milhares de horas e quase duas décadas consumiram líderes da igreja com a noção de que as instâncias superiores da igreja (Associação, União, Divisão e Associação Geral) precisavam de reorganização, muito pouco tem sido feito para reformular a igreja local, onde o “DNA” do crescimento do Reino está situado. Felizmente, este livro é um mapa do tipo “de volta para o futuro”, que não precisa espelhar os experimentos da América corporativa. O autor pode confiar no modelo mais bem-sucedido conhecido pelo homem – a diáspora do Novo Testamento –, que semeou o mundo com pequenos grupos relacionais que nutriam seus membros e evangelizavam o mundo, um círculo familiar de cada vez. Russell Burrill literalmente traçou esse revolucionário modelo de estrutura de igreja local de sua fonte – o Deus trino. Como um habilidoso alfaiate, ele ainda juntou modelos bíblicos e históricos comprovados e ligados pelo fio incontestado do Espírito de Profecia.

De grande interesse é a maneira com que o autor apresentou o papel do pastor como alguém que treina e equipa, habilitando leigos a cuidarem de si mesmos em pequenos grupos, enquanto o pastor implanta novas igrejas e expande a obra de Deus em regiões ainda não

penetradas. A função do pastor não é simplesmente pregar, mas equipar os membros. Este livro não só tem o potencial para reestruturar a igreja local, como também para “reinventar” o pastor. Mais uma vez, o autor tem a maravilhosa segurança que protege esses conceitos de serem somente outra especulação visionária. Ele está firmemente baseado nas Escrituras e apoiado nos escritos do Espírito de Profecia ao descrever o papel e a função do pastor. É muito diferente do que testemunhamos em nossas igrejas hoje.

Então, como foi que chegamos tão longe em nossa eclesiologia? O autor faz um trabalho digno de confiança ao traçar muitas de nossas práticas aos paradigmas religiosos introduzidos no quarto século, quando o imperador Constantino se uniu à fé cristã e trouxe consigo os sistemas eclesiásticos romanos. Um desses sistemas foi uma igreja institucionalizada que desmantelou as comunidades relacionais de pequenos grupos que haviam florescido por trezentos anos, desde os dias dos apóstolos. Outra consequência foi a dominância do clero, que negou o sacerdócio universal dos crentes – a idéia de que cada membro era um ministro. Isso criou uma classe espectadora que não era autorizada a ministrar ou mesmo ler as Escrituras, o que era reservado ao clero. Um eco dessa postura, hoje, é o clamor entre muitos membros de que o pastor “não está me nutrindo”. Também se vê a síndrome dos 80/20, que observadores do crescimento da igreja denunciam como um dos grandes males que afligem o cristianismo – um laicato dependente, em que 80 por cento dos membros esperam pelos 20 por cento de profissionais remunerados para servi-los.

Burrill não é reticente em lembrar aos leitores deste volume que as heresias do Mistério de Babilônia se referem a estruturas e práticas bem como a doutrinas. A doutrina pura que não tem um veículo

estrutural adequado para levá-la ao mundo impede a obra de Deus tão certamente quanto uma falsa doutrina que se espalha.

O apelo para “sair de Babilônia” é feito neste livro não como um chamado para abandonar heresias doutrinárias, mas em referência à estrutura da igreja local que neutralizou a comunidade relacional de pequenos grupos e assumiu o projeto baseado no programa institucional legado a todo o cristianismo pela Igreja Católica.

Se o fenômeno do movimento das igrejas-células é uma “Segunda Reforma”, como afirma William Beckham em seu livro *The Second Reformation*, então a ascensão de uma estrutura de pequeno grupo relacional é, para o adventismo, a “Terceira Reforma” – a primeira em 1516, a segunda em 1844 e a terceira hoje. Em nenhum lugar isso é tão evidente quanto no livro que você está lendo agora. Russell Burrill faz um excelente trabalho em conectar a história das raízes metodistas do adventismo à antiga eclesiologia que deu origem à versão adventista das classes da Escola Dominical e dos pequenos grupos de John Wesley. Diferente de Jonathan Edwards e George Whitefield, ambos poderosos reavivadores do século 18, John Wesley idealizou um método organizacional de pequenos grupos relacionais que se tornou um dos nossos mais valiosos legados e práticas até a morte de Ellen White. Pela primeira vez na igreja revolucionária, essa ligação é descoberta no contexto da atual estrutura da igreja local.

O autor apresenta a seus leitores as “reuniões sociais” tão frequentemente mencionadas por Ellen White. Nos capítulos seguintes, você descobrirá por que essas reuniões eram consideradas mais importantes do que a hora do sermão dos chamados cultos divinos. Será interessante notar quão apaixonada Ellen White era

pela reunião desse pequeno grupo relacional chamado de “reunião social”. Ela menciona essa reunião se realizando em diferentes partes do campo mundial, nas sessões da Associação Geral e em nossos hospitais. Ela insistia que todo membro deveria participar dessa atividade. Nenhum sermão parecia estar completo a não ser que essa “reunião social” viesse em seguida. Onde esse encontro se enquadraria na igreja atual? Continue lendo.

Assisti a uma sessão de planejamento estratégico onde o notável Leland Kaiser, um reconhecido futurista que por acaso é adventista, desafiou o grupo a inverter suas suposições para que pudessem ver novas maneiras de encarar o futuro. Ele disse: “Você não pode ser um visionário a não ser que inverta suas suposições.” Por exemplo, as pessoas vêm à igreja. Invertendo: a igreja vai até as pessoas. Outro exemplo: aumente a igreja. Invertendo: diminua a igreja. Acredite ou não, este livro fala sobre inverter a suposição de aumentar a igreja. Fala sobre diminuir a igreja para obter um excelente crescimento. Isso não significa que diminuamos os membros. Significa que diminuamos a soma de suas partes para o menor denominador comum: pequenos grupos relacionais.

É assim que a natureza funciona. Ela delega funções à parte funcional mais próxima. Por isso, um pequeno corte feito em seu dedo por uma folha de papel será cuidado pelas células no local do ferimento – não pelo cérebro. A idéia de diminuir a igreja para que cresça pode parecer uma contradição, mas na verdade é a fórmula da estratégia do Novo Testamento. Quando o sistema romano aumentou a igreja de seus pequenos grupos relacionais, transformando-a numa catedral cheia de pessoas dependentes de um pequeno clero elitizado, a igreja perdeu seu fogo, e a frieza de

Laodicéia começou a se infiltrar. De certo modo, Russell Burrill está sugerindo que invertamos nossas suposições diminuindo a igreja para pequenos grupos relacionais que levam o “DNA” da missão de Cristo, ou que pelo menos reintroduzam os aspectos relacionais da vida do Novo Testamento na igreja hoje. Apesar de a estrutura ideal padronizada pela igreja primitiva ser defendida neste volume, o autor oferece opções que levam em conta os vários níveis de disposição para inovação, mesmo quando os conceitos são confirmados na Bíblia e no Espírito de Profecia. Este livro é sensível a isso. O autor reconhece a resistência que pode surgir quando um novo paradigma é inserido.

Este livro levantará muitas indagações. No entanto, poucas poderão desafiar sua base bíblica, histórica e no Espírito de Profecia. É uma afronta revolucionária ao individualismo americano que se retrai de paradigmas relacionais. Conseqüentemente, irá perturbar a cultura da sociedade ocidental. Os que lerem estas páginas e forem capazes de implementar seus conceitos estarão marchando em passo com o maior renascimento religioso de todos os tempos. Há paralelos marcantes com a descoberta que os japoneses fizeram quando os conceitos de Gerenciamento de Qualidade Total foram apresentados a eles por um norte-americano chamado Edward Deming. A América corporativa rejeitou as idéias de Deming; por isso, ele as levou aos japoneses. Os japoneses aceitaram e incorporaram os conceitos juntamente com o que chamaram de Círculo de Qualidade – um pequeno grupo relacional de autogerenciamento criado para agregar valor aos produtos fabricados. Esse pequeno grupo acrescentava valor aos produtos e trocava idéias sobre como melhorá-los durante o dia seguinte.

Esse conceito resultou em mercadorias sem defeito, e um país do tamanho do Estado de Montana conquistou os principais mercados mundiais dos Estados Unidos e de outras nações ocidentais.

O livro intitulado *A Arte Japonesa de Gerenciamento* afirma que a influência da igreja romana nas estruturas governamentais da sociedade ocidental permitiu que o Japão, que não estava sob sua influência, fosse mais receptivo a abordagens inovadoras. Os japoneses foram capazes de pensar de forma criativa, invertendo suas suposições, e tomar a liderança na “Terceira Guerra Mundial”, a “guerra” econômica.

Este livro fala sobre sair das prisões de paradigmas em que Roma encarcerou toda a sociedade ocidental, não só afetando nossa produtividade econômica, mas algemando-nos a uma pirâmide hierárquica que não deixa espaço para pequenos grupos relacionais de autogerenciamento. Ela nos congelou no “individualismo americano” – uma cripta que resiste à noção de qualquer coisa que se pareça com o que vemos nos dez primeiros capítulos do livro de Atos. Esse individualismo nos leva a julgamentos, que geram separatismo, que tem afinidade com o tribalismo, nacionalismo e racismo.

Se, ao ler estas páginas, você vir algo que parece estar de cabeça para baixo, lembre-se de que Galileu colocou o Universo de ponta cabeça – e ele estava certo. Jesus foi o maior dos pensadores revolucionários. Seus discípulos não deveriam levar dinheiro, nem sacola, nem comida. Deveriam se hospedar na casa de quem os recebesse. Se fossem denunciados às autoridades, não deveriam se preocupar com o que dizer. Quem se esquecesse a si mesmo por causa de Cristo, acharia a verdadeira vida.

Aldwin Humphries



De volta às raízes

Imagine a Igreja Adventista do Sétimo Dia no ano de 2010, se Cristo não voltar antes. Como será? Ela será uma igreja animada e vitalizada pelo Espírito Santo, cumprindo fielmente a missão de Cristo? Como ela agirá? Uma igreja energizada pelo Espírito Santo será fiel à nossa herança e crenças adventistas, mas também estará em sintonia com o mundo que está tentando alcançar. Portanto, ela poderá fazer as coisas de maneira diferente do que muitas igrejas adventistas fazem hoje, mas ainda será fiel à nossa mensagem e missão.

O adventismo do sétimo dia surgiu de um movimento bíblico. Nossa herança está profundamente enraizada nas Escrituras. Nossa igreja cresce rapidamente em todo o mundo por causa de sua forte ênfase nos ensinamentos bíblicos. O adventismo primitivo alicerçou sua fé e ensinamentos completamente nas Escrituras. Os pioneiros estavam preocupados em edificar uma igreja que também fosse bíblica na prática. Em outras palavras, eles procuraram edificar uma igreja baseada em ensinamentos corretos, mas que também estivesse em harmonia com a prática e organização do Novo Testamento.

É interessante notar que os adventistas primitivos não buscaram simplesmente copiar a igreja do Novo Testamento, mas

conscientemente tentaram edificar uma igreja usando os princípios colocados no Novo Testamento sobre como a igreja vivia. O adventismo moderno tem procurado se manter fiel à nossa herança bíblica com relação aos ensinamentos da igreja, mas tem permitido a entrada de práticas não bíblicas com relação a como conduzimos a igreja. Num desejo de não sermos vistos como diferentes de outras igrejas protestantes, nós simplesmente copiamos seus sistemas e os incorporamos em nossa igreja. Como resultado, agora temos os mesmos problemas que a maioria das principais igrejas têm – a frequência é de aproximadamente metade dos membros, a média de ofertas está em declínio, as pessoas trabalham com baixo nível de comprometimento e os pastores ficam felizes se os membros simplesmente comparecerem sábado de manhã.

Está na hora de darmos uma nova olhada em como conduzimos a igreja no adventismo. Muitas igrejas locais estão com uma necessidade urgente de rejuvenescimento. Como resultado, ouvimos a última moda e experimentamo-la na igreja. Algumas modas são boas; outras são tristes fracassos. Ao invés de aceitarmos as últimas idéias para acertarmos o campo de ação, seria muito melhor se examinássemos as Escrituras, nossa herança adventista e os escritos de Ellen White para descobrir o plano de Deus sobre como deveríamos operar a igreja.

A função deste livro é examinar uma visão bíblica de como Deus pretende que a igreja funcione e oferecer sugestões para criar uma igreja revolucionária que seja fiel aos ensinamentos e aos princípios nos quais a prática da igreja está edificada. Devemos voltar às nossas raízes, se quisermos avançar para o futuro.

O FENÔMENO DOS PEQUENOS GRUPOS

Nos últimos anos, o fenômeno dos pequenos grupos tem se espalhado por toda a América do Norte e pelo mundo. Tanto na Igreja Adventista como em outras denominações, um movimento tem ocorrido que está realmente transformando a igreja e o mundo. Muitas congregações adventistas começaram o processo de reinventar suas igrejas com base nos pequenos grupos. Uma associação nacional de pequenos grupos e oração se reúne pelo menos uma vez por ano e muitas convenções regionais têm sido realizadas regularmente. De fato, há muito interesse em pequenos grupos na Igreja Adventista.

Porém, surpreendentemente, pouca consideração tem sido dada à visão histórica e teológica adventista dos pequenos grupos. Apesar da abundância de livros sobre pequenos grupos dentro ou fora da Igreja Adventista, pouco foi escrito sobre o fundamento bíblico para o ministério dos pequenos grupos. Muitos livros sobre “como fazer” estão disponíveis. Toda a parte mecânica sobre como realizar pequenos grupos bem-sucedidos e como treinar líderes para pequenos grupos está disponível em qualquer SELS ou outra livraria cristã.

O propósito deste livro não é duplicar os “comos”. O leitor é aconselhado a consultar os muitos livros e manuais já preparados nessa área. Em vez disso, o propósito desta publicação é explorar o raciocínio bíblico para a comunidade de pequenos grupos. Nós adventistas professamos ser um povo bíblico, que baseia tudo o que crê e pratica completamente nas Escrituras. Por isso, é desconcertante que tenhamos adotado uma prática sem maiores considerações teológicas. Será que simplesmente começamos a imitar os outros, ou o

movimento dos pequenos grupos está profundamente enraizado na maneira como Cristo pretendia que Sua igreja funcionasse?

Além da perspectiva bíblica, nós adventistas também temos a vantagem de examinar nossas raízes históricas para descobrir se essa é uma área da vida da igreja que nossos pioneiros, e especialmente Ellen White, chegaram a enfatizar. Portanto, examinaremos completamente não somente os fundamentos bíblicos para o ministério dos pequenos grupos, como também o começo histórico do adventismo. Também examinaremos as muitas afirmações de Ellen White que se referem ao ministério dos pequenos grupos. Então vamos sugerir passos que o adventismo precisa dar na área do ministério dos pequenos grupos, os quais nos levarão de volta às nossas raízes bíblicas e históricas. Esperançosamente, este estudo nos dará um vislumbre de uma igreja revolucionada no século 21.

Ao falar sobre o adventismo, estarei inicialmente me referindo ao adventismo ocidental, especialmente na América do Norte, e não ao adventismo no Terceiro Mundo. Na América do Norte, umas poucas igrejas tomaram a iniciativa e criaram uma verdadeira comunidade baseada em pequenos grupos. Contudo, a grande maioria dos que experimentaram os pequenos grupos simplesmente os acrescentou a um programa já supercarregado da igreja local. Resultado: os pequenos grupos não se tornam a forma principal de funcionamento da igreja na América do Norte. Com isso, os pequenos grupos funcionam por algum tempo e então são retirados do programa superlotado, e tornamo-nos ainda mais desanimados para experimentar algo novo.

Acho que a essência dos pequenos grupos é o coração do que a igreja é: comunidade. Os pequenos grupos não são uma panacéia

para todos os males da igreja. Pequenos grupos não salvarão uma igreja que esteja morrendo e não rejuvenescerá uma que esteja em declínio. É somente o Espírito Santo operando em nossas igrejas quem pode trazer verdadeira transformação. Porém, os pequenos grupos podem ser um importante veículo para facilitar o derramamento do Espírito Santo. Somente a presença de Jesus pode transformar as pessoas, e Sua presença é manifestada por meio do Espírito Santo, que facilita o crescimento de indivíduos e da missão da igreja através de comunidades de pequenos grupos.

O individualismo americano tende a fazer com que os norte-americanos pensem que podem servir a Deus à parte de qualquer ligação com uma comunidade de crentes. Com frequência, ouço, em reuniões evangelísticas, pessoas declararem que crêem na mensagem de Deus, mas não desejam se unir à igreja. Na realidade, um pesquisador afirmou que cerca de 80 por cento dos cristãos americanos acreditam que podem ser bons cristãos sem fazer parte da igreja.¹ Tal comentário, como será mostrado, seria absolutamente estranho ao pensamento dos cristãos do primeiro século.

Poderia o envolvimento com uma comunidade de crentes ser o que a maioria dos cristãos necessita desesperadamente hoje? Este livro defende a tese de que é impossível ser cristão e não estar envolvido em uma comunidade. Cristãos isolados não são realmente cristãos bíblicos, mesmo que seus nomes estejam nos livros de nossas igrejas. A comunidade não é alcançada quando alguém se torna membro, mas tampouco é alcançada sem se tornar membro. Comunidades atenciosas, em que as pessoas realmente ministrem umas às outras, são a base para cumprir a missão nas igrejas adventistas, no começo de um novo milênio.

As igrejas adventistas modernas têm se tornado tão dependentes de seus pastores que, sem o pastor, nenhuma missão verdadeira é possível na maioria das igrejas. Como resultado, temos um clero desgastado e frustrado, de cujas fileiras muitos excelentes pastores estão saindo todos os anos. Os desafios de pastorear, ao entrarmos no século 21, não serão vencidos exigindo-se que os pastores se tornem mais habilitados em mais áreas. Não precisamos aumentar suas frustrações. Precisamos retirar suas frustrações e liberá-los para a missão para a qual Deus os chamou.

Carl George, consultor sobre crescimento de igrejas, descreveu a necessidade da maioria das igrejas adventistas muito bem: “Mostre-me uma igreja grande, centralizada no pastor, e encontraremos um clero muito cansado. Mostre-me uma igreja grande, com leigos capacitados, e organizada de maneira simples, onde o clero não esteja completamente exausto por estar trabalhando demais, e eu lhes mostrarei uma igreja que não vai parar de crescer porque será capaz de cuidar bem das pessoas que Deus chama para a vida nova por meio dela.”²

Os pequenos grupos são a resposta? Não, mas podem ser um dos meios usados para revolucionar a igreja. O objetivo primário dos pequenos grupos é criar uma comunidade que se interesse pelas pessoas ao estender a mão para compartilhar Cristo com aqueles que não O conhecem. Uma das melhores maneiras de fazer isso é por meio do ministério de pequenos grupos. O desenvolvimento de uma comunidade que se interessa, como base para o cumprimento da missão de Cristo, será explorado ao longo de todo o restante deste livro.

Nas páginas que se seguem, examinaremos o fundamento bíblico para pequenos grupos nos relatos do Antigo Testamento, no

ministério de Jesus, na vida da igreja do Novo Testamento e nas igrejas fundadas por Paulo. Então examinaremos nossa herança metodista, da qual nossos pioneiros pegaram emprestados muitos conceitos sobre como conduzir a igreja. O exame da vida da Igreja Adventista primitiva e dos testemunhos proféticos de Ellen White nos ajudará ainda mais a entender o plano de Deus para a Igreja Adventista do Sétimo Dia ser uma igreja relacional. Finalmente, sugeriremos um modelo possível para revolucionar a igreja do século 21 – um modelo em harmonia com nossas raízes bíblicas, históricas e do Espírito de Profecia. Vamos começar com as Escrituras.

Referências

1. Gareth Icenogle, *The Church in Ministry Through Small Groups*, 1995.
2. Carl F. George, *The Coming Church Revolution* (Grand Rapids: Revell, 1995), pág. 35.

O início em comunidade

Os seres humanos são basicamente sociáveis. Não fomos feitos para viver sozinhos, mas em comunidade. Essa necessidade de viver em comunidade foi criada por Deus e é inerente ao nosso ser. A humanidade também foi criada à imagem de Deus, o que indica que o infinito Deus do Universo também vive em comunidade. O que o Antigo Testamento revela sobre o Deus que vive em comunidade e os seres que Ele criou para também viverem em comunidade?

Na vastidão da eternidade, o Deus da Bíblia sempre existiu. Ele é o Deus único que criou o céu e a Terra. Contudo, a qualidade de “único” de nosso Deus não está expressa em singularidade, mas em trindade. O Deus bíblico é apresentado nas Escrituras como uma pluralidade que é “um”. Os adventistas, juntamente com a maioria dos outros cristãos, falam de Deus como “Trindade”. Os três membros da Divindade – Pai, Filho e Espírito Santo – são três Pessoas distintas, mas uma em caráter, unidade e propósito. Não entendemos a singularidade de Deus à parte da pluralidade dessa singularidade.

É nesse sentido que a Divindade é em si um “pequeno grupo”. Na realidade, observar e estudar a Divindade e como ela funciona é o melhor guia que se pode ter para entender como um pequeno

grupo deveria funcionar. A Trindade é a comunidade perfeita e fornece as orientações de como a verdadeira comunidade deve ser expressa. Nós adventistas entendemos que Deus nos chamou para ajudar a restaurar pessoas à Sua imagem. Mas para cumprir essa missão, precisamos reconhecer que a imagem de Deus não pode ser restaurada a não ser que a humanidade seja restaurada de forma relacional, para viver em comunidade uns com os outros, assim como o Pai, o Filho e o Espírito Santo o fazem. Inerente à compreensão adventista de missão está a restauração da comunidade. Isso deveria colocar os pequenos grupos que restauram a comunidade no centro da missão adventista.

Os membros da Trindade não agiram individualmente na criação do mundo. Frequentemente descrevemos Deus, o Pai, como o Arquiteto, Cristo como o Mestre-de-obras e o Espírito Santo como o Trabalhador. Os três, como uma unidade, agiram juntos na criação da humanidade e de tudo que há neste planeta. Ao examinar as obras de Deus na história, torna-se claro que nenhum membro da Trindade jamais age independente dos outros dois. A singularidade do Deus único é vista em Sua perfeita harmonia ao trabalharem juntos. A Divindade é realmente o pequeno grupo perfeito que todos os pequenos grupos deveriam imitar.

A essência de Deus é comunidade. O próprio Deus não existe à parte de comunidade. No coração de Deus está a idéia completa de comunidade. Não se pode entender Deus à parte de Sua existência em comunidade. E como Deus não existe sozinho, Seu povo também não pode existir. Por isso, Deus está nos chamando para participar de pequenos grupos nos quais as pessoas vivam em comunidade. Num mundo fragmentado, Deus está buscando restau-

rar na humanidade convertida uma demonstração do que é comunidade genuína, porque isso é um reflexo do Deus que vive em comunidade. É impossível restaurar a humanidade à imagem de Deus sem a restauração da comunidade.

CRIAÇÃO E COMUNIDADE

A primeira atividade do Deus da comunidade sobre o planeta Terra foi a criação, especialmente a criação do homem no sexto dia: “E disse Deus: ‘Façamos o homem à nossa imagem, conforme à nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra. E criou Deus o homem à Sua imagem; à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou.”¹

O ser humano foi criado à imagem do Deus trino. Foi criado para viver em comunidade, exatamente como Deus existe em comunidade. O uso do plural “nossa” para descrever a imagem de Deus aponta para o fato de que a imagem de Deus é comunidade. O Deus que existe em comunidade criou seres que devem existir no mesmo tipo de singularidade em comunidade.

No sexto dia, Deus aumentou Seu pequeno grupo pela criação de um novo par que existiria não só em comunidade um com o outro, mas em comunidade com Deus. Desse modo, o pequeno grupo de Deus aumentara para cinco pessoas: Adão, Eva e o Deus trino. Assim que Adão fora criado, Deus já Se antecipara à sua solidão e criou uma auxiliadora para ele: “E disse o Senhor Deus: ‘Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea.”²

“Não é bom que o homem esteja só.” Os seres humanos não foram criados para viver sozinhos. Foram feitos para viver em

comunidade uns com os outros e com Deus. Essa é a essência da verdadeira comunidade – seres humanos vivendo juntos em comunidade, uns com os outros e com Deus. Uma das principais características do pecado é a tentativa de se viver à parte da comunidade, viver isolado dos outros. Os seres humanos, porém, não são completos separados do companheirismo com outros. A beleza do Éden é vista na perfeita comunidade que existia entre Deus e os seres humanos. O homem não é completo sem a mulher, pois a totalidade dos dois equivale à imagem de Deus. Macho ou fêmea, separadamente, não é a imagem de Deus, pois Deus é trino e a humanidade é um mínimo de duas pessoas vivendo em comunidade. Não há verdadeira humanidade à parte da comunidade, como reflexo da imagem divina.

A essa perfeita comunidade que Deus criara, Ele deu uma ordem bem clara: “Frutificai, e multiplicai-vos e enchei a Terra” (Gen. 1:28). Nessa primeira “célula” que Deus criara bem no início da história da humanidade, Ele colocou um código genético da reprodução. A comunidade genuína existe para se multiplicar. Qualquer comunidade que não esteja envolvida em se multiplicar é uma comunidade destrutiva. Comunidades saudáveis se reproduzem. Isso é parte do nosso código genético originado no paraíso perfeito do Éden. Inerente a qualquer compreensão de pequenos grupos, está a mais básica das funções: pequenos grupos saudáveis estarão se multiplicando, exatamente como Deus ordenou para o primeiro casal (pequeno grupo, “célula”) que Ele criou se multiplicar e encher a Terra.

Se é o propósito de Deus, como os adventistas tão freqüentemente alegam, criar um povo que reflita a imagem de Deus para o mundo, então é de se esperar que no coração do adventismo esteja

o desejo de restaurar comunidades desfeitas em comunidades que reflitam a imagem divina. Portanto, a Igreja Adventista deve estar à frente de qualquer movimento que procure restaurar à imagem de Deus comunidades desfeitas. Não só devemos criar essas comunidades, como também estar envolvidos na multiplicação de comunidades saudáveis.

Dentro do adventismo há um espírito forte e independente. Pode ter o adventismo inconscientemente aceitado o rude individualismo da América como evangelho? Temos nós, que falamos tanto sobre a criação, falhado em ver o propósito inicial de Deus na criação de nossos primeiros pais – o de viver em comunidade uns com os outros e com Deus? Por que nós, como adventistas, lutamos uns contra os outros para obter nosso próprio sucesso, ao invés do sucesso da comunidade? Judy Gorman habilmente observou: “A auto-suficiência e a independência pessoal que caracterizam nossa presente avaliação de sucesso são totalmente estranhas à Trindade, que existe numa comunidade interdependente.”³

Se formos refletir a imagem divina em nossa igreja, é imperativo que desenvolvamos uma igreja com respeito pela comunidade, e uma disposição para ser dependentes uns dos outros em tal comunidade, como essa comunidade é dependente da Divindade. Precisamos banir as recompensas de realização individual e sustentar o ideal da realização do grupo. Deus pretende que vivamos em interdependência uns com os outros, e não em competição. Esse conceito de interdependência na comunidade está enraizado no Deus trino e na própria criação que Ele fez à “nossa [plural] imagem”. Deus não cria sociedades de uma pessoa; Ele cria comunidades. O Deus que vive em grupo cria grupo.

A consequência prática de ver Deus como Criador da comunidade é o reconhecimento da nossa necessidade absoluta de viver em comunidade com outros cristãos. Nesse sentido, é impossível ser cristão e viver em isolamento, pois fazer isso é viver à parte da imagem de Deus e do propósito de Deus para a humanidade.

Com frequência temos ouvido pessoas declararem que elas podem ser boas cristãs à parte da igreja. Contudo, entender a função da comunidade como a imagem de Deus faz dessa afirmação uma condenação. Não há cristianismo fora da comunidade. Por mais que as pessoas tentem, jamais poderão ser restauradas à imagem de Deus sem envolvimento numa comunidade. Esse envolvimento na comunidade não é simplesmente ser membro da igreja ou mesmo freqüentar a igreja. Envolvimento na comunidade significa viver em mútua dependência de outros cristãos.

Gorman compreensivelmente declarou: “Biblicamente... precisamos de comunidade para cumprir nossa arrancada em direção ao esforço de refletir a imagem de Deus. Essa percepção de interdependência com outros é parte do formato de nossa criação. Jamais seremos completos sem dar de nós mesmos aos outros e sem receber da singularidade deles. Para os crentes, o estar em Cristo é estar em relacionamento com outros em Seu corpo.”⁴

O PROPÓSITO DA COMUNIDADE BÍBLICA

Deus realmente criou os seres humanos para viverem em comunidade, exatamente como a Trindade vive em comunidade. Qual é, então, o propósito dessa comunidade que Deus estabeleceu? Esse propósito só pode ser entendido à luz do Éden. Já percebemos um propósito inerente na criação dessa primeira comunidade: a repro-

dução. O cenário edênico agora esboça uma segunda função para a verdadeira comunidade bíblica.

O homem foi criado por Deus no sexto dia. Enquanto o Sol se punha, naquela primeira sexta feira à tarde, Deus anunciou o início do sábado, o sétimo dia. Nessa ocasião, Deus separou o sétimo dia como um tempo sagrado de repouso para os seres humanos passarem com Ele e uns com os outros. Nós adventistas temos passado muito tempo falando sobre o sétimo dia ser o sábado, e isso é muito correto, mas esperamos que no processo de enfatizar o dia não tenhamos nos esquecido do *propósito* desse dia.

Na correria do estilo de vida moderno, tendemos a enfatizar o valor do descanso sabático como um repouso da correria e confusão reinantes. Como resultado, temos falado muito sobre “descansar” no sábado. Contudo, a função original do sábado não era descansar, e esse não deve ser o foco principal hoje. Adão e Eva não tinham necessidade de descansar. Eles não haviam trabalhado. Seu primeiro dia no planeta foi o sábado. Foi-lhes pedido que descansassem de seu trabalho, não para o bem do descanso humano, mas para o propósito de entrarem em relacionamento com o infinito Deus do Universo.

Ao dar o sábado como uma dádiva aos seres humanos, Deus Se refere a ele como “*Meu sábado*”. Não é um sábado para comemorar o descanso do homem. É uma celebração do descanso de Deus. Os seres humanos são convidados a entrar no descanso de Deus ao cessar suas próprias obras, como Deus o fez no sétimo dia (Heb. 4:10). Por que Deus pede aos seres humanos para entrarem em Seu descanso sabático? Para que eles possam passar tempo desenvolvendo comunidade com Ele e uns com os outros. Adão e Eva precisavam

conhecer o Deus que os criara. Desse modo, Deus os convidou a passar suas primeiras 24 horas em comunidade com Ele.

Nosso Deus é um Deus de relacionamentos. Ele é um Deus de comunidade. É imperativo que nós, como adventistas, com nossa ênfase no sábado, falemos sobre a função do sábado como um tempo para seres humanos entrarem em relacionamento com Deus. É por isso que nossa mensagem do sábado é tão importante para o mundo atual – não só porque o passo febril da sociedade demanda um dia de descanso, mas porque precisamos ter um dia especial para enfatizar comunidade. No sábado, Deus pretende que saíamos de todas as comunidades desfeitas com que temos que lidar durante a semana, para que possamos participar de uma comunidade que está sendo renovada por meio de um relacionamento com Deus. Tragédias humanas ocorrem, muitas vezes, porque falhamos em ver verdadeiras comunidades sendo desenvolvidas em nossas igrejas no sábado.

Muitas vezes descobrimos pessoas “guardando” o sétimo dia, mas totalmente divorciadas da construção de um relacionamento com Deus e com outros cristãos. Se o cristão não estiver construindo um relacionamento em uma comunidade, acaba sendo um transgressor do sábado. Guardar o sábado sozinho é, conseqüentemente, não guardar o sábado de forma alguma, pois o propósito do sábado é desenvolver um relacionamento com Deus no ambiente de comunidade com outros cristãos.

O Deus dos relacionamentos criou o ser humano não só para viver em comunidade, mas também para viver em comunidade com Ele. Além disso, proveu um tempo especial, separado desde o Éden, para a raça humana deixar os fragmentos e a destruição das comu-

nidades de obras humanas e entrar no gozo do descanso sabático, tomando tempo para desenvolver o relacionamento vertical com Deus, em comunidade, e horizontalmente com a humanidade. Somente assim pode ser restaurada a imagem divina. Os adventistas, entre todos os cristãos, deveriam estar pregando e demonstrando os resultados de se viver em comunidade no sétimo dia.

Tais comunidades não são desenvolvidas simplesmente estando num grande grupo na igreja no sábado de manhã, ouvindo um pregador explicar a Palavra enquanto adoradores examinam a parte posterior da cabeça dos outros. Isso é a antítese da verdadeira comunidade. Tal compreensão de Deus e de seres humanos em comunidade, no sábado, pode indicar que precisamos descobrir uma nova maneira de conduzir a igreja, que é muito diferente do modelo não participativo da Idade Média, usado atualmente. Como o culto de sábado de manhã é a atividade primária para a maioria dos adventistas atualmente, isso pode significar a criação de um modelo completamente novo de igreja para o sábado de manhã. Exploraremos tal modelo mais adiante. O que quer que façamos no sábado, deve ter como finalidade estabelecer um relacionamento com Deus, em comunidade uns com os outros. Todas as atividades devem ser examinadas à luz desse propósito. Por isso, vamos examinar o que fazemos no sábado de manhã e nos perguntarmos: Essa atividade desenvolve comunidade? Isso não quer dizer que as atividades que não estabelecem comunidade sejam erradas. Contudo, se forem feitas somente tais atividades, então perdemos a essência do que significa ser igreja – que é viver em comunidade.

O apóstolo João afirma sucintamente ser esse o propósito fundamental da igreja reunida: “O que era desde o princípio, o

que vimos com os nossos olhos, o que temos contemplado, e as nossas mãos tocaram da Palavra da vida (porque a vida foi manifestada, e nós a vimos, e testificamos dela, e vos anunciamos a vida eterna, que estava com o Pai, e nos foi manifestada); o que vimos e ouvimos isso vos anunciamos, para que também tenhais comunhão conosco; e a nossa comunhão é com o Pai, e com Seu Filho Jesus Cristo.”⁵

Até o apóstolo João reconhece que a função inata da pregação da Palavra é a de criar comunidades que sejam tanto verticais como horizontais – comunhão com Deus e uns com os outros. A Palavra não é pregada para o bem de se assegurar reconhecimento intelectual para certos dogmas. A Palavra é pregada para que a comunidade (comunhão) possa ser restaurada, tanto em relação a Deus como ao ser humano. Essa é a essência da história da criação e da missão de Cristo, de acordo com o apóstolo João. Não pode haver igreja sem se criar comunidade.

Referências

1. Genesis 1:26 e 27.
2. Genesis 2:18.
3. Judy Gorman, *Community That is Christian: A Handbook on Small Groups* (Wheaton, IL: Victor Books, 1993), pág. 28.
4. Gorman, pág. 107.
5. I João 1:1-3.

A tentativa divina de restaurar a comunidade

O homem saiu das mãos de Deus num estado perfeito, criado à imagem do Criador. Essa imagem pressupõe uma vida em comunidade, uns com os outros e com a Trindade, como esta vive em comunidade. O Éden existiu somente enquanto Adão e Eva viveram em verdadeira comunidade com Deus. Tão logo se rompeu a comunidade com Deus, o ser humano entrou num mundo de comunidade rompida. Esse rompimento foi duplo: o ser humano não mais vivia em comunidade com Deus e nem uns com os outros. A história bíblica é o relato das tentativas de Deus em restaurar a comunidade rompida que o pecado criara.

Gênesis 3 conta a triste história da perda daquela comunidade inocente. Assim que Eva provou do fruto proibido, ela rapidamente convenceu seu esposo a se juntar a ela em seu pecado. Algo no coração carnal faz com que as pessoas se sintam melhores se não estiverem sozinhas em fazer o que é errado. Elas se sentem autojustificadas se outros estão envolvidos.

O estado de inocência descrito pela nudez de Adão e Eva revelava que eram totalmente abertos um ao outro e a Deus – o ideal de

comunidade total. Desfrutavam de total transparência entre si. Tão logo nossos primeiros pais pecaram, perceberam que estavam nus e procuraram se esconder de Deus (Gen. 3:6 e 7). Aqui está revelado o rompimento que o pecado criou na comunidade. Comunidades transparentes são raras, porque os seres humanos tentam esconder seu *eu* verdadeiro dos outros e de Deus. A missão de Cristo é restaurar o que foi rompido e criar novas comunidades abertas (Lucas 4:18). Igrejas envolvidas na missão de Cristo estarão buscando criar comunidades abertas que são reflexos de nossa origem edênica.

Ninguém contou a Adão e Eva que eles estavam nus. Eles mesmos se julgaram e julgaram a Deus, achando que Ele não estava mais interessado em ter um relacionamento com eles. O conhecimento do bem e do mal leva as pessoas a julgar. É esse espírito que tem destruído comunidades por toda a história humana e é o maior destruidor de comunidades até hoje. As pessoas em pecado sempre tentam julgar os outros na tentativa de evitar que elas mesmas sejam julgadas erradas. Tais julgamentos são vistos no escritório quando o chefe tenta culpar um subordinado por um erro que ele mesmo cometeu. Ou no lar quando o esposo procura culpar a esposa por não disciplinar as crianças. Ou na igreja quando o pastor procura culpar a congregação por suas falhas, insinuando que, se tivesse uma igreja melhor, ele poderia fazer um trabalho melhor. Todos esses julgamentos são destrutivos ao tipo de comunidade que Deus deseja criar.

Jesus veio reconciliar a humanidade. Como Ele conseguiu? Tendo o julgamento sobre Si mesmo e não o devolvendo. Ele Se tornou pecado e recebeu em Sua pessoa o julgamento de Deus pelo pecado. Ele não tentou julgar seres humanos, pois estava restaurando a comunidade perdida, e isso só pode ser feito recusando-se a

julgar os que o julgam. Líderes que podem ser julgados e não julgam os que assim fizeram são líderes que redimem. Esse é o tipo de pessoa necessária como líder de pequenos grupos atualmente. Líderes que julgam quem os julgou produzem grupos com disfunções, enquanto líderes que demonstram aceitação e amor criam grupos redentores. Restaura-se a comunidade quando o julgamento é recebido, mas não passado adiante; perde-se a comunidade quando as pessoas julgam a si mesmas e à comunidade. O ato de julgar é a maior maldição para a verdadeira comunidade.

O que foi perdido no Éden foi a verdadeira comunidade, um lugar onde a humanidade pode conhecer a Deus e uns aos outros por meio de profundo relacionamento pessoal. Deus criou o homem para viver em comunidade e dependência mútua. O pecado faz com que as pessoas queiram viver independentemente umas das outras. A destrutibilidade de nossa sociedade atual é vista nas milhares de pessoas, dentro e fora da igreja, que estão tentando viver independentemente, quando foram criadas para viver em dependência.

Como resultado do espírito independente que controla o ser humano nesta era, a maioria das pessoas continuamente julga os outros. Por esse motivo, é necessário que as pessoas façam parte de grupos redentores, que requerem líderes que não julgam o grupo, mas que exemplifiquem a comunidade redentora que Jesus procurou estabelecer. Uma das funções dos pequenos grupos é prover um lugar seguro onde a humanidade possa ser curada de toda a sua ruína. Grupos de pessoas redentoras, que se recusam a julgar umas às outras, podem, através do poder do Espírito Santo, realmente reverter a queda. Pessoas que buscam viver independentemente de outros e que não fazem parte de um grupo redentor não podem ser curadas de sua ruína.

A FORMAÇÃO DE COMUNIDADES DESTRUTIVAS

Gênesis 4 revela o próximo passo na espiral descendente da perda da comunidade. Aqui os filhos de Adão e Eva julgam-se uns aos outros e cometem assassinato. Homicídio é o resultado final do ato de se esconder de Deus e uns dos outros. Por isso, Jesus declarou que quem se encolerizar contra seu irmão cometeu assassinato (Mat. 5:21 e 22). Se desejamos parar a avalanche de assassinatos em nossa sociedade, precisamos ensinar as pessoas a pararem de se esconder de Deus e umas das outras. A maioria dos homicídios ocorre dentro das famílias. Isso se deve ao fato de muitas famílias serem comunidades que não funcionam direito, onde prevalece o individualismo. A restauração da comunidade verdadeira pode não só prevenir o homicídio na família e na sociedade, como pode prevenir os “assassinatos” que estão ocorrendo pelo fato de as pessoas julgarem umas às outras. Já que a disfunção da família foi transferida para a igreja, muitas igrejas se tornaram também comunidades que não funcionam direito. A falta em lidar com a restauração da verdadeira comunidade atrapalha a igreja em seu papel redentor, que Deus deseja que ela cumpra no mundo.

Igrejas que não funcionam direito (disfuncionais) são criadas sempre que os membros vivem independentemente uns dos outros, ao invés de manter uma dependência mútua defendida pelo ideal edênico. Quando um membro peca, a igreja fica mais preocupada em julgar o pecado do que em salvar e ajudar o pecador. Tais igrejas estão prontas a tomar atitudes eclesiais para disciplinar, mas raramente trabalham para restaurar quem caiu. Numa igreja que não funciona direito, quando o pastor sofre uma queda moral, a igreja é rápida em retirar o pastor de sua posição, o que é

correto; contudo, a questão acaba aí. A igreja agiu e o pastor/pecador é deixado por conta própria.

Numa igreja saudável, as atitudes são tomadas, mas o pecador ferido não será deixado a sós; a igreja procurará restaurar o pastor. Na verdade, essas igrejas estão mais ansiosas para restaurar do que julgar. Conseguiram separar o pecado do pecador. Da mesma maneira, em igrejas saudáveis, o membro que comete um deslize e fuma, por exemplo, não fica afastado da congregação por medo de condenação. Em vez disso, essa pessoa se sente confortável em ir à igreja, sabendo que não será condenada, mas receberá a ajuda necessária para a restauração. A comunidade saudável e redentora é a ideal e testemunha ao mundo que a igreja realmente conhece Jesus. Pecadores amam Jesus e amarão a igreja que refletir o método de Jesus em lidar com pecadores.

Um excelente exemplo disso é a história bíblica da mulher apanhada em adultério. Ao invés de julgar a mulher, Jesus a liberta e diz: “Vai, e não peques mais” (João 8:11). Em seguida a essa história, João coloca o relato de Jesus conversando com os fariseus sobre julgar. Repare no que Jesus declara: “Vós julgais segundo a carne, Eu a ninguém julgo.”¹ Esse comportamento é o oposto do das pessoas em comunidades disfuncionais, que estão sempre julgando-se umas às outras. Deus chamou a igreja para ser uma comunidade que segue a Jesus e aceita, afirma e ama uns aos outros, e não julga. A igreja deveria ser conhecida na comunidade como um “lugar seguro”, onde as pessoas podem ser elas mesmas e saber que ainda serão aceitas. Essa é a evidência de que a igreja é a comunidade redentora que Deus quer que ela seja.

Tanto Caim como Abel levaram ofertas a Deus. Conquanto Deus tivesse especificado que a oferta deveria ser de sangue, Caim

apresentou o fruto da terra. Abel ofereceu um sacrifício de sangue. A oferta de Abel foi aceita, enquanto a de Caim foi rejeitada. Por quê? Abel cuidava de ovelhas. Era fácil para ele levar uma oferta do rebanho, mas Caim lavrava a terra. Para trazer um sacrifício de sangue, ele teria que depender de seu irmão. Isso ele se recusou a fazer. O pecado de Caim foi o individualismo, falha em depender da comunidade. O resultado foi justificação própria imediata, ira e, finalmente, homicídio.

Contudo, Deus não julgou Caim. O coração do Deus que está sempre buscando é visto em Sua tentativa de alcançar Caim. Deus queria, acima de tudo, ter um relacionamento com Caim, como tinha com Abel. Deus é o grande restaurador de relacionamentos quebrados e da comunidade. Por isso, ao invés de julgar Caim, Ele permitiu que ele vagasse pela face da Terra, esperando que algum dia ele se voltasse para Deus.

A questão da história de Caim e Abel é a necessidade de comunidade. Assim que Caim matou seu irmão, Deus o chamou e perguntou onde estava Abel. A resposta de Caim – “Eu não sei; sou eu guardador do meu irmão?”² – revela a verdade que precisamos aprender dessa história. Deus quer que entendamos que somos realmente guardadores de nosso irmão. O mundo hoje segue o exemplo de Caim e não se importa em ser guardador de ninguém. A resposta de Caim indica sua falha em compreender o plano de Deus para as pessoas viverem em comunidade. Ele rejeita a comunidade e abraça o individualismo.

Após percorrer a face da Terra, Caim finalmente estabeleceu-se em Node, casou-se e teve um filho chamado Enoque. As Escrituras declaram que Caim construiu uma cidade,³ que chamou pelo nome

de seu filho. Quando as pessoas constroem cidades para si mesmas, elas estão se retirando da genuína comunidade. Em sua rebelião, Caim construiu uma cidade. Cidades surgiram de comunidades destruídas. Não é plano de Deus que o ser humano viva em cidades. Quanto mais perto as pessoas moram, como nas cidades, menos se conhecem e menos comunidade existe. A marca final da cidade é a rebelião que ocorreu na torre de Babel. Por essa ocasião, Deus dividiu a humanidade para que se espalhasse em grupos menores por toda a Terra.

Os filhos de Caim construíram cidades. Estas se originam conforme as pessoas se rebelam contra Deus e a comunidade que Ele deseja estabelecer entre Seus filhos. Relacionamentos rompidos não edificam comunidades; eles edificam cidades onde as pessoas estão distantes umas das outras. A cidade descrita aqui não é uma cidade literal, apesar de poder incluir isso. Antes, a cidade é definida como qualquer lugar onde as pessoas moram perto umas das outras, mas não em comunidade. Muitas igrejas do “interior” são, nesse sentido, cidades, fortalezas, onde as pessoas se escondem umas das outras ao invés de dependerem umas das outras.

Atualmente, a fragmentação da humanidade é revelada em nossas grandes cidades. Temos cidades, mas não temos comunidade. Cidades são destruidoras da comunidade. É responsabilidade das igrejas, mesmo as que estão literalmente localizadas em cidades, buscar edificar comunidades nesses lugares. Contudo, ao invés da construção de comunidades, vemos igrejas construindo verdadeiros impérios para si mesmas. Deus não Se impressiona com as grandes estruturas que criamos ou as enormes instituições que construímos. Seu plano não exige grandes organizações, mas comunidade. Grandes e até mesmo pequenas igrejas podem ser como cidades. As pessoas

podem estar perdidas na congregação. Apesar de freqüentarem todos os sábados, elas não conseguem encontrar comunidade.

A não ser que a igreja desenvolva pequenos grupos relacionais onde as pessoas possam encontrar comunidade, ela estará compartilhando do espírito de Caim ao construir uma cidade, ao invés de procurar ajudar as pessoas a encontrar verdadeira comunidade. Cidades são pseudocomunidades. Milhões de pessoas são controladas por outras que têm poder. Quando isso acontece, não há comunidade, nem no mundo nem na igreja. Reunir as pessoas em grupos menores resulta na edificação de comunidades. Então, igrejas que existem nas cidades devem concentrar-se em construir comunidade na cidade, ao invés de tentar acumular poder.

Contudo, precisamos reconhecer que uma mentalidade de cidade pode existir no interior, e comunidade destrutiva pode existir em pequenos grupos. Não estamos falando aqui de um lugar (cidade ou país) em particular, mas sobre uma atitude. Sempre que as pessoas tentam exercer poder sobre outras, o resultado é uma cidade. Onde quer que as pessoas estejam isoladas umas das outras e a verdadeira comunidade não existe, o resultado é uma cidade. O plano de Deus para Seu povo é a restauração da comunidade, um lugar onde as pessoas possam ser abertas e vulneráveis umas às outras, onde ninguém precise se esconder. Como disse Gareth Icenogle: “Gênesis 1-11 apresenta uma teologia de comunidade em paradoxo e aparece como um contramovimento com o estabelecimento de cidades e civilizações. A humanidade fragmentada constrói cidades. A humanidade do concerto constrói comunidades familiares do concerto.”⁴

Atualmente, em meio às nossas solitárias e abarrotadas cidades, a humanidade anseia desesperadamente por comunidade.

Quando não consegue encontrá-la na igreja, procura em outros lugares. O resultado é percebido nos muitos grupos disfuncionais de pessoas. Embora anseiem por genuína comunidade, as pessoas acabam em pseudocomunidades. Talvez a melhor falsificação da comunidade da igreja seja o bar.

“O bar da vizinhança é possivelmente a melhor falsificação da comunhão que Cristo quer dar à Sua igreja. É uma imitação, receitando bebidas alcoólicas ao invés da graça, fuga ao invés da realidade, mas é uma comunhão permissiva, acolhedora e abrangente. É impossível escandalizá-la. Ela é democrática. Você pode contar segredos às pessoas e elas geralmente não passam adiante e nem querem passar. O bar prospera não porque as pessoas são alcoólatras, mas porque Deus colocou no coração humano o desejo de conhecer e ser conhecido, de amar e ser amado.”⁵

A humanidade precisa desesperadamente de comunidade hoje. As pessoas precisam de um lugar onde possam ser amadas e cuidadas, onde possam ser abertas e vulneráveis, sem serem julgadas. Esse é o tipo de comunidade que as Escrituras oferecem desde o início. É hora de a igreja de Jesus Cristo voltar a edificar comunidades, ao invés de refletir as comunidades rompidas que estão ao nosso redor.

O pequeno grupo não irá necessariamente resolver o problema da falta de comunidade nas igrejas, mas proverá um meio para que isso seja mais propício de ocorrer do que na solidão encontrada nas multidões da maioria de nossas igrejas. Deus quer que realmente nos conheçamos uns aos outros, que sejamos responsáveis uns pelos outros, que ministremos uns aos outros e que entremos em comunidade uns com os outros.

LIBERTAÇÃO DO EGITO

Quando Deus Se preparou para chamar à existência Seu povo escolhido, Israel, primeiramente Ele precisou encontrar um líder que pudesse formar genuína comunidade. Esse líder foi Moisés. Contudo, Moisés não era por natureza o edificador de comunidade ao modo de Deus. Ele havia sido educado em toda a sabedoria do Egito. Na realidade, sua educação o havia preparado para a liderança de forma disfuncional. O estilo de liderança do Egito é bem simbolizado pela característica principal daquela civilização: a pirâmide.

No sistema de organização da pirâmide, quem quer que esteja no topo controla todo o sistema, e o resto da pirâmide mantém quem está em cima. Assim, a vida se torna uma constante luta para chegar ao topo da pirâmide, e uma vez que se tenha chegado lá, a luta é para continuar lá, porque todos os que estão abaixo de você estão tentando derrubá-lo para que possam estar no topo. Esse era o Egito da criação de Moisés. Não era um sistema que promovesse comunidade. Na verdade, ele promovia exatamente o oposto de comunidade. Contudo, muitas igrejas hoje operam com o sistema egípcio de poder, no qual a liderança está centralizada em uma só pessoa e o restante serve abaixo dela. Isso é especialmente visto na pequena igreja onde um patriarca ou matriarca domina a congregação e todas as decisões são tomadas por ele ou ela.

Muitas pessoas gostam de pertencer a igrejas pequenas porque desejam um lugar onde são conhecidas. Mas a realidade mostra que o fato de ser pequenas não indica que verdadeira comunidade esteja ocorrendo nessas igrejas, especialmente se estão funcionando no esquema de liderança de pirâmide. Na verdade, em muitas igrejas maiores há muito mais comunidade do que em algumas igrejas pequenas.

Isso é porque estruturaram a igreja de acordo com o plano comunitário de Deus, e não conforme o sistema piramidal do Egito.

Moisés realmente fora educado nesse sistema de hierarquia piramidal de controle. Quando descobriu que Deus o escolhera para ser o libertador de Israel, ele imediatamente procurou executar a libertação por meio da única maneira que ele conhecia – pelo exercício do poder. Deus teve que enviá-lo ao deserto por 40 anos para cuidar de ovelhas e aprender comunidade ao invés de poder hierárquico. Tendo aprendido essa lição, ele retornou ao Egito, não ávido de poder, mas humilde, pronto para viver em comunidade. Interessantemente, quando Deus enviou Moisés de volta ao Egito, Ele não o enviou sozinho, mas com seu irmão Arão, como seu porta-voz. Ele foi em comunidade. A liderança agora estava compartilhada. Esse é o plano de Deus para a liderança.

Nessa nova compreensão que Moisés possuía de Deus, o Senhor não era visto acima de Seu povo, como os faraós egípcios, mas sim no meio de Seu povo. Isso demonstra a comunidade que Deus deseja estabelecer com Seu povo. Deus queria que Seu povo tivesse o mesmo tipo de relacionamento com Ele que Moisés possuía. Ele não estava tentando estabelecer um sacerdócio hierárquico. Era desejo de Deus que a nação inteira fosse sacerdotal (Êxo. 19:5 e 6). Deus queria que todos entrassem em um relacionamento com Ele por meio do qual todos pudessem se tornar sacerdotes. Nesse sentido, o poder estava disperso entre o povo, ao invés de estar personificado em uma só pessoa no topo, ou seja, Moisés.

A idéia inicial de Deus de que Israel fosse um reino de sacerdotes foi abandonada quando o povo se rebelou no Sinai, mas é um ideal para o qual Deus trabalhou e finalmente o instituiu no

Novo Testamento. A mensagem do sacerdócio de todos os crentes não ensina que cada pessoa faz sua própria lei. Ao invés disso, indica que os cristãos devem viver em dependência uns dos outros em lugar de procurar dominar uns aos outros.

A comunidade é estabelecida somente quando a liderança é partilhada. As cidades consolidam poder por causa de controle, mas Deus distribui poder com a finalidade de libertar Seu povo para a verdadeira comunidade. Esta não pode existir numa organização que está exercendo poder hierárquico. A única ocasião em que faraó é visto com bons olhos nas Escrituras é quando ele compartilhou o poder, na história de José. O papel de líderes interessados em desenvolver comunidade é o de partilhar o poder.

O modelo de Deus para liderança é o círculo ao invés da pirâmide. “A pirâmide sugere que a humanidade pode se elevar ao céu. O círculo sugere que Deus deve descer à Terra. Numa pirâmide, somente uma pessoa de cada vez pode estar em cima. Num círculo, todos são incluídos como membros igualitários da comunidade.”⁶

Ao considerarmos a estrutura das igrejas hoje, rapidamente reconhecemos que a maioria está edificada na forma de pirâmide ao invés de círculo. No círculo, a liderança está distribuída. Igrejas hierárquicas não se atrevem a permitir que pequenos grupos funcionem, por medo de não poder controlá-los. O medo de perder o controle é o maior empecilho para o estabelecimento do ministério de pequenos grupos na maioria das igrejas, hoje. Esse temor também está por trás da falha de muitas igrejas em fortalecer o ministério leigo (voluntário). Isso é um problema real, mas precisamos descobrir uma maneira de delegar responsabilidades às pessoas e igrejas sem nos preocuparmos tanto com controle. Certamente podemos confiar em Cristo para con-

trolar Sua igreja, pois nossas tentativas humanas de fazê-lo só criam igrejas que estão fora de controle. É somente pela entrega do poder às pessoas que a igreja pode se tornar um reflexo verdadeiro de Deus, que continuamente outorga poder. O maior exemplo disso é a encarnação, quando Deus Se tornou carne e habitou entre nós.

O ministério dos pequenos grupos não é apenas mais um programa acrescentado à multidão de outros programas já existentes na igreja. Os pequenos grupos devem ser o princípio central de organização sobre o qual a igreja é edificada. Dessa forma, poder é outorgado aos leigos, e a igreja deixa de ser um movimento eclesiástico. O modelo de igreja na qual o pastor está no controle veio da apostasia da Idade Média, transportado diretamente da estrutura piramidal do Egito. É hora de retornarmos ao modelo apostólico de igreja, no qual o clero outorgava poder aos leigos e os liberava para o ministério. Os pequenos grupos são um caminho para a realização do sacerdócio de todos os crentes no ministério por Cristo. Esse era o tipo de organização que Cristo desejava estabelecer quando iniciou a igreja cristã. Certamente é o tipo de organização necessária hoje, no grande clímax da obra da igreja de Cristo. Icenogle comenta: "Pequenos grupos são círculos de sacerdócio mútuo, onde o poder é compartilhado e o cuidado é recíproco, enquanto cada membro rende obediência a Deus, que está em seu meio."⁷

O MODELO DE JETRO

Êxodo 18:1 a 19:6 descreve a situação no acampamento de Israel quando Jetro o visitou e Zípora se reencontrou com Moisés, seu esposo. Jetro imediatamente percebeu um grande problema com o estilo de liderança de Moisés. Ele havia voltado ao estilo piramidal

de liderança. Infelizmente, esta é a reação natural da maioria dos líderes. É necessária constante vigilância para seguir o modelo de liderança de Deus. Como resultado, Moisés estava exausto e não tinha tempo para sua família, e o povo não vivia em comunidade uns com os outros e com Deus. Moisés passava todo o seu tempo resolvendo disputas entre o povo. Ele estava agindo como muitos pastores, hoje, que passam todo o tempo ministrando ao povo, cuidando dele e criando uma congregação totalmente dependente de seus cuidados. Não aprendemos nada em mais de três mil anos!

A sugestão de Jetro foi muito simples, mas era o oposto da teoria de liderança de grupo ensinada naqueles dias e hoje. Jetro disse que Moisés deveria partilhar poder, entregando-o ao povo. Ele deveria fazer isso de tal modo que ninguém ficasse responsável por mais de dez pessoas ou famílias. Isso reduziu o poder ao tamanho do que hoje chamamos de *pequeno grupo*. Genuína liderança bíblica capacita as pessoas nos níveis “mais baixos”.

O resultado para Moisés foi liberdade para lidar com os problemas maiores. Isso impediu que ele se esgotasse e liberou o povo, autorizando-o a resolver seus próprios problemas. O modelo de Jetro ainda é um bom modelo de ministério para a igreja de hoje. Ao invés de o pastor ser o principal responsável na igreja por cuidar das pessoas, ele passa esse papel para o povo, que cuidará uns dos outros. Esse sistema de cuidar das pessoas faz mais do que qualquer pastor poderia fazer sozinho.

O plano de Deus para a comunidade é a resposta para um clero esgotado e frustrado. Delegue poder a seu povo. Quando delegar algo a alguém, não fique em cima, certificando-se de que esteja fazendo tudo a seu próprio modo. Libere e confie. Quanto mais

poder o pastor delegar a seu povo, mais sadia será sua vida e seu povo será mais espiritualmente harmonioso.

O propósito dos pequenos grupos é delegar poder, delegar o sacerdócio. Descentralização significa delegar o sacerdócio. Com base nisso, as igrejas precisam avaliar sua estrutura de pequenos grupos. Não é suficiente simplesmente ter pequenos grupos. O tipo errado de grupo pode criar mais problemas do que resolvê-los. Pequenos grupos devem ser um lugar onde o poder esteja distribuído entre as pessoas. Os pequenos grupos de sua igreja delegam poder ou se utilizam até mesmo do grupo para controlar pessoas? Pequenos grupos genuínos distribuem poder, ao invés de centralizá-lo no pastor ou em outra pessoa controladora da igreja. Líderes que delegam o sacerdócio terão mais tempo para a família. Foram o estresse e o excesso de trabalho que fizeram Moisés aceitar esse novo sistema de liderança. Talvez o alto nível de estresse e as longas horas de trabalho que a maioria dos pastores experimenta hoje acabarão fazendo com que reavaliem a maneira como conduzem a igreja, e considerem a possibilidade de desenvolver um novo estilo de ministério, que delega o sacerdócio. Quando os pastores fizerem isso, eles capacitarão seu povo a realizar o ministério e ministrar uns aos outros, ao invés de serem dependentes do pastor como principal realizador do ministério na congregação.

Tal sistema – que delega poder – exige uma estrutura de apoio para seus líderes. O sistema de Jetro provia isso quando ele instruiu Moisés a estabelecer líderes sobre dez, líderes sobre cinquenta, cem e mil. Esses líderes mais “elevados” seriam a estrutura de apoio para os líderes de dez, que seriam os líderes de campo na sociedade israelita.

Um dos maiores problemas ao iniciar o ministério com leigos na igreja atualmente é que os pastores tentam colocar as pessoas no

ministério em harmonia com seus dons, mas falham em prover uma estrutura de apoio necessária para sustê-los em seu ministério. O plano de Jetro de ter uma pessoa de apoio para cada dez pessoas funcionou bem em seus dias. É certamente o apoio mínimo necessário para a realização do ministério leigo hoje. Contudo, devido à complexidade de nossos dias, pode ser necessária uma pessoa de apoio para cada três ou quatro pessoas no ministério. É óbvio que isso envolve mais pessoas no ministério, mas realmente cria um ministério de suporte mútuo, ao invés de todos os líderes de pequenos grupos se reportando ao pastor, que é o sistema de controle piramidal. Este simplesmente não funciona, nem mesmo no ministério de pequenos grupos.

Um estilo circular de liderança proverá uma base de apoio para todos os líderes. Quando os membros da igreja reconhecerem que o poder não está centralizado em uma só pessoa, eles se tornarão mais dispostos a ajudar uns aos outros a resolver problemas. “Meu” problema então se torna o problema da comunidade, ao reconhecer que estamos todos juntos nisso.

No modelo de Jetro, Moisés passou da posição de quem julga os outros à posição de quem supervisiona o julgamento dos outros. Ao adotarem o “modelo Jetro” de liderança, as igrejas mudarão de modo que, ao invés de o pastor ser o principal responsável por cuidar das pessoas e por tomar decisões na igreja, a liderança será distribuída entre as pessoas, e todo o povo de Deus será capacitado para o ministério. A igreja precisa realmente se tornar um sacerdócio de todos os crentes.

O ANTIGO TESTAMENTO E OS PEQUENOS GRUPOS

O modelo Jetro teve um efeito duradouro por todo o período dos juízes e mais tarde teve implicações no estabelecimento das sinagogas

judaicas, que podiam ser instituídas com dez pessoas. Inerente ao chamado de Deus à nação de Israel, está a idéia de delegar a liderança ao povo. A apostasia de Israel ocorreu quando os israelitas copiaram as nações ao seu redor e criaram o cargo de rei para governá-los, contrariando o propósito de Deus. Novamente vemos a paciência de Deus ao permitir que desenvolvessem a monarquia, contrária ao Seu desígnio. Às vezes, Deus nos deixa aprender da maneira mais difícil.

As igrejas adventistas primitivas, como veremos mais à frente, não eram controladas unicamente por pastores. No desejo de copiar as igrejas ao nosso redor, Deus nos permitiu desviarmo-nos de Seu plano ideal. Atualmente, passando pelos mesmos problemas que as outras denominações, os adventistas estão começando a despertar para a necessidade de retornar ao plano de Deus para os ministros de tempo integral e os obreiros voluntários (“leigos”) – uma membresia habilmente treinada por um clero que delega poder.

SÍNTESE

Podemos entender os pequenos grupos da perspectiva do Antigo Testamento somente ao tentarmos entender o ideal de Deus desde o início. Vimos que Deus é um “pequeno grupo”, e cada membro dessa “comunidade” opera em interdependência com os outros membros da Trindade. Além disso, Deus criou Adão e Eva com o propósito de estabelecer relacionamento e entrar em comunidade com eles. Naquela perfeita comunidade no Éden, eles podiam ser totalmente abertos uns com os outros – a ponto de estarem “nus” e não se envergonharem. No entanto, assim que pecaram, sentiram-se “nus” e se esconderam, porque o pecado criara rompimento na comunidade. Desde a queda, tem sido propósito de Deus restaurar a

comunidade rompida. Deus procurou fazer isso no Antigo Testamento por meio de pequenos grupos, em contraste com os grandes grupos que a rebelião do ser humano criou. A outra maneira que Deus usou para restaurar a comunidade rompida foi delegando poder, como vemos no contraste do modelo egípcio com o modelo de Jetro, que Deus quis que Israel adotasse.

Igrejas atualmente interessadas em ser comunidades redentoras buscarão retornar ao ideal do Éden. Promoverão a liderança dos “poucos” aos “muitos”. Buscarão delegar poder ao povo para o ministério, liberando-o para o ministério, ao invés de tentar controlar todo o ministério. Promoverão pequenos grupos onde as pessoas possam ser ensinadas não a julgar umas às outras, mas a criar um ambiente de confiança no qual possam realmente cuidar umas das outras, em comunidade. Esse é o plano de Deus para a humanidade. Foi para o restabelecimento desse tipo de sociedade que Jesus entrou na história da humanidade, para redimir o homem da queda e restaurá-lo à verdadeira comunidade.

Ao examinar o ministério de Jesus, descobriremos que sua finalidade também era delegar poder e criar pequenos grupos, nos quais os líderes têm autoridade e são apoiados em verdadeira comunidade.

Referências

1. João 8:15.
2. Gênesis 4:9.
3. Gênesis 4:17.
4. Gareth Icenogle, *Biblical Foundations for Small Group Ministry: An Integrative Approach* (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1993), pág. 32.
5. Gorman, pág. 70 (citando Charles Swindoll).
6. Icenogle, *Biblical Foundations*, pág. 101.
7. Ibidem.

Reavivando a igreja baseada em relacionamentos

Enquanto o Antigo Testamento apresenta uma teologia de comunidade como inerente à Trindade, o Novo Testamento nos dá uma idéia melhor de como tal comunidade pode ser utilizada de forma prática no dia-a-dia da igreja. O ministério da encarnação de Jesus forma, assim, o cenário de fundo ideal para a compreensão do plano de Deus para seres humanos vivendo em comunidade – com Deus e uns com os outros.

No raiar da era do Novo Testamento, a igreja como comunidade havia sido perdida de vista nas lutas por poder dos fariseus e outros, que estavam mais preocupados com posição do que com o desenvolvimento da comunidade. Líderes hierárquicos haviam substituído líderes circulares, e a luta pela tentativa de estar no topo da pirâmide dominava o judaísmo naquela época.

Nesse cenário, Jesus apareceu e construiu um movimento baseado completamente em comunidade e liderança distribuída entre um povo capacitado. Nosso guia aqui não é mera teoria ou conjectura;

foi-nos dado um exemplo vivo de como delegar poder aos obreiros voluntários (“leigos”), para que exerçam seu ministério.

JESUS E OS PEQUENOS GRUPOS

Por três anos e meio Jesus ministrou no planeta Terra. Às vezes, Ele falava para grandes multidões, mas a maior parte de Seu trabalho foi com um pequeno grupo de doze, a quem chamava de discípulos. Jesus passou esses anos partilhando Sua vida com essas poucas pessoas – os doze, os setenta e as mulheres que O seguiam. Contudo, Jesus mudou o mundo para sempre. A maioria das igrejas se concentra nas multidões e fica imaginando por que não parecem causar um grande impacto no mundo ao seu redor. Talvez seja hora de olhar a metodologia de Jesus à luz de Sua teologia da comunidade.

Jesus não estava tentando conquistar as multidões. Na verdade, Ele às vezes até as desencorajava de O seguirem. Em vez disso, Jesus focalizou num pequeno grupo, sabendo que por meio dele poderia finalmente alcançar as multidões. Ministério duradouro é formado somente ao se delegar poder às pessoas através do ministério de pequenos grupos. Os grandes pregadores do passado que tentaram alcançar multidões sem estabelecer um ministério de pequenos grupos inevitavelmente falharam em atingir resultados duradouros. Em contraste com isso, João Wesley, que acompanhou sua pregação com o estabelecimento de pequenos grupos, não só viu grandes números virem à fé em Cristo, mas também ao discipulado permanente.

Como Jesus inicialmente organizou Seus discípulos em um pequeno grupo, não é de se estranhar que eles estabeleceram uma

igreja de pequenos grupos. Mais à frente, examinaremos a igreja-lar que foi característica da igreja primitiva. A esta altura, repare que esse foi o modelo que Jesus lhes deu. E eles seguiram esse modelo. Jesus revelou que o caminho para alcançar as massas era através de pequenos grupos que estavam experimentando genuína comunidade. Isso não excluía a pregação da Palavra, mas a pregação era apoiada pela estrutura de pequenos grupos. “A genialidade do ministério de Cristo foi que Ele Se dedicou primeiramente a umas poucas pessoas ao invés das massas, para que estas pudessem ser mais eficazmente alcançadas pelo evangelho.”¹

O grupo de doze foi a principal organização de Jesus para realizar a grande comissão. Ele não deu nenhum esquema elaborado, nenhum grande quadro organizacional; Ele simplesmente organizou e treinou um pequeno grupo. E Ele mudou o mundo, como já dissemos. Ele não estava preocupado em construir grandes instituições. Ele Se preocupava em edificar pessoas. Para Jesus, relacionamento era a coisa mais importante sobre a qual Ele falava. O Deus que vive em comunidade agora viera à Terra para dar aos homens uma demonstração viva do que significa pessoas vivendo juntas em comunidade. O motivo que fez a igreja primitiva entender o ministério do relacionamento tão bem foi que o havia visto sendo posto em prática pelo próprio Mestre.

O grupo dos doze foi formado por pessoas de todos os tipos de grupos e famílias que não funcionavam direito (disfuncionais). Tiago e João vieram de um lar onde a mãe sempre os impulsionou para tomar a frente das pessoas – para estarem no comando. O partido zelote, do qual Simão era membro, tentava conseguir o controle pela força militar. Mateus usava o poder de Roma para

cobrar impostos desnecessários da população. Este não é o tipo de gente que normalmente procuraríamos para construir uma comunidade. Contudo, Jesus escolheu essas pessoas para nos demonstrar que, apesar de virem de grupos e famílias disfuncionais, podem descobrir verdadeira comunidade nEle.

Às vezes, as pessoas acham que a única maneira de estabelecer uma boa comunidade é escolhendo as pessoas certas desde o início e não deixar entrar as pessoas problemáticas ou disfuncionais. Pessoas disfuncionais podem estragar grupos e ser um verdadeiro desafio. Contudo, o modelo do ministério de Jesus indica que essas pessoas podem ser radicalmente transformadas pelo evangelho, de modo a experimentarem verdadeira comunidade. Como todos nós somos de certo modo disfuncionais, o modelo de Jesus nos dá a esperança de que Ele pode nos transformar em pessoas que realmente vivem em comunidade com Ele e uns com os outros.

Por causa do envolvimento de Jesus com um pequeno grupo e pelo Seu exemplo em focalizar a maior parte de Seu ministério no desenvolvimento daquele grupo, é imperativo que as igrejas atuais estejam envolvidas no ministério de pequenos grupos. Dessa forma, elas moldam seu ministério pelo ministério de Jesus. É inconcebível que uma igreja edificada com base nas Escrituras possa existir sem o ministério de pequenos grupos, quando pequenos grupos foram a essência do estilo ministerial de Jesus.

Jesus simplesmente não selecionou os doze e desenvolveu-os para que pudessem realizar o ministério individualmente. A maior parte de Seu tempo foi passado tentando desenvolver comunidade entre eles. Eles não confiavam uns nos outros, inicial-

mente. Não eram abertos e vulneráveis uns com os outros, mas ao invés disso eram muito críticos. Jesus tinha que mudar tudo isso se fosse para eles representarem a nova comunidade que Ele estava criando – o novo Israel.

“Os ‘doze originais’ eram os doze filhos de Jacó – uma família. Jesus chamou os ‘novos doze’ para serem uma nova família. A antiga família de Jacó demonstrou significativa fraqueza sexual e espiritual: vendendo seu irmão à escravidão e massacrando vilas inteiras de pessoas vulneráveis. A nova família de Jesus foi chamada a sair de um modelo tão destrutivo de vida. Ela deveria ser a família dos reconciliados, bem como a família reconciliadora. Tinha que ser um grupo pequeno, e tinha que ser exclusivo (separado) para Jesus.”²

Para enfatizar a comunidade que desejava criar, Jesus usou palavras de família para descrever o relacionamento que deveriam ter uns com os outros. Deveriam chamar uns aos outros de “irmão” e “irmã”. Na verdade, a afirmação mais categórica sobre essa nova comunidade foi o que Ele disse em Mateus 12: “Falava ainda Jesus ao povo, e eis que Sua mãe e irmãos estavam do lado de fora, procurando falar-Lhe. E alguém Lhe disse: ‘Tua mãe e Teus irmãos estão lá fora e querem falar-Te.’ Porém Ele respondeu ao que Lhe trouxera o aviso: ‘Quem é Minha mãe e quem são Meus irmãos?’ E, estendendo a mão para os discípulos, disse: ‘Eis Minha mãe e Meus irmãos. Porque qualquer que fizer a vontade de Meu Pai celeste, esse é Meu irmão, irmã e mãe.’”³

A nova comunidade de Jesus transcendia a família natural. Pessoas que são atraídas a Ele devem ser parte de Sua nova família. O fato de Jesus ter usado termos de família para descrever o

relacionamento que os crentes deveriam ter uns com os outros e com Ele é uma indicação de que os relacionamentos estavam no próprio centro dessas novas comunidades. Chegar ao topo da pirâmide havia sido o foco principal antes, mas Jesus procurou estabelecer uma nova comunidade – o Éden restaurado –, onde o relacionamento fosse mais importante que a estrutura hierárquica. Assim, para salvar a humanidade, Jesus cria a comunidade. Os laços que existem na comunidade cristã devem ser tão próximos quanto os de uma família natural.

No ministério de Jesus, descobrimos não individualismo, mas comunidade. Jesus chama as pessoas a essa comunidade. Os crentes podem vir como indivíduos, mas são imediatamente colocados em contato com outros para que a comunidade possa ser estabelecida. Enquanto esteve na Terra, a principal prioridade de Jesus no estabelecimento de Sua igreja foi a criação de uma comunidade relacional.

Ao Jesus ministrar dentro dessa nova comunidade que estava desenvolvendo, Ele ensinou às pessoas como se relacionarem umas com as outras. E não era para viverem em inatividade. Jesus também enviou os discípulos para ministrar aos outros, porque uma parte da vida em comunidade consiste em ministrar fora da comunidade. Contudo, Jesus não os enviou ao ministério sozinhos. Ele os enviou de dois em dois, pois somente comunidade pode criar outra comunidade. Ministros que trabalham sozinhos criam cristãos individualistas que não vivem em comunidade, porque seu mentor não os evangelizou em comunidade.

Talvez tenha sido nossa falha em seguir a regra de Jesus de trabalhar “de dois em dois” que tenha produzido tantos cristãos

individualistas. O fato de que Jesus sempre ministrou em grupo e sempre enviou Seus discípulos em grupos de pelo menos dois deveria nos fazer pensar seriamente sobre nosso método de trabalhar sozinhos. Se formos cristãos bíblicos, seguiremos o plano do Mestre e trabalharemos em grupos, assim como Jesus nos ensinou. Por que parece ser tão estranho fazer exatamente como Jesus nos instruiu a fazer?

A questão financeira sempre surge neste ponto. A preocupação é de não podermos pagar o salário para que dois trabalhem juntos. Contudo, talvez devamos perceber que não podemos pagar o fracasso daqueles que não trabalham fora do ambiente de comunidade. Além disso, pode ser que tenhamos que pensar num novo tipo de funcionário remunerado que trabalhe num ambiente de comunidade, em lugar do ambiente individualista normal. Isso pode significar uma reestruturação do papel do clero ao voltarmos ao paradigma apostólico.

O fato de termos adotado um papel que não é bíblico para o pastor nos forçou, sem necessidade, a criar pastores que trabalham sozinhos. Contudo, ao começarmos a retornar ao modelo de ministério do Novo Testamento e não mais sentirmos a necessidade de cada igreja ser tão dependente do pastor, será mais fácil criar ministérios em equipe. Tal arranjo é absolutamente necessário para a implantação de igrejas. Jesus definiu igreja da menor maneira possível como um pequeno grupo: “Em verdade também vos digo que, se dois dentre vós, sobre a Terra, concordarem a respeito de qualquer coisa que, porventura, pedirem, ser-lhes-á concedida por Meu Pai, que está nos Céus. Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em Meu nome, ali estou no meio deles.”⁴

É interessante notar que Jesus declarou que Ele estaria conosco especificamente ao nos reunirmos em grupos de dois ou três. Jesus Se manifestaria nessa comunidade reunida em Seu nome. Todas as declarações de Jesus de estar presente conosco são dadas num contexto de igreja em comunidade, não como indivíduos. Isso, é claro, não significa que Ele não esteja conosco individualmente, mas revela o grande desejo de Jesus de enfatizar as necessidades de grupos relacionais. Quando Jesus pensou na igreja reunida em comunidade, Ele tinha em mente os pequenos grupos. Atualmente usamos esse texto como uma forma de nos desculpamos quando a frequência está baixa. Jesus proclamou essas palavras para nos ajudar a entender que os pequenos grupos são a própria essência da igreja. Não podemos ter uma igreja sem que os pequenos grupos sejam o lugar especial onde Jesus habita entre Seu povo.

“A resposta de Jesus aos discípulos nesse contexto sugeria que não havia quem fosse maior, mas que onde estivessem ‘dois ou três reunidos’ – onde quer que esteja um pequeno grupo reunido com a inocência infantil, em conformidade, em perdão, reivindicação e reconciliação – Jesus no meio deles traria grandeza a todos juntos.”⁵

Jesus está nos dizendo que o pequeno grupo é a igreja, não uma parte da igreja, mas sua própria essência. É essa comunidade reunida dos “doze” que se torna a igreja. Em vez de olharmos os pequenos grupos como sendo outro programa da igreja, precisamos começar a olhar para eles como sendo *a* igreja, pois é isso que Jesus declarou que eles são. Novamente perguntamos: cremos nEle ou não?

Na igreja moderna, olhamos os pequenos grupos como mais um programa a ser acrescentado. Para Jesus, contudo, um pequeno e atencioso grupo é a igreja em sua totalidade. O modelo de igreja que Ele criou não foi de uma igreja grande, mas de pequenos grupos que vivem em comunidade aberta e honesta uns com os outros. Isso não quer dizer que igrejas grandes são um erro. A igreja grande pode ser um lugar de ministério efetivo, desde que seja um conjunto de pequenos grupos. Se for somente um grupo grande, não é uma igreja do Novo Testamento. No contexto do Novo Testamento, igrejas grandes deveriam ser o agrupamento de muitos pequenos grupos que formam a igreja.

A IDÉIA DE JESUS SOBRE COMUNIDADE EM PEQUENOS GRUPOS

No coração do ministério de pequenos grupos de Jesus está a idéia de comunidade. Os pequenos grupos não existem simplesmente por amor ao pequeno grupo. É meramente o meio usado para o estabelecimento de comunidade. Jesus reconheceu que os pequenos grupos eram a melhor forma de atingir esse objetivo. Em Seu ministério, nota-se que Jesus tinha interesse que a comunidade fosse desenvolvida entre Seus seguidores. Essa parece ser uma das mais importantes tarefas que Ele procurou realizar. Ele sabia que, se Seus seguidores não pudessem se relacionar uns com os outros, jamais conseguiriam trazer outros à comunidade. Por esse motivo é que Jesus passou tanto tempo buscando desenvolver genuína comunidade entre os seguidores disfuncionais que Ele chamara ao ministério.

O interesse de Jesus em comunidade brota de Seu relacionamento com a Trindade e da restauração da imagem de Deus na

humanidade. Se o processo de redenção envolve a completa restauração da humanidade à imagem de Deus, então é imperativo que haja comunidade na igreja que Cristo está estabelecendo na Terra. A compreensão que Jesus tem da igreja está em contraste direto com a compreensão individualista moderna da igreja: “O individualismo americano contraria isso quando alguém diz: ‘Eu posso adorar a Deus sozinho. Eu não preciso da igreja.’ Tal afirmação perde o valor e o motivo principal da ‘igreja’ como encontro pessoal e o fato de que Deus só pode ser conhecido por completo em comunidade como uma comunidade.”⁶

Não havia lugar para vida monástica na compreensão que Jesus possuía de comunidade. Não havia lugar para os que desejavam servir a Deus em isolamento. Alguns precisam servir em isolamento, é claro, mas isso jamais deve ser feito por escolha. Para Jesus, a essência da igreja é envolvimento em comunidade. Ele não poderia conceber a igreja através de nossa compreensão individualista ocidental. Jesus sabia que o crescimento espiritual ocorre somente quando as pessoas vivem em comunidade.

Evidentemente, envolvimento em comunidade não é uma opção para o cristão, é o próprio cristianismo. Os adventistas têm sido grandes intérpretes do sacerdócio de todos os crentes. Não é somente parte da nossa herança da Reforma, é nosso direito do Novo Testamento. Nós claramente entendemos que o sacerdócio indica a habilidade de cada crente de ir diretamente a Deus sem nenhum mediador, exceto Cristo. Contudo, há uma outra parte do sacerdócio que jamais devemos esquecer: as pessoas não podem ser sacerdotes à parte da comunidade onde servem. Não existe algo como um povo ser sacerdote para si mesmo. Ser sacerdote significa estar

em comunidade. Já que um sacerdote deve servir outros dentro da comunidade, e já que todos os crentes na comunidade são sacerdotes, então o sacerdócio de todos os crentes é um chamado a todos os cristãos para ministrarem uns aos outros.

É nesse sentido que todas as passagens que citam “uns aos outros”, no Novo Testamento, tornam-se muito significativas, pois descrevem o ministério do sacerdote – o ministério do cuidado mútuo. Esse tipo de cuidado só pode ser oferecido em comunidade. Portanto, o sacerdócio de todos os crentes exige que todos os sacerdotes vivam em comunidade. Qualquer coisa menos que isso é uma rejeição da compreensão do Novo Testamento sobre o sacerdócio de todos os crentes.

Nessa compreensão do novo sacerdócio que Jesus estabeleceu e dos pequenos grupos que se tornaram a igreja do Novo Testamento, Jesus estabeleceu um novo modelo de igreja. É um modelo que ensina os crentes a dependerem uns dos outros, ao invés de focarem em si mesmos. É o modelo plenamente desenvolvido nas igrejas-lar, descrito no livro de Atos, que examinaremos no próximo capítulo.

Tão importante foi o estabelecimento da comunidade para a igreja do Novo Testamento que Jesus até instruiu os discípulos a esperarem que o Espírito da verdade estabelecesse a igreja no Pentecostes, antes de saírem para dar o testemunho verbal da ressurreição. O testemunho da fé só pode ser adequadamente dado por meio do estabelecimento de uma comunidade de fé. Jesus não queria estabelecer um evangelho individualista. Ele desejava formar uma igreja onde as pessoas são cuidadas e testemunham em comunidade. Inerente à compreensão de Jesus sobre a comunidade

está a necessidade de essas comunidades serem reprodutivas. Comunidades genuínas e saudáveis se reproduzirão. Portanto, um pequeno grupo ou igreja que não esteja se reproduzindo, estabelecendo novas comunidades relacionais, é uma igreja doentia. Simplesmente ter pequenos grupos numa igreja não gera comunidade. Essas comunidades precisam se reproduzir, se forem saudáveis em seu núcleo.

É por essa razão que Jesus é um dos maiores expoentes de pequenos grupos que o mundo já viu. Ele criou o grupo perfeito, e esse grupo mudou o mundo. Os discípulos não eram perfeitos quando entraram no grupo, mas através do cuidado do grupo eles se transformaram. Jesus mostrou que o crescimento cristão não pode ocorrer à parte do envolvimento na vida em grupo. “Desse modo, a comunidade cristã é um lugar onde podemos começar a praticar a vida cristã juntos. Precisa ser um lugar onde podemos ser bem-sucedidos ou mesmo falhar, mas numa atmosfera de aceitação e aderência à lei de Deus.”⁷

É plano de Deus e desejo de Jesus que os cristãos cresçam em pequenos grupos. O propósito dos pequenos grupos não é só se encontrar para estudar a Bíblia. É dar aos cristãos um lugar onde possam crescer juntos. Se conhecimento intelectual é a única coisa que está sendo obtida através do estudo da Bíblia, então o pequeno grupo é um fracasso, porque seu verdadeiro propósito é crescimento espiritual, não só a obtenção de conhecimento.

Na busca de estabelecer pequenos grupos no adventismo, tem havido muita preocupação sobre grupos relacionais. “Pequenos grupos são bons, desde que se atenham ao estudo da Bíblia”, é o que muitos dizem. Parece que temos medo de desenvolver re-

lacionamentos profundos em comunidade. Contudo, esse é o verdadeiro propósito dos pequenos grupos, de acordo com Jesus. Grupos que optam somente pelo estudo intelectual da Bíblia são, de certo modo, disfuncionais. Precisamos estar num grupo para que possamos nos responsabilizar por nossa vida em Cristo, cuidar realmente uns dos outros e testemunhar adequadamente de Cristo. Talvez tenhamos medo de grupos relacionais porque não queremos ser responsáveis uns pelos outros, não queremos cuidar uns dos outros, ou testemunhar. Grupos intelectuais são “seguros”. Não precisamos ser abertos ou vulneráveis uns com os outros. Mas tais grupos não criam verdadeiros cristãos, só pseudocristãos. Isso não significa que crescer em conhecimento da Bíblia seja ruim – cristãos devem crescer em entendimento da Palavra. Porém, se o que ocorre é apenas crescimento intelectual, esse não é um grupo genuíno do Novo Testamento. Grupos do Novo Testamento crescerão tanto em conhecimento da Bíblia quanto em relacionamento uns com os outros.

Pequenos grupos relacionais são o coração do cristianismo, e devem ser o coração da Igreja Adventista do Sétimo Dia, se estivermos falando sério sobre sermos a igreja de Jesus – pois a igreja de Jesus é uma igreja baseada em relacionamentos. Uma igreja relacional é uma das maiores necessidades de um mundo que está faminto por relacionamentos. Do mesmo modo, o desenvolvimento de uma igreja relacional é uma das maiores necessidades hoje. Deus nos ajude a levar a sério o desenvolvimento de uma igreja relacional. O segredo disso, de acordo com Jesus, é desenvolver uma igreja de pequenos grupos, cujos membros vivam em comunidade.

Referências

1. John Mallison, *Growing Christians in Small Groups* (Sydney, Austrália: Anzea Publishers, 1989), pág. 3.
2. Icenogle, *Biblical Foundations*, pág. 207.
3. Mateus 12:46-50.
4. Mateus 18:19 e 20.
5. Icenogle, *Biblical Foundations*, pág. 227.
6. Icenogle, *Biblical Foundations*, pág. 258.
7. Jeffrey Arnold, *The Big Book on Small Groups* (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1992), págs. 73 e 74.

O Pentecostes estabelece a igreja relacional

Durante todo o Seu ministério, Jesus direcionou Seus discípulos para uma igreja relacional, onde pessoas viviam juntas em comunidade, enquanto eram restauradas da ruína da humanidade. Dessa comunidade familiar deveria partir o evangelismo. Com a explosão do poder do Espírito Santo no Pentecostes, a igreja cresceu em número e espiritualidade. Como era essa nova comunidade de crentes? Era simplesmente um grande grupo de pessoas que se encontravam uma vez por semana para adorar a Deus? Repare no testemunho bíblico da vida na comunidade cristã primitiva, a igreja em Jerusalém, logo após o Pentecostes: “Então, os que lhe aceitaram a palavra foram batizados, havendo um acréscimo naquele dia de quase três mil pessoas. E perseveraram na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações.”¹

Quando os três mil foram batizados, eles imediatamente se envolveram com quatro coisas: estudo, comunhão, alimento e oração. Eles não só se envolveram, mas as Escrituras declaram que eram devotos dessas quatro coisas. Duas dessas quatro – alimento e comunhão – são inquestionavelmente atividades de grupo. Já

que essas duas coisas requerem um ambiente de pequeno grupo, é seguro afirmar que as duas outras atividades – estudo e oração – também ocorriam num ambiente de pequeno grupo.

Isso sugeriria que a igreja primitiva, imediatamente após o Pentecostes, já estava dividida em pequenos grupos. Embora três mil tenham se tornado discípulos de uma só vez, eles logo são vistos tomando parte nas atividades de pequenos grupos. Como foram organizados tão rapidamente? Provavelmente dividir pessoas em pequenos grupos foi o plano que Jesus lhes mostrara. O modelo que Jesus usara, agora duplicado no ministério dos discípulos, revela que ministrar às pessoas em pequenos grupos é parte vital do plano divino. Os discípulos muitas vezes tinham visto Jesus falar às multidões e então dividir as pessoas em grupos para que os discípulos interagissem com elas e respondessem suas perguntas. Como esse foi o método que Jesus lhes ensinara, não é de se surpreender que eles imediatamente tenham organizado a igreja recém-nascida em grupos.

Essa vida de pequenos grupos é vista enquanto a igreja continua a crescer espiritual e numericamente: “Todos os que creram estavam juntos e tinham tudo em comum. Vendiam as suas propriedades e bens, distribuindo o produto entre todos, à medida que alguém tinha necessidade. Diariamente perseveraram unânimes no templo, partiam pão de casa em casa e tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de coração.”²

Aqui descobrimos que o compartilhar do alimento era feito nos lares, o que sugere que os crentes não se encontravam todos em um só lugar, mas em muitos lares diferentes. A logística de encontrar um local em Jerusalém onde mais de três mil pessoas pudessem

se reunir todos os dias teria sido difícil, se não impossível. Evidentemente, os três mil foram imediatamente divididos em pequenos grupos, onde eram cuidados e alimentados pelos cento e vinte.

A igreja estabelecida no Pentecostes não se reunia como um grande corpo em um único local. Ela imediatamente se tornou uma igreja de pequenos grupos. A presença de três mil pessoas ou mais se encontrando em um lugar em Jerusalém todos os dias teria criado uma unidade política forte que teria de ser enfrentada. Isso poderia parecer vantajoso no momento para os discípulos politicamente motivados, mas Jesus lhes havia dado um modelo a seguir. Esse modelo não era somente um corpo grande, mas também pequenos grupos. Em obediência ao Mestre, eles imediatamente criaram uma estrutura de pequenos grupos na igreja. Era impossível ser cristão na igreja primitiva sem fazer parte de um pequeno grupo. Os pequenos grupos foram a estrutura sobre a qual os crentes primitivos estabeleceram sua igreja.

As atividades dos pequenos grupos da igreja primitiva consistiam de quatro coisas: o estudo dos ensinamentos de Jesus, que eles aprendiam dos apóstolos, comunhão, o partir do pão e oração. Todas são atividades de pequenos grupos. No ambiente de pequenos grupos a igreja primitiva fazia *estudos bíblicos*. Com poucas pessoas presentes, não era uma conversa unidirecional, mas um diálogo, onde os crentes podiam fazer perguntas. Embora, sem dúvida, ocorressem ensinamentos didáticos, era sempre num forte ambiente de pequenos grupos.

Isso não significa que se reunir em grandes grupos seja errado. A igreja primitiva tinha grandes reuniões também. Contudo, essas grandes reuniões pareciam ser de natureza evangelística. Elas não

ocorriam para o cuidado semanal ou diário dos santos. Após terem aceitado a Cristo, as pessoas parecem ter se reunido regularmente em pequenos grupos, ao invés de em grandes reuniões com pregações. É claro que a fundação da igreja primitiva foi baseada numa estrutura de pequenos grupos em vez de em grandes grupos.

O segundo aspecto da vida na igreja primitiva era a *comunhão*. Os crentes não se reuniam apenas para estudos e então iam embora. Intercalado com seus estudos havia o tempo para a comunhão. A forma dessa comunhão não é descrita nas Escrituras, mas os resultados são claros. O livro de Atos declara que eles compartilhavam tudo. De alguma forma, através dos ensinamentos que compartilhavam, eles viram a necessidade imediata de suprir uns aos outros. De boa vontade, os crentes venderam suas posses para ajudar seus irmãos. Esse é o tipo de comunhão mais próxima possível. Jesus ensinou que a igreja deveria ser uma nova família, uma comunidade que curasse a fragmentação da humanidade. A comunhão que ocorria nessa igreja primitiva demonstrava que os ensinamentos de Jesus estavam operando. As Escrituras declaram que “tinham tudo em comum”. Era uma sociedade totalmente aberta. O ato de se esconder, vindo do Éden caído, fora removido e os crentes podiam abertamente compartilhar suas dúvidas, suas lutas, seus problemas. Não havia julgamentos, mas verdadeiro cuidado uns pelos outros. Todos os aspectos da comunidade disfuncional e defeituosa que haviam se alastrado pelo mundo estavam sendo removidos na comunhão daqueles cristãos primitivos. Na realidade, a comunhão estava no próprio centro do que significava ser cristão na igreja primitiva.

O terceiro aspecto da vida na igreja primitiva era que *comiam juntos*. Uma das melhores maneiras de se criar vínculo num grupo é

comer juntos. Isso anda de mãos dadas com a comunhão. A comunhão era tão grande na igreja primitiva que esses crentes comiam juntos todos os dias. O partir do pão era feito nos lares; não era uma grande reunião com um ato simbólico de partir o pão. Era comunhão verdadeira com alimento compartilhado.

O quarto e último aspecto da vida na igreja primitiva é descrito como *tempo de oração*. As pessoas não só estudavam, comungavam e comiam juntas, mas também oravam juntas. Orar em grupo cria comunidade e espiritualidade fortes. Quando as pessoas compartilham abertamente suas necessidades de oração umas com as outras, o grupo se torna intimamente ligado. Até hoje percebemos que nos aproximamos daqueles com quem oramos regularmente. Já que a oração ocorria em pequenos grupos diariamente, podemos facilmente imaginar que essa atividade uniu os crentes primitivos na mais íntima harmonia.

O que aconteceu no livro de Atos logo após o Pentecostes tem sido chamado, corretamente, de o nascimento da igreja, mas muitas pessoas não entenderam que tipo de igreja foi estabelecida. Muitos pensam que foi uma grande igreja se reunindo em um único grupo. Poucos atentaram para o tipo de igreja que surgiu com o movimento do Pentecostes. Como vimos, foi uma igreja em que o Espírito Santo espalhou os crentes em vários pequenos grupos. Dentro desses grupos eles poderiam criar o tipo de igreja que Jesus vislumbrou, uma comunidade em que as pessoas realmente cuidavam umas das outras. Essa é a igreja do Novo Testamento e do livro de Atos. Não é uma igreja *com* pequenos grupos, mas uma igreja *de* pequenos grupos. Comunhão verdadeira estava ocorrendo nessa igreja. A palavra grega traduzida aqui é *koinonia*. Essa palavra

expressa a mais íntima comunhão que ocorria entre os discípulos: “*Koinonia* expressa algo novo e independente. Denota a unanimidade e unidade trazidas pelo Espírito. O indivíduo era completamente mantido pela comunidade.”³

A comunidade havia sido restaurada. A separação da queda havia sido restaurada. A missão de Jesus de curar o que havia sido danificado e pôr em liberdade os oprimidos (Lucas 4:18) foi realizada na igreja estabelecida pelo Pentecostes. A fragmentação da humanidade estava em processo de ser curada por meio das comunidades saudáveis estabelecidas pelos apóstolos. Os crentes tinham tanto cuidado uns pelos outros que, de boa vontade, vendiam seus bens para ajudar a prover para o bem comum. Nunca antes, desde a queda, existiram comunidades tão saudáveis nesse planeta. Essas comunidades redentoras foram estabelecidas não por genialidade humana, mas pelo divino Espírito de Deus. O Espírito ajudou os crentes primitivos a estabelecerem pequenos grupos onde era possível ocorrer cura e restauração. Verdadeiramente essa foi uma obra de Deus em meio a Seu povo.

Alguns podem achar que a igreja primitiva se reunia em lares por causa da perseguição. Contudo, nos primeiros dias, o cristianismo era considerado uma seita do judaísmo e, portanto, não era ilegal. A perseguição ocorreu mais tarde. É verdade que os cristãos eram perseguidos pelos judeus, mas não parece ter nada de secreto sobre as reuniões dos crentes. Seria difícil esconder três mil pessoas se reunindo diariamente nos lares em uma única cidade. Mesmo que as autoridades não soubessem o número de pessoas envolvidas tão facilmente como se estivessem se reunindo em um único lugar, ainda saberiam que era um grupo considerável.

O motivo para as reuniões em pequenos grupos não era só político. Os discípulos poderiam ter encontrado vários pequenos salões para se reunir, mas escolheram os lares, o que limitava o número de crentes em cada localidade. Creio que eles deliberadamente escolheram os lares como locais de reuniões para limitar o tamanho do grupo de modo que uma verdadeira comunidade pudesse ocorrer. Mesmo as melhores casas do primeiro século, em Jerusalém, podiam acomodar no máximo umas trinta pessoas.⁴ E eram os lares de pessoas de poder aquisitivo elevado. Poucos lares satisfariam essas especificações, o que significa que a maioria das igrejas consistiria de menos de trinta. Muitas, sem dúvida, consistiam de somente dez ou quinze. Tantos locais de reuniões podiam rapidamente dar a impressão de que os cristãos estavam por toda parte. E estavam mesmo!

Evidentemente, os crentes aprenderam algo dos ensinamentos de Jesus, o que fez com que desenvolvessem uma igreja centralizada nos lares em vez de em grandes reuniões. Jesus até celebrou a Santa Ceia num lar. Por que os cristãos escolheram se reunir em lares? Porque Jesus modelou esse ambiente de comunidade, e eles simplesmente seguiram Seu exemplo. Como Robert Banks observou, a característica familiar da igreja primitiva requeria que as reuniões fossem realizadas nos lares, porque os lares proviam a atmosfera mais propícia para os cristãos darem expressão à fé que possuíam em comum.⁵

A igreja primitiva pode ter se reunido em um só lugar, mas tais reuniões parecem ter sido a exceção em vez da regra. O local habitual para essas reuniões era o lar. Embora o cristianismo fosse estabelecido por todo o Império Romano, o lar continuou a ser o principal local

de reunião da igreja primitiva. Isso obrigou a igreja a permanecer pequena e multiplicar novos grupos ao crescer, em vez de se centralizar. Durante os primeiros trezentos anos da Era Cristã, a igreja se reuniu em lares. Locais especiais de reuniões não foram construídos nesse período, e mesmo os que foram eram pequenos comparados com as grandes estruturas construídas posteriormente.

Conquanto a igreja em Jerusalém e em outros locais consistisse de muitos pequenos grupos se reunindo por toda a cidade, os grupos não eram independentes uns dos outros. Eles ainda formavam uma igreja. Às vezes, os vários grupos se reuniam; contudo, sua vida real ocorria nos pequenos grupos. Os doze apóstolos eram o vínculo em comum que unia os vários grupos. Embora cada grupo fosse vinculado aos outros, era uma comunidade completa em si mesmo. Eles não precisavam se encontrar com os outros grupos para serem a igreja, pois Jesus declarara que onde dois ou três se reunissem em Seu nome Ele estaria presente. Isso fazia de cada uma dessas comunhões em lares uma igreja em seu mais amplo sentido, apesar de estarem vinculadas a um corpo maior. Todos faziam parte da comunhão única que desfrutavam em Cristo, mas a comunhão mais íntima ocorria quando os crentes se reuniam nos lares individuais.

Essa igreja primitiva em Jerusalém tinha tanto uma liderança centralizada nos doze apóstolos como uma descentralizada nos pequenos grupos que existiam por toda a cidade. Como estavam interligados não está claro nas Escrituras. Porém, sabemos que a igreja primitiva era principalmente uma igreja de pequenos grupos. Os líderes para esses pequenos grupos nos lares tinham que ser treinados rapidamente para suprir as necessidades da igreja em expansão.

A igreja continuou a expandir seus grupos conforme o número de membros aumentava.

O livro de Atos deixa claro que a igreja inicialmente criada pelo Pentecostes estava centralizada na comunhão em pequenos grupos. Tal ambiente continuou por quase trezentos anos, até que a igreja foi institucionalizada na época de Constantino. O mais incrível é que a igreja foi capaz de se multiplicar e crescer mais rapidamente sem prédios, sem instituições e até sem reuniões em massa. A igreja centralizada na comunidade foi a norma para os cristãos dos primeiros trezentos anos. “Antes ou durante, com ou sem perseguição, participação ativa numa igreja-lar não era considerada uma opção – era a norma!”⁶

Outro fator que não pode ser ignorado é que essas igrejas-lares se tornaram o centro de toda atividade cristã. Conforme a igreja se espalhava além de Jerusalém, os líderes primitivos iniciavam uma igreja, treinavam anciãos para cuidar dela, e então iam embora. As igrejas-lares tinham que prover seu próprio cuidado. Nenhum pastor era imposto de fora. Uma igreja institucionalizada, com um grande número se reunindo num só local, não poderia ter fornecido o cuidado necessário. Tinha que ser descentralizada, e a reunião do pequeno grupo no lar era ideal. Essa igreja podia realmente refletir a comunidade de Cristo, sem limitar os recursos para manter uma congregação espiritualmente saudável. O clero estava livre para continuar implantando novos grupos de crentes em todo o mundo, treinando-os num ambiente de pequenos grupos para serem comunidades de fé que ministravam cuidados mútuos.

Atualmente, a igreja se afastou da norma do Novo Testamento. Nossas igrejas institucionais deixam de prover comunidade, e

desdenhamos a igreja-lar como uma relíquia do passado. Contudo, o movimento moderno de pequenos grupos pode nos ajudar a revitalizar e restabelecer essa parte esquecida da missão de Cristo. O princípio que obtemos da igreja primitiva é que a igreja de Jesus deve existir em comunidade, não somente em prédios, programas e reuniões de grandes grupos.

É hora de redescobrir nossas raízes e devolver a igreja à sua herança apostólica – uma igreja edificada no fundamento de Cristo e dos apóstolos. Essa igreja vive realmente em comunidade; seu povo provê cuidado uns para os outros num ambiente de pequenos grupos. Na época do Novo Testamento, os pequenos grupos não eram uma opção; também não podem ser uma opção para a igreja do século 21. Está na hora de remodelar a igreja local em torno de pequenos grupos e retornar ao modelo de ministério da igreja primitiva.

Referências

1. Atos 2:41 e 42.
2. Atos 2:44-46.
3. Colin Brown, ed., *The New International Dictionary* (Grand Rapids: Zondervan, 1971), vol. 1, pág. 642.
4. Robert Banks, *Paul's Idea of Community* (Peabody, MA: Hendrikson, 1996), pág. 35.
5. Ibidem, pág. 56.
6. Neal F. McBride, *How to Lead Small Groups* (Colorado Springs, CO: NavPress, 1990), pág. 19.

Paulo implanta igrejas relacionais por todos os lugares

J á que a maior parte do livro de Atos pormenoriza o ministério do apóstolo Paulo, escolhemos examinar o ministério dele neste capítulo, separadamente. No capítulo anterior, analisamos somente o início da igreja cristã, por ocasião do Pentecostes. Neste capítulo, examinaremos o trabalho de Paulo, como foi delineado em Atos e nas epístolas.

O apóstolo Paulo foi o maior exportador do cristianismo no primeiro século. Suas viagens missionárias estabeleceram o cristianismo por todo o mundo romano. Examinar o tipo de igreja que Paulo estabeleceu nos ajudará a entender mais claramente o início do cristianismo e descobrir se a igreja relacional estabelecida no Pentecostes foi uma moda passageira ou uma estrutura permanente, inerente à teologia dos apóstolos.

Fica muito claro, ao examinarmos os escritos de Paulo, que o Pentecostes tinha definido a norma para a igreja capacitada pelo Espírito Santo que se desenvolveu no primeiro século. O que se iniciou

no Pentecostes continuou por toda a era apostólica. O apóstolo Paulo continuou a implantar igrejas pelo modelo do Pentecostes em vez do modelo institucional. Esse modelo institucional de igreja que operamos hoje era desconhecido na experiência da igreja primitiva. Não que o modelo não existisse, pois o judaísmo havia claramente degenerado para uma igreja institucional quando o cristianismo teve início. Se os apóstolos tivessem copiado algum sistema, provavelmente teria sido o sistema da religião judaica com o qual estavam familiarizados. Em vez disso, escolheram criar um sistema completamente novo, baseado em comunidade e não numa estrutura institucional. Foi isso que Jesus lhes ensinara, e o Pentecostes havia autenticado Seu ensinamento e levado ao estabelecimento de uma igreja relacional, baseada em comunidade, nos pequenos grupos.

Só Jesus teve mais influência na formação da igreja cristã do que o apóstolo Paulo. Os escritos paulinos compreendem um terço do Novo Testamento, e a maioria das primeiras igrejas implantadas na Ásia foi resultado de seu trabalho. Portanto, sua influência na formação da igreja cristã é fundamental e deve ser examinada com muito cuidado.

Em obediência às instruções de Cristo de irem de dois em dois, Paulo começou suas viagens missionárias em comunidade com outros discípulos. Às vezes, foram Paulo, Barnabé e Marcos; de outras vezes, ele foi acompanhado por Silas. Paulo e seu companheiro não procuravam simplesmente fazer discípulos dos indivíduos, mas continuamente buscavam alcançar o *oikos* [o grupo] dos que evangelizavam.¹ A igreja primitiva praticava o ministério em equipe. Não havia obreiros que trabalhassem a sós nas igrejas do

primeiro século, porque evangelismo era sempre feito em comunidade, como Jesus havia ordenado. É preciso comunidade para criar comunidade. Obreiros sem parceiros produzem instituições e não comunidades. É por isso que a dupla, a menor comunidade, é dada por Jesus como a menor equipe evangelística. Jesus nunca envia pessoas sozinhas. Contudo, o evangelismo do século 21 se tornou uma questão solitária, com indivíduos trabalhando sozinhos para ganhar pessoas, uma a uma. Talvez hoje precisemos novamente ouvir a ordem de Jesus e sairmos de dois em dois.²

Evangelismo, no cristianismo do primeiro século, era sempre feito por uma comunidade e focalizava uma comunidade. A razão para isso era que Cristo havia comissionado uma nova comunidade, e Ele modelara evangelismo comunitário por todo o Seu ministério. Os primeiros discípulos não podiam evitar isso. Eles foram treinados por Jesus e praticavam o que aprenderam. No modelo da igreja primitiva, não há cristianismo sem comunidade. Ninguém pode ser cristão sem ser parte da comunidade.

Em nosso mundo moderno, muitas pessoas acham que é possível ser cristão e não ser parte de uma comunidade cristã, uma igreja. Acham que podem adorar a Deus sem se envolver com a igreja. Tal conceito é totalmente estranho para os cristãos do Novo Testamento, que compreendiam a igreja como comunidade. É claro que só pertencer à igreja não garante que se tenha tornado parte da comunidade, mas é impossível se ter comunidade em isolamento.

Repare nos comentários iluminados de Robert Banks sobre como Paulo associou salvação com pertencer a uma comunidade: “Podemos ver quão intimamente a compreensão de Paulo sobre

liberdade ou salvação está vinculada com sua idéia de comunidade. Ele não vê a salvação como uma simples transação entre o indivíduo e Deus. Antes de se encontrarem com Cristo, as pessoas pertencem a uma comunidade, embora suas ações as inclinem a buscar seus próprios interesses (ou os de seu círculo imediato). E é para uma nova comunidade que sua reconciliação com Deus em Cristo as traz, embora experimentem esse acontecimento como algo pessoal.”³ “Abraçar o evangelho é, portanto, entrar em comunidade. Não se pode ter uma coisa sem a outra.”⁴

Desse modo, Paulo estabeleceu igrejas projetadas para serem comunidades. Não eram grandes fortalezas ou catedrais. Eram pequenas igrejas-lares onde as pessoas podiam entrar em verdadeira comunidade com outros cristãos. Isso não foi um acidente. Foi uma estratégia deliberada de Paulo, em obediência ao modelo de Cristo. A estratégia de implantação de igrejas usada por Paulo estava diretamente de acordo com o que o Espírito Santo realizara no Pentecostes, ao estabelecer uma igreja relacional. A afirmação mais conclusiva de Paulo sobre comunidade encontra-se nas passagens paralelas de Romanos 12 e I Coríntios 12, nas quais ele discute os dons espirituais no contexto da unidade da comunidade de Cristo. Note um dos versículos-chave dessas passagens: “Porque assim como num só corpo temos muitos membros, mas nem todos os membros têm a mesma função, assim também nós, conquanto muitos, somos um só corpo em Cristo e membros uns dos outros.”⁵

Aqui Paulo enfaticamente declara que todos os cristãos são membros de um corpo – eles existem em comunidade. Todos podem funcionar de forma diferente, de acordo com seus dons, mas

são mutuamente dependentes uns dos outros. Não há lugar aqui para cristãos isolados. Ser cristão, de acordo com Paulo, é estar em comunidade com outros cristãos. Contudo, os crentes não deveriam ser simplesmente parte do corpo. Eles deveriam também ser membros “uns dos outros”. Não era só fazer parte dos membros de um corpo que preocupava Paulo, mas que os crentes tivessem mútua dependência na comunidade. Se Paulo estiver certo, então os membros da igreja que não estão vivendo em comunidade com outros cristãos, sendo mutuamente dependentes uns dos outros, não são realmente cristãos no sentido do Novo Testamento. Ser cristão é estar incluído num grupo que provê cuidado. Qualquer grupo que não seja esse tipo de comunidade com cuidados mútuos não é a igreja de Cristo, qualquer que seja sua alegação do que é a verdade. Verdade é mais do que uma crença correta, por mais importante que isso seja. A verdade também deve ser vista na vida dos que aceitaram a Cristo e que estão vivendo em obediência a Ele. Tal obediência exige que cristãos vivam em mútua dependência uns dos outros. Esse é o coração da compreensão de Paulo de comunidade.

Repare na descrição do apóstolo sobre essa comunidade que oferece cuidados: “O amor seja sem hipocrisia. Detestai o mal, apegando-vos ao bem. Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal, preferindo-vos em honra uns aos outros. No zelo, não sejais remissos; sede fervorosos de espírito, servindo ao Senhor; regozijai-vos na esperança, sede pacientes na tribulação, na oração, perseverantes; compartilhai as necessidades dos santos; praticai a hospitalidade; abençoai os que vos perseguem, abençoai e não amaldiçoeis. Alegrai-vos com os que se alegram e

chorai com os que choram. Tende o mesmo sentimento uns para com os outros; em lugar de serdes orgulhosos, condescendei com o que é humilde; não sejais sábios aos vossos próprios olhos. Não torneis a ninguém mal por mal; esforçai-vos por fazer o bem perante todos os homens; se possível, quanto depender de vós, tende paz com todos os homens.”⁶

A compreensão de Paulo sobre comunidade é muito clara nessa passagem. Ela está no coração de todas as passagens que dizem “uns aos outros” no Novo Testamento. Essas passagens, na realidade, surgem da compreensão teológica de Paulo de comunidade. É nessa comunidade que ocorre verdadeiro cuidado de uns pelos outros. Os cristãos não são chamados para servir a Deus separadamente, mas em comunidade com outras pessoas, onde podem cuidar uns dos outros, amar uns aos outros, se alegrar uns com os outros. Estas são as marcas registradas da genuína comunidade cristã.

Em I Coríntios 12, Paulo continua a discutir os dons espirituais na igreja. O Espírito pode conceder dons às pessoas individualmente, mas os dons não devem ser usados independentemente. Devem ser usados na comunidade. De acordo com Paulo, se todos os cristãos estiverem usando seus dons espirituais, a igreja estará completa. Nenhum indivíduo tem todos os dons. É por isso que é necessária a comunidade, para o compartilhamento dos dons que criarão a “integralidade” do corpo. Se um membro falhar em usar seus dons, o corpo sofre, assim como o corpo humano sofre quando falta uma mão. O corpo continua a existir, mas não pode funcionar tão efetivamente como quando todas as suas partes estão funcionando juntas. Essa é a essência da visão de Paulo sobre a igreja:

um corpo, com membros de funções diferentes trabalhando juntos harmoniosamente, sendo Cristo a cabeça.

Repare novamente o argumento de Paulo: “Porque, assim como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, constituem um só corpo, assim também com respeito a Cristo. Pois, em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um só Espírito. Porque também o corpo não é um só membro, mas muitos.”⁷

Eis o coração da teologia de Paulo sobre comunidade. Os cristãos são, na verdade, batizados no corpo. Não há nenhuma indicação aqui de alguém ser batizado sem se tornar parte da comunidade. Atualmente vemos pessoas sendo batizadas e não sendo incluídas em nenhuma comunidade cristã. Isso seria heresia para Paulo. O batismo era um ritual pelo qual o crente se unia à comunidade. No cristianismo do Novo Testamento, ninguém podia ser batizado sem se tornar parte da comunidade. Note, contudo, que o que Paulo vislumbra aqui não é simplesmente ser membro de uma igreja, mas a participação numa comunidade, que ele definiu em Romanos 12 como sendo mutuamente dependente e caridosa.

Após detalhar o exemplo do “corpo” nos versos 15-21, Paulo claramente adere à idéia de que estar em comunidade é cuidar dos que são mais fracos: “Pelo contrário, os membros do corpo que parecem ser mais fracos são necessários; e os que nos parecem menos dignos no corpo, a estes damos muito maior honra; também os que em nós não são decorosos revestimos de especial honra. Mas os nossos membros nobres não têm necessidade disso. Contudo, Deus coordenou o corpo, concedendo muito mais honra àquilo que menos tinha.”⁸

A idéia que Paulo tinha de comunidade é que aqueles membros da comunidade que são mais fracos devem receber atenção especial. São objeto de cuidados especiais e mais extenso trabalho. O cuidado e o trabalho não devem ser realizados pelo pastor da igreja, mas pelos outros membros. A idéia de contratar alguém para prover o cuidado pareceria absurda para Paulo. Ele a declararia uma heresia e o abandono da essência do cristianismo que Jesus estabeleceu. O cuidado mútuo dos membros é uma função do corpo, não algo que se contrate. Estar em Cristo é ser parte de uma comunidade onde membros cuidam uns dos outros. Todas as passagens do Novo Testamento que tratam do cuidado dos cristãos são sempre dirigidas ao corpo todo, nunca a uma pessoa contratada. O Novo Testamento fala muito sobre nutrir e cuidar, mas sempre no contexto do cuidado mútuo de uns pelos outros. Esse cuidado é necessário para sustentar a vida espiritual. Se contratarmos alguém para suprir esse cuidado, perderemos a força espiritual que esse “cuidado” deveria nos dar. É por isso que deve continuar sendo função do corpo.

Paulo encerra essa passagem com uma descrição bem clara de como é essa comunidade: “...para que não haja divisão no corpo; pelo contrário, cooperem os membros, com igual cuidado, em favor uns dos outros. De maneira que, se um membro sofre, todos sofrem com ele; e, se um deles é honrado, com ele todos se regozijam. Ora, vós sois o corpo de Cristo; e individualmente, membros desse corpo.”⁹

As duas passagens clássicas de Paulo sobre comunidade reforcem nossa compreensão de que a teologia paulina é consistente com a idéia de Jesus sobre comunidade. Jesus veio para formar

uma nova comunidade onde as pessoas realmente cuidassem umas das outras. Os crentes primitivos estabeleceram igrejas-lares que eram pequenas o suficiente para que as pessoas pudessem conhecer e cuidar umas das outras. Paulo, o teólogo, nos dá a base teológica para entendermos por que a igreja formou igrejas de pequenos grupos. O motivo pelo qual as igrejas-lares foram formadas não era simplesmente porque forneciam um lugar conveniente para se reunir ou porque o número de membros era pequeno demais para ter acomodações maiores. A formação de igrejas-lares veio em resposta à teologia da comunidade abraçada primeiro por Jesus e depois por Paulo. Só em pequenos grupos seria possível as pessoas se conhecerem suficientemente para desenvolverem verdadeira comunidade.

O desenvolvimento da igreja de pequenos grupos do Novo Testamento não foi um acidente, foi desígnio divino. Se entendemos a teologia de Paulo corretamente, então é imperativo que a igreja hoje projete uma igreja baseada em pequenos grupos de pessoas que vivam em comunidade. Isso significa que não devemos simplesmente *ter* pequenos grupos em nossas igrejas, mas que esses pequenos grupos devam *ser* a comunidade bíblica. Isso poderia significar o estabelecimento de igrejas-lares, mas não é obrigatório. Igrejas maiores podem criar comunidade se forem divididas em grupos menores. Para que isso aconteça, a liderança da igreja local e o pastor precisam estar dispostos a dar poder aos grupos e a seus líderes. É assustador, mas é bíblico.

Na maioria das igrejas, hoje, juntar-se a um pequeno grupo é opcional. Esse não pode mais ser nosso costume. Embora a transição seja lenta, se a igreja for sincera quanto a seguir a instrução de

Cristo, ela deve restaurar a comunidade. Isso requer restabelecer a igreja como um conjunto de pequenos grupos onde as pessoas possam realmente cuidar umas das outras. Frequentar as reuniões do grupo grande pode ser opcional, mas estar envolvido em pequenos grupos não pode. Atualmente, o envolvimento com um grande grupo no sábado de manhã é considerado uma obrigação dos cristãos e o envolvimento em pequenos grupos, na maioria das igrejas, é considerado opcional. Essa compreensão precisa ser invertida, se a igreja quiser seguir o modelo do Novo Testamento. Houve ocasiões em que todas as igrejas-lares de uma cidade se reuniram, como sugere I Coríntios 14:23, mas a conclusão é que a igreja consistia de pequenas igrejas-lares por toda a cidade, e só ocasionalmente se reuniam como um grande grupo.

Se a igreja primitiva consistia principalmente de pequenos grupos, isso implicaria numa maneira totalmente diferente de conduzir a igreja da que é atualmente praticada na maioria das igrejas, nas quais a primeira e principal atividade é reunir os crentes no culto de sábado de manhã. Na igreja típica, o modelo é o mesmo, não importa quantas pessoas estejam presentes, se cinco ou quinhentas. Os membros sentam em bancos ou cadeiras de frente para o púlpito. Olham as costas das pessoas e ouvem em silêncio enquanto o pastor apresenta um sermão. Podem cantar alguns hinos, mas participam da adoração mais como espectadores do que como participantes engajados na atividade.

Nesse ambiente é possível assistir sem nunca falar com outra pessoa. Não há comunidade. Contudo, cristianismo é comunidade. É verdade que muitas pessoas encontram comunidade na igreja, mas ela geralmente não é encontrada no culto, e sim em

atividades realizadas fora do culto ou na comunhão que os membros desfrutavam antes ou depois da reunião. Já que a maioria sai imediatamente após o culto, pouquíssimas pessoas estão encontrando verdadeira comunidade no sábado. O resultado é que bem poucas pessoas estão realmente encontrando a comunidade que Jesus tão ardentemente desejou que Seus seguidores vivessem. A situação atual surgiu porque definimos como principal atividade religiosa a freqüência aos cultos de sábado de manhã em vez do envolvimento em comunidade.

Outras pessoas acham que a razão de a igreja existir é adorar a Deus. Desse modo, não freqüentamos a igreja para encontrar comunhão, mas para adorar. Portanto, deveríamos ficar em silêncio e adorar a Deus durante a hora de culto, deixando a comunhão para outra hora. Pode ser verdade que a igreja exista para adorar a Deus, mas a falha aqui está na definição de “adorar”. Adoração é simplesmente estar em silêncio na igreja? Tal teologia é estranha ao Novo Testamento. Na realidade, a igreja do Novo Testamento não se reunia para adorar a Deus, mas para manter comunhão!

Jesus nos deu uma nova compreensão de adoração em Sua discussão com a mulher no poço de Samaria: “Disse-lhe Jesus: Mulher, podes crer-Me que a hora vem, quando nem neste monte, nem em Jerusalém adorareis o Pai. Vós adorais o que não conheceis; nós adoramos o que conhecemos, porque a salvação vem dos judeus. Mas vem a hora e já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque são estes que o Pai procura para Seus adoradores. Deus é espírito; e importa que os Seus adoradores O adorem em espírito e em verdade.”¹⁰

O local não deve ser o aspecto mais importante na adoração cristã. As pessoas não mais precisam ir a um lugar santo para adorar. A verdadeira adoração é definida como obediência a Cristo em cada ato da vida. Adoração não é algo que as pessoas fazem uma vez por semana no sábado de manhã, mas é uma atividade com a qual as pessoas se envolvem durante a semana. Adoração é a vida de obediência que as pessoas vivem para o Mestre. Paulo aprimora ainda mais essa nova teologia da adoração: “Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional.”¹¹

Paulo elabora o ensinamento embrionário de Jesus sobre a adoração declarando que a vida inteira do cristão é adoração. São os ministérios que os cristãos individualmente fazem por seu Mestre em harmonia com seus dons espirituais. O ministério dos dons espirituais é a verdadeira adoração, de acordo com Paulo. Na realidade, uma compreensão da adoração como sendo a utilização dos dons espirituais aparece no início da principal passagem teológica de Paulo descrevendo a igreja como uma comunidade. Portanto, segundo Paulo, a igreja não se reúne para adorar a Deus; em vez disso, ela adora a Deus em tudo que os membros fazem. Isso não quer dizer que as pessoas não adorem quando vão à igreja. Porém, elas adoram na igreja só porque isso é parte de sua vida, e tudo que fazem em sua vida é adoração. Por isso, é incorreto referir-se à principal atividade cristã como um “culto de adoração”. Tal conceito distorce a verdadeira compreensão bíblica de adoração e a reduz a uma atividade da igreja institucional em lugar da obediência na vida.

A idéia de o culto divino ser a principal função da igreja é uma relíquia da Idade Média. Inconscientemente, mais uma vez aceita-

mos a apostasia do passado como norma cristã e perdemos de vista que a verdadeira adoração é a obediência na vida. A igreja em apostasia primeiramente fez do culto institucional uma norma; o resultado foi o estabelecimento de uma hora de culto como o único requisito para cristãos. Poderia o adventismo estar seguindo o mesmo caminho ao elevar o culto de adoração como a principal função dos cristãos? O resultado final é uma hora por semana com Deus. O cristianismo deve afetar a vida inteira, não só uma hora por semana!

Na compreensão que Paulo tinha de adoração, as pessoas não se reuniam na igreja apenas com o propósito de adorar; elas iam para manter comunhão. No processo da comunhão, elas realmente adoravam a Deus. Comunhão é adoração. Tudo que o cristão faz, declara Paulo, é adoração. Para o apóstolo, o ponto focal das igrejas locais não seria o culto de adoração às 10h30, mas o relacionamento que ocorre com a comunhão.

Se a comunhão é a base racional bíblica para a igreja se reunir, então a igreja deve ser composta de pequenos grupos onde os indivíduos possam encontrar comunidade e relacionamento uns com os outros. A idéia de que as grandes reuniões da igreja são o principal encontro dos cristãos deve mudar. Isso não significa que as grandes reuniões não sejam necessárias ou importantes, mas que não devem ser o principal encontro dos cristãos, pois as pessoas não acham comunidade em tais reuniões. Na realidade, essas grandes reuniões são significativas somente quando os relacionamentos foram construídos nas reuniões de pequenos grupos da igreja.

O que a igreja primitiva fazia quando se reunia? Infelizmente, o Novo Testamento não nos dá um relato detalhado. Temos só umas poucas indicações. Atos 2:42 indica quatro principais atividades da

igreja quando esta se reunia: eles se dedicavam ao estudo dos ensinamentos dos apóstolos (estudo da Bíblia), comunhão, repartir o pão e oração. Paulo indica, em Efésios 5:19 e novamente em Colossenses 3:16, que essas reuniões incluíam o cantar de salmos, hinos e músicas espirituais. Devemos notar que todas essas atividades são participativas. O crente não é um mero espectador. Não parece haver qualquer indicação, no período do Novo Testamento, de um pregador regularmente apresentando sermões para a congregação. A pregação é quase sempre vista no contexto de apresentações evangelísticas para não-cristãos. Somente em raras ocasiões (Atos 20:7) é relatado o fato de as congregações do Novo Testamento ouvirem pregações como parte de sua reunião regular.

Já que esse é um “argumento do silêncio”, não significa que a pregação não ocorria ou que seja errado para a igreja essa prática. Só quer dizer que não há relato disso ter sido parte das atividades regulares da igreja primitiva. Contudo, parece estranho que a igreja atual tenha feito da pregação o foco central da adoração cristã, à luz do fato de que a pregação não é sequer mencionada como parte regular da adoração no Novo Testamento. A pregação era vital, necessária, e usada extensivamente para alcançar os não-cristãos; era para compartilhar as boas-novas, não para a manutenção dos santos.

Para evitar que o leitor presuma que eu estou sugerindo que abandonemos todo estudo da Bíblia e pregação, e nos tornemos totalmente relacionais como igreja, quero deixar bem claro que a igreja primitiva estudava os ensinamentos dos apóstolos e era dedicada a isso. A igreja jamais deve negligenciar o estudo da Palavra. O argumento apresentado aqui para ter experiências relacionais quando a igreja se reúne é no sentido de um acréscimo àquilo que já está sendo feito

atualmente, e não uma substituição. A igreja deve ministrar às pessoas tanto de forma doutrinária e intelectual quanto de forma relacional. Os adventistas não erraram pelo aspecto do conhecimento, mas erraram muito em negligenciar o aspecto relacional. Algumas sugestões serão oferecidas no último capítulo para ajudar nossa igreja a se aproximar da prática bíblica de cristãos se reunindo em comunidade.

O apóstolo Paulo ampliou nossa compreensão do modelo que Jesus deu de comunidade como norma para a igreja cristã. Ele nos deu a base teológica e modelos práticos para tal comunidade nas igrejas que ele implantou. Paulo trabalhou em comunidade com outros; ele ganhava pessoas em grupos (comunidades) e então colocava os novos crentes nas novas comunidades que estabelecia. Ele então desenvolveu um modelo de igreja radicalmente diferente da adoração judaica de seu tempo. Ele transformou a igreja de uma atividade espectadora em uma atividade participativa. A igreja, sob a liderança de Paulo, tornou-se não um culto que se frequentava, mas uma comunhão na qual se entrava.

Referências

1. Atos 16:15, 31-33.
2. Marcos 6:7; Lucas 10:1.
3. Banks, pág. 17.
4. Ibidem, pág. 27.
5. Romanos 12:4 e 5.
6. Romanos 12:9-18.
7. I Coríntios 12:12-14.
8. I Coríntios 12:22-24.
9. I Coríntios 12:25-27.
10. João 4:21-24.
11. Romanos 12:1.

O propósito do evangelismo

Não foram somente Jesus e Paulo que enfatizaram o cristianismo como comunidade; isso, como já vimos, era inerente à prática da própria igreja do Novo Testamento. O estudo de Jesus e Paulo ocupa a maior parte dos escritos do Novo Testamento. Contudo, nos poucos livros escritos além dos de Paulo e dos Evangelhos, também há evidências de comunidade como sendo a essência do cristianismo.

Talvez a afirmação mais definitiva sobre comunidade venha do apóstolo João, aquele que vivia na mais íntima comunidade com Jesus: “O que era desde o princípio, o que temos ouvido, o que temos visto com os nossos próprios olhos, o que contemplamos, e as nossas mãos apalparam, com respeito ao Verbo da vida (e a vida se manifestou, e nós a temos visto, e dela damos testemunho, e vo-la anunciamos, a vida eterna, a qual estava com o Pai e nos foi manifestada), o que temos visto e ouvido anunciamos também a vós outros, para que vós, igualmente, mantenhais comunhão conosco. Ora, a nossa comunhão é com o Pai e com Seu Filho, Jesus Cristo. Estas coisas, pois, vos escrevemos para que a nossa alegria seja completa.”¹

A razão para pregar o evangelho de Jesus Cristo, de acordo com João, é estabelecer comunidade. Não era só para salvar pessoas individualmente, mas para que pudessem ter comunhão com os que já viviam em comunhão com o Pai e Seu Filho. Do mesmo modo que o Pai e o Filho existem em comunidade com a igreja que Cristo estabeleceu, assim os que se unem a Cristo existem em comunidade com os outros que já foram trazidos à comunidade.

O propósito de nosso evangelismo é trazer pessoas à comunidade. Se tudo que fazemos é trazer as pessoas a um conhecimento da salvação e da verdade, mas falhamos em trazê-las à comunidade, temos fracassado em nossa missão cristã. Aqui, novamente, João está de acordo com Jesus e Paulo. A igreja não é um prédio, não é um credo; é comunhão. Existe com a finalidade de trazer outras pessoas à sua comunhão. Contudo, não é uma comunhão de qualquer indivíduo, mas de indivíduos que estão em comunhão com o Pai e o Filho.

João declarou que as comunhões vertical e horizontal não podem ser separadas. Se vivermos em comunhão com o Pai e o Filho, viveremos em comunhão uns com os outros. Aqui está um retorno à idéia original de comunidade em Gênesis, quando Deus, que vivia em comunidade com o Filho e o Espírito, ampliou a comunidade criando Adão e Eva, para viverem em eterna comunhão com a Trindade. O pecado quebrou esse relacionamento que, através de Jesus, foi restaurado. Assim como Deus criou Adão e Eva para ampliar Sua comunhão, do mesmo modo proclamamos a Cristo com o propósito de ampliar essa comunhão. A ampliação da comunhão pelo ato da criação agora é realizada por meio da aceitação do ato da redenção.

Comunhão, portanto, existe com o propósito de reprodução – criar mais comunhão. Comunhão de pessoas preocupadas consigo

mesmas, que não reproduzem, trata-se apenas de um ajuntamento de pessoas que se aproveitam do sistema. Grupos saudáveis se reproduzirão regularmente. Qualquer grupo (um pequeno grupo ou até mesmo uma igreja) que não esteja se reproduzindo regularmente e nem seja saudável não constitui comunhão bíblica. Inerente ao “DNA” que Deus colocou no primeiro grupo está o desejo de sair e “multiplicar”.

Comunhão com Cristo é impossível sem comunhão com outros cristãos. João disse que, se andamos na luz, temos comunhão uns com os outros e o resultado é que o sangue de Cristo nos limpa do pecado. Até a purificação do pecado ocorre em comunidade. I João 1:7 diz que o sangue de Cristo nos purifica do pecado ao andarmos na luz e entrarmos em comunhão com outros cristãos. Os que são purificados são colocados em comunidade, porque só assim podemos ser responsáveis e não repetir aqueles pecados.

Atualmente, porém, a maioria dos cristãos recua de grupos que requerem responsabilidade. Temos tanta preocupação com nossa imagem que não queremos que nem mesmo nossos amigos saibam que ainda somos pecadores necessitados da perdoadora graça de Cristo. Por isso, nos escondemos atrás de nossas máscaras e fingimos ser o que não somos. A declaração de João está totalmente em contraste com a tendência que os cristãos modernos têm de se esconder. Deus nos salvou para sermos uma comunidade de colegas pecadores, para que pudéssemos ser responsáveis uns pelos outros. Não devemos julgar uns aos outros, mas nos ajudar em nossa luta com o pecado. Não devemos estar nessa batalha sozinhos. É por isso que somos salvos para formar uma comunidade.

A passagem de I João é, provavelmente, uma das declarações mais definitivas encontrada em todas as Escrituras sobre o propósito

da igreja. O verdadeiro motivo para a existência da igreja é o estabelecimento de comunidade, ou comunhão. A comunhão, portanto, não é uma opção secundária da atividade cristã, mas biblicamente é a essência do que significa ser cristão. Não se pode ser cristão em isolamento. “Não é bom que o homem esteja só.” Deus nos criou para vivermos em comunidades, em dependência uns dos outros.

Uma das principais maneiras de criar comunidades na igreja moderna é por meio dos pequenos grupos. Cristãos que atualmente pertencem a uma igreja grande ainda podem encontrar a comunhão que Cristo idealizou para Sua igreja se também participarem de um pequeno grupo. Não que o pequeno grupo seja a solução para todos os problemas da igreja. Há bons grupos e maus grupos. Mas a comunidade não pode existir à parte de um grupo. Grupos podem criar comunidades boas e más. As igrejas adventistas deveriam estar ajudando as pessoas a encontrar boas comunidades, já que existem tantas comunidades más no mundo. Não há dúvida de que as pessoas viverão em comunidade. Faz parte da nossa natureza. A necessidade é que a igreja se torne uma comunidade que realmente ame e cuide. O pequeno grupo é o melhor meio de realizar isso. Contudo, simplesmente estar em um pequeno grupo não é a resposta, porque pode não haver comunidade naquele grupo em particular. Precisamos ajudar as pessoas a entrar em comunidade. Portanto, as igrejas adventistas precisam criar pequenos grupos que sejam verdadeiras comunidades e possibilitem às pessoas encontrarem comunhão neles.

O pequeno grupo é o lugar ideal para Jesus realizar Seu principal desejo de transformar as pessoas. Ele as transforma individualmente, mas também faz isso em grupos. A comunidade é o lugar para transformação. Por isso, a comunidade deve ser um lugar onde

seja seguro ser aberto e vulnerável, um lugar onde os indivíduos sejam considerados responsáveis por sua vida em Cristo, um lugar onde possam realmente crescer nEle.

Os grupos não só precisam ser abertos e seus membros mutuamente dependentes, mas também devem viver em interdependência com outros grupos. Cada grupo na igreja vive em dependência mútua de outros grupos na igreja, e a igreja inteira vive em dependência mútua de todas as outras igrejas da Associação e do mundo. Todos os membros de todo o corpo cristão devem viver em dependência mútua uns dos outros. Somente quando tal dependência mútua é reconhecida e apoiada é que a igreja pode realmente ser o povo de Deus vivendo em comunidade. Em Cristo não pode haver cristãos independentes, ou pequenos grupos independentes, ou igrejas independentes. Devemos todos viver nossa vida espiritual em dependência mútua uns dos outros.

Portanto, os pequenos grupos cristãos não devem estar isolados nem mesmo dos outros pequenos grupos. Esse é o plano ideal de Deus para Sua igreja. Os pequenos grupos mutuamente dependentes não só ministram uns aos outros, mas, por causa da interdependência dos grupos, também podem utilizar os recursos de outros grupos para membros com necessidades especiais. Se uma pessoa entra no grupo em estado de depressão, o grupo pode encaminhar essa pessoa a outro grupo que possa ajudá-la. Todos os grupos precisam uns dos outros. Acima de tudo, para que ocorra vida em grupo realmente saudável, deve haver espírito de abertura e aceitação nos grupos, a fim de que os membros possam compartilhar suas alegrias, tristezas, lutas, falhas e sucessos. Que Deus nos dê esse tipo de grupo na igreja hoje.

EVANGELISMO E PEQUENOS GRUPOS

Este livro claramente estabelece o fato de que os pequenos grupos eram uma parte vital da igreja do Novo Testamento. Eles são o lugar natural para que ocorra cuidado entre os membros. No entanto, pouco foi falado sobre a vantagem dos pequenos grupos como uma agência evangelizadora. Antes de deixar a compreensão do Novo Testamento sobre pequenos grupos, desejamos examinar o papel dos pequenos grupos no evangelismo.

Antes de continuar, é preciso deixar bem claro que os pequenos grupos não são o único meio de fazer evangelismo. Por exemplo, o Novo Testamento claramente menciona a pregação em público como uma das principais maneiras por meio das quais a igreja primitiva cresceu. Contudo, a igreja realmente bíblica se certificará de que todas as suas atividades tenham a ver com evangelismo. Portanto, os pequenos grupos que são bíblicos devem ser evangelísticos.

Uma comunidade atenciosa em que os membros ministram uns aos outros é, por si só, um instrumento evangelístico. Pessoas não-cristãs, ao verem homens e mulheres vivendo numa comunidade restaurada, realmente cuidando uns dos outros, virão em multidões para fazer parte dessa comunidade. Comunidades amorosas e atenciosas são um chamariz para o evangelismo. As pessoas percorrerão o caminho para a porta de igrejas que vivam em comunidade de acordo com o Novo Testamento. Isso pode ter sido um dos motivos do sucesso da igreja primitiva. Atualmente, as pessoas vivem em comunidades tão despedaçadas que estão ansiosas por ser parte de uma genuína comunidade redentora. A tragédia da igreja hoje é que ela está mais parecida com as comunidades despedaçadas do mundo do que com a comunidade restaurada que Cristo planejou para

Sua igreja. Contudo, é precisamente porque a igreja falhou em ensinar genuína vida em comunidade que a própria igreja se tornou uma comunidade fragmentada necessitada de redenção. Quando a igreja novamente começar a viver em comunidade, ela se tornará uma agência evangelística. As pessoas não podem viver na verdadeira comunidade do Novo Testamento e não serem evangelísticas.

Evangelismo público e pequenos grupos não são mutuamente excludentes. Cada um precisa do outro. A pregação pública da Palavra deve ser reforçada pelos pequenos grupos, senão a pregação não resultará em conversos permanentes. Do mesmo modo, o pequeno grupo precisa da pregação pública da Palavra para continuamente lhe dar novos conversos, a fim de nutrir e trazer para a nova vida em Cristo. Uma das tragédias do adventismo moderno tem sido desenvolver essas duas metodologias de modo separado. Não é uma questão de uma *ou* outra. Precisamos tanto do evangelismo público quanto dos pequenos grupos. Os pequenos grupos fornecerão pessoas para o evangelismo público levar a decisões por Cristo; e o evangelismo público fornecerá pessoas para os pequenos grupos acompanhar e discipular.

Porém, o próprio pequeno grupo deve ser um lugar de atividade evangelística. Pequenos grupos que só alimentam a si mesmos e falham em alcançar outros morrerão. Grupos preocupados somente consigo mesmos não funcionam direito. Quando as pessoas pertencem a um pequeno grupo, recebem poder do Espírito Santo para alcançar e tocar pessoas feridas, trazendo-as à atmosfera restauradora e redentora de seu pequeno grupo.

“O discipulado sempre se move na direção de ministério e missão. Na história da salvação, o povo de Deus foi reunido para

restauração e recebimento de poder e enviado em missão. O pequeno grupo é o espaço para ajudar as pessoas a experimentarem perdão, cura, encorajamento, afirmação, confiança e coragem. É a preparação para ser enviado de volta a um mundo hostil e alienado que precisa ouvir, ver e tocar a presença de Cristo, vivida através dos indivíduos e grupos que receberam poder. O primeiro chamado de Jesus ao discipulado – ‘Sigam-Me, e Eu os farei pescadores de homens [e mulheres]’ – é um convite para se reunirem, caminharem juntos e saírem para ministrar a outras pessoas feridas. Todo grupo de discípulos reunidos é chamado, de alguma forma, para sair e pescar, e buscar outros que também necessitam da presença de Cristo na vida.”²

Já vimos que Jesus ordenou que os discípulos evangelizassem de dois em dois, pois o ministério deve ocorrer em comunidade. As pessoas também precisam do apoio do grupo ao evangelizar. Não podemos evangelizar em isolamento, mas somente por meio do apoio do grupo. Somente comunidades podem produzir outras comunidades. “A falha teológica é que esses indivíduos se reúnem a sós, e então saem para testemunhar a sós. Quão maravilhoso seria se eles incluíssem uns aos outros nos relacionamentos que estabelecem com incrédulos e incluíssem esses em sua vida em grupo também.”³

O modelo do Novo Testamento indica que é melhor fazer discípulos quando estes estão em relacionamento com outros discípulos, o que indica que o ideal seria que todos os novos discípulos fizessem parte de um pequeno grupo e que todo pequeno grupo consistisse tanto de crentes quanto de incrédulos. O envolvimento no grupo deve ser visto como parte do processo evangelístico. Não mais devemos evangelizar em isolamento, pois discípulos são feitos em relacionamentos.

Os pequenos grupos adventistas têm a tendência de focalizar principalmente o aspecto da nutrição de seus membros. Isso não é saudável para o grupo. Os grupos do Novo Testamento nutriam, mas também estendiam a mão à comunidade e ganhavam pessoas para Jesus Cristo. O grupo em comunidade do Novo Testamento era um grupo evangelístico. As pessoas são mais bem nutridas no processo de alcançar os outros. Nutrição não pode ser separada de evangelismo, nem pode o evangelismo ser separado da nutrição. Se formos moldar nossos pequenos grupos pelo exemplo do Novo Testamento, então esses grupos também devem evangelizar. Essa é uma área que precisa ser mais profundamente explorada no adventismo. Precisamos descobrir como tornar nossos grupos mais evangelísticos. Grupos que focalizam somente a nutrição produzem religiosos fracos.⁴ As pessoas são nutridas em grupos ao saírem em cumprimento da comissão de Jesus de fazer discípulos de todos os povos. Isso deve ser feito numa comunidade que apóia o fazer discípulos e que provê um lugar “seguro” para trazer os novos discípulos ou os discípulos em potencial.

SÍNTESE DA EVIDÊNCIA DO NOVO TESTAMENTO

O Novo Testamento nos revela uma restauração do plano original de Deus para a humanidade no Jardim do Éden – uma comunhão das pessoas com Deus, cuidando mutuamente umas das outras. Jesus, por Sua atividade redentora, restaurou a comunhão com Deus. Portanto, os que foram restaurados à imagem de Deus vivem em verdadeira comunhão uns com os outros. Descobrimos que esse conceito era parte vital do ministério de Jesus, como demonstrado por Sua metodologia de iniciar a igreja com um pequeno grupo. Foi

ainda confirmado pelo Espírito Santo, no Pentecostes, pelo estabelecimento de igrejas-lares que se tornaram a norma para o período do Novo testamento. Essa característica continuou na comunhão dos apóstolos. Paulo nos dá a teologia por trás desse movimento de pequenos grupos com suas clássicas passagens sobre comunidade em Romanos 12 e I Coríntios 12. O apóstolo João declara ainda que essa comunhão é a própria razão para a pregação da Palavra ou evangelização de incrédulos.

Desse modo, o Novo Testamento apresenta uma teologia e prática profundamente enraizadas na comunidade. O pequeno grupo é o lugar mais lógico para o cumprimento do tipo de comunidade demonstrado no Novo Testamento. A evidência bíblica claramente aponta para a absoluta necessidade de pequenos grupos comunitários. Esses grupos não existem só para estudar a Bíblia, mas para o propósito da comunhão. Portanto, o Novo Testamento exige que a igreja tenha hoje pequenos grupos relacionais, não como opção ou como um programa, mas como sua própria base. É hora de voltar ao paradigma de igreja do Novo Testamento, o que significa o retorno ao modelo de igreja de pequenos grupos. Se os adventistas professam ser um movimento bíblico, não podem mais retardar a implementação da igreja relacional como norma para os cristãos. Voltemos às nossas raízes.

Referências

1. I João 1:1-4.
2. Icenogle, *Biblical Foundations*, pág. 231.
3. Ralph W. Neighbour Jr., *Where Do We Go From Here?* (Houston, TX: Touch, 1977), pág. 61.
4. Ellen G. White, *Testimonies for the Church* (Mountain View, CA: Pacific Press, 1948), vol. 7, pág. 18.

Apostasia e restauração

O propósito deste capítulo é dar uma breve visão sobre os pequenos grupos através de toda a história do cristianismo. Estudos extensos poderiam ser feitos nessa área. Nosso propósito é examinar a morte da igreja de pequenos grupos e o início da igreja institucional. Também desejamos analisar o início da restauração da igreja relacional no metodismo, com suas reuniões em classes, o que se constituiu numa das primeiras tentativas da Reforma de retomar o modelo da igreja primitiva como comunidade. Como o adventismo tem muitas raízes no metodismo, este capítulo nos ajudará em nossa compreensão do adventismo primitivo, e especialmente da visão de Ellen White, enquanto os pequenos grupos eram defendidos no tempo dos pioneiros adventistas.

A MORTE DA IGREJA DE PEQUENOS GRUPOS

No fim da era do Novo Testamento, a igreja estava edificada em comunidade. Até o fim do primeiro século, o apóstolo João declarou que essa era a base sobre a qual a igreja fora edificada. Durante os duzentos anos seguintes, a igreja continuou no paradigma de igrejas-lares. Nesse período, a igreja experimentou um crescimento

substancial e aparentemente estava com boa saúde espiritual, apesar de constante perseguição.

A igreja cristã não construiu templo algum nessa época. Os crentes continuavam a se reunir em lares, cavernas ou mesmo em catacumbas. A igreja não estava centralizada em estruturas enormes e prédios feitos de tijolo e argamassa. Estava edificada na vida comunitária dos crentes, que cuidavam e apoiavam uns aos outros, enquanto continuamente estendiam sua amizade a outros pecadores.

No terceiro século, os cristãos pela primeira vez começaram a construir locais para as reuniões cristãs. Contudo, mesmo estes eram bem pequenos. Ao observar escavações de cidades palestinas, vi restos de igrejas do terceiro século. Não eram maiores que a maioria dos lares, e algumas cidades mantinham três ou quatro dessas pequenas igrejas cristãs. Evidentemente, quando a igreja se mudou do lar como principal local de reuniões, os crentes não edificaram catedrais. Em vez disso, suas igrejas seguiam os padrões dos lares. É claro que muitos cristãos continuaram a se reunir em lares. Esses pequenos e complexos grupos eram a base da vida na comunidade cristã.

Com a conversão de Constantino, no início do quarto século, o cristianismo começou a ser tolerado e então se tornou a única religião do império. Esse foi o ponto decisivo no estabelecimento da igreja institucional e o fim da igreja de pequenos grupos. A mudança de paradigma que ocorreu no quarto século tem durado dezoito séculos inteiros, e até hoje sofremos com as apostasias introduzidas por Constantino. A maneira como operamos a igreja hoje é mais um paradigma do Império Romano na Idade Média do que do cristianismo do Novo Testamento. Nós adventistas temos

insistido que nossa teologia é baseada no Novo Testamento, e deploramos as heresias introduzidas por Roma. Contudo, temos aceitado o “vinho de Babilônia” para nossa prática de igreja. Precisamos não só sair de Babilônia na *doutrina*, mas também na *prática*. Isso claramente significa um movimento de afastamento da igreja institucional e uma volta à igreja relacional.¹ Em menos de trezentos anos a igreja como comunidade de pequenos grupos desapareceu e a igreja como estrutura institucional formal surgiu. Atualmente, alguns teólogos, historiadores e estudiosos afirmam que a igreja está numa dramática “mudança de paradigma”. Nos últimos mil e setecentos anos, o reino de Deus tem sido fortemente guiado por essa âncora organizacional e institucional precipitada pela conversão de Constantino em 313 d.C.

“Em vez de a congregação ser um pequeno grupo que constituía a igreja naquele local, a compreensão da congregação foi sendo ampliada para incluir tudo no império. A congregação era a igreja, a igreja era o império.”² Loren Mead continua a descrever a igreja que se desenvolveu na Idade Média. Foi edificada na suposição de que o império e a igreja eram idênticos. Nascer no império era nascer na igreja. Evangelismo era o serviço dos soldados, que conquistavam novos territórios para o império e sujeitavam o povo ao cristianismo. Isso resultou num clero profissional, com o trabalho da igreja reservado para especialistas. Grandes igrejas e catedrais foram edificadas, e a igreja adotou o modelo do império. Assim nasceu a igreja institucional.

A igreja institucional floresceu por todo o período da Idade Média e até na época da Reforma. As igrejas da Reforma simplesmente copiaram o modelo romano de operar a igreja. Ser membro da igreja

de Lutero ou Zwínglio era o mesmo que ter cidadania no Estado. Um clero profissional administrava os ritos e cerimônias da igreja institucional. Os anabatistas do período da Reforma desenvolveram a única igreja que era separada do Estado. Eles recusaram a proteção do Estado por medo de que, uma vez que o Estado estivesse envolvido com a igreja, corromperia tanto a si quanto a igreja. A igreja que desenvolveram foi perseguida. Não tinha lugar seguro. Como resultado, a igreja tomou a forma de uma comunidade de apoio, reunindo-se em lares e cavernas. Cada comunidade era pequena e provia verdadeira comunhão e apoio. Somente assim a igreja pôde sobreviver à forte perseguição que lhe foi infligida.

A história nos ensina que a igreja sobreviveu em tempos de perseguição porque seus membros faziam parte de pequenos grupos relacionais que amparavam uns aos outros. Como adventistas, acreditamos que um tempo de perseguição virá novamente, nos últimos dias. Se esperamos sobreviver naquele momento crítico, precisamos começar agora a desenvolver pequenos grupos relacionais. Se não os criarmos agora, como poderemos fazê-lo nos dias difíceis à frente?

O MOVIMENTO METODISTA

João Wesley começou seu ministério no século dezoito. Sua pregação atraía grandes multidões de pessoas que professavam fé em Cristo. Wesley não estava só em levar pessoas a uma experiência renovada com Cristo. Um de seus contemporâneos foi Jonathan Edwards, o inflamado pregador calvinista que viu milhares aceitarem a Cristo por meio de suas pregações. Contudo, havia uma grande diferença entre Edwards e Wesley. Edwards estendia o convite e então largava os conversos, enquanto Wesley organizava seus

conversos em classes, ou pequenos grupos. O resultado foi que os frutos de Wesley permaneceram, enquanto muitos dos conversos de Edwards voltaram ao mundo.

O toque genial de Wesley foi o movimento de pequenos grupos que estava acoplado à sua pregação do evangelho. Foi isso que tornou o metodismo único entre as denominações que surgiram da Reforma. Desse modo, um exame das reuniões das classes do metodismo primitivo é essencial para a compreensão da primeira tentativa real de edificar uma igreja de pequenos grupos desde seu projeto no período da Reforma.

Wesley oferecia dois tipos de experiência com pequenos grupos: as classes e os grupos (“bands”). Os grupos eram opcionais; as classes eram requeridas de todos que desejavam continuar como membros. O resultado foi o estabelecimento de um sistema de cuidado pastoral próspero. “Cada grupo consistia de dez a doze pessoas da mesma vizinhança, que se reuniam uma vez por semana por aproximadamente uma hora.”³ “Os líderes eram leigos – alguns homens, mas a maioria mulheres – escolhidos por causa de sua alta moral e caráter espiritual, e por seu bom senso.”⁴

É interessante notar que a maioria dos líderes nas reuniões das classes metodistas eram mulheres. Isso é especialmente esclarecedor quando se percebe que a maior igreja local do mundo hoje, a igreja do Dr. Paul (David) Cho, em Seul, Coréia, está edificada em pequenos grupos dirigidos principalmente por mulheres. Aparentemente, mulheres fazem um trabalho melhor do que os homens em relação a pequenos grupos. Talvez um dos problemas em ver pequenos grupos serem bem-sucedidos no adventismo seja o fato de que recrutamos mais líderes masculinos do que femininos.

Como eram essas reuniões das classes metodistas primitivas? Naquela época, não se podia fazer parte da Igreja Metodista sem ser membro de uma classe e freqüentá-la regularmente. Falhar em freqüentar regularmente era motivo suficiente para ser excluído da qualidade de membro. Hoje considerariamos tal exigência opressiva. Contudo, descobrimos que foi exatamente isso que a igreja do Novo Testamento fez. Por quê? Porque as pessoas não poderiam ser cristãs se falhassem em viver em comunidade com outros cristãos, e o pequeno grupo relacional era o lugar ideal para que ocorresse essa comunidade.

Na reunião da classe metodista primitiva, a ênfase não estava na doutrina, mas no discipulado.⁵ O propósito daquelas reuniões era responsabilizar as pessoas por sua vida em Cristo. Wesley sabiamente compreendeu o princípio bíblico de que cristãos não crescerão isolados de uma comunidade cristã. Ele formou essas classes para que seus conversos pudessem crescer em maturidade espiritual. A ênfase era claramente relacional; o propósito era o discipulado. Esses não eram simplesmente pequenos grupos onde as pessoas estudavam a Bíblia; seu principal propósito era formar relacionamentos. O estudo bíblico era usado para realçar os relacionamentos. Essas reuniões não eram somente voltadas para o lado racional, mas eram relacionais.

Wesley estava convencido de que somente por meio da comunhão responsável seria possível o discipulado cristão ser nutrido e tornado eficaz, e é nesse contexto que o desenvolvimento do sistema metodista deve ser compreendido.⁶

“O metodismo wesleyano foi um movimento de santidade. Wesley implantou um forte desejo de que os cristãos não só acei-

tassem a Cristo como Salvador, mas que amadurecessem em seu relacionamento com Ele. Wesley percebia que o crescimento espiritual ocorre melhor num ambiente de grupo, onde há apoio mútuo e encorajamento para os que estão buscando uma vida de santidade. Qual era o conteúdo de tal reunião? Todos deveriam falar 'de forma tão livre, simples e concisa quanto possível sobre o estado real de seu coração, com suas várias tentações e livramentos, desde a última reunião'."7

"Mas em cada reunião havia cinco perguntas que eram feitas a todos: Que pecado conhecido você cometeu desde nossa última reunião? Que tentações você enfrentou? Como recebeu livramento? O que você tem pensado, dito ou feito e que está em dúvida se é ou não pecado? Você não tem nada que deseje manter em segredo?"8

Tal abertura seria impensável para a maioria dos cristãos hoje, inclusive os metodistas. Nosso individualismo consideraria tal questionamento uma invasão de privacidade. O metodismo do século dezoito não considerou isso dessa forma. Os metodistas viam tal questionamento como um meio de ajudar as pessoas a serem responsáveis. Eles questionavam para responsabilizar as pessoas, não para julgá-las.

No entanto, até os metodistas primitivos reconheceram que esse questionamento direto pode ter sido um pouco forte demais. Por isso, logo foi modificado. Mas a intenção permaneceu a mesma. O propósito da reunião das classes era responsabilizar as pessoas por sua vida em Cristo. Isso talvez seja uma das maiores necessidades da igreja atual. Contudo, ficamos assustados porque a abertura que exige é totalmente estranha para nosso ambiente

cultural contemporâneo. Mas se realmente desejamos crescer em Cristo, talvez tenhamos que deixar nosso individualismo cultural e desenvolvermos uma sólida comunidade novamente, para que possamos realmente experimentar vida em Cristo.

Foram os grupos opcionais que continuaram o questionamento mais direto de seus membros. A reunião da classe, que era obrigatória, não tinha um questionamento tão direto. Seu propósito inicial ao se encontrarem todas as semanas era principalmente para receber uma oferta. Mas o senso de comunidade rapidamente se desenvolveu nessas reuniões também.

“Foi, portanto, combinado que os membros de cada classe se reuniriam uma vez por semana, não somente para recolher a contribuição semanal, mas também para dar conselhos, repreensões ou encorajamento, conforme necessário. Uma dinâmica de comunhão cristã rapidamente se desenvolveu, enquanto os membros começaram a ‘carregar os fardos uns dos outros’, e a ‘cuidar uns dos outros’. A abertura gerada pelas reuniões levou a ‘uma afeição estimada’ entre os membros, e eles se sentiam livres para serem honestos uns com os outros.”⁹

Essas reuniões de classes rapidamente desenvolveram um estilo definido e próprio que encorajava as pessoas a serem abertas e darem apoio umas às outras. Perguntas eram feitas, mas não eram tão específicas quanto nas reuniões anteriores.

“Depois de alguma conversa desse tipo, o líder pergunta sobre o estado de espírito de cada pessoa presente, dizendo: ‘Bem, irmã ou irmão, como está o estado de sua alma nesta noite?’ O membro, então, sem se levantar, prossegue a abrir sua mente ao líder; não como freqüentemente tem se falado, por confissão par-

ricular, mas numa recapitulação geral do que se passou na mente durante a semana.”¹⁰

“Entretanto, a questão é que as classes apreciavam essa comunhão, precisamente porque elas tinham o propósito prioritário de responsabilidade. Inicialmente, havia algum embaraço enquanto o processo catequético era implementado, e as pessoas sentiam-se reservadas em responder perguntas tão diretas e avaliativas. Mas, conforme a responsabilidade era exercitada, começaram a perceber que realmente estavam numa viagem em comum – e que sua responsabilidade mútua não era pejorativa, mas de apoio. A comunhão era rica porque entenderam o verdadeiro motivo de sua reunião, e as reuniões eram informais porque sua estrutura estava garantida.”¹¹

Cristãos modernos ficariam assustados com essas reuniões. Isso porque temos feito tais perguntas para criticar os que são questionados. Não conhecemos a alegria do apoio mútuo e a abertura que os metodistas primitivos desfrutavam. Contudo, lá no fundo, muitos adventistas modernos ainda desejam uma experiência similar à vida da igreja cristã primitiva. Quão maravilhoso seria se pudéssemos eliminar nossa crítica e que a igreja pudesse novamente se tornar um ambiente de apoio. Pequenos grupos comunitários, relacionais e de apoio podem muito bem ser parte da resposta. Grupos como os Alcoólicos Anônimos, que praticam tanta abertura e questionamento direto, têm sido bem recebidos. Se esses grupos podem se responsabilizar, por que é tão estranho achar que a igreja, que é chamada para ser uma comunidade redentora, possa fazer o mesmo?

A morte de Wesley finalmente levou ao abandono das reuniões

de classes como parte da experiência metodista. O século dezenove achou o requerimento menos necessário, até que foi eliminado em 1889, como uma condição para ser membro.¹² Houve uma amarga discordância com relação às reuniões das classes e finalmente se chegou a um acordo. As reuniões continuariam, mas falhar em frequentá-las não mais seria usado como “pretexto” para alguém ser excluído da Igreja Metodista.

A característica peculiar do metodismo foi, desse modo, mudada “da condição de uma sociedade com algumas marcas de uma seita voltada à santidade para um estilo de igreja mais convencional e menos exigente”.¹³

“E nos dias de Wesley, [as reuniões] eram principalmente um meio de ‘evangelismo e conservação – o recrutamento e assimilação de novos membros’. A primeira metade do século dezenove viu a perda dessas duas funções... Referências a reuniões de classes na autobiografia do metodismo primitivo diminuem abruptamente durante a década de 1830, e o papel que até então tiveram como porta de entrada às sociedades foi substituído pelas reuniões de oração – especialmente as reuniões de oração após a pregação no local de comunhão ou na sacristia. Na verdade, a vitalidade espiritual em geral ficou mais frequentemente relacionada com as reuniões de oração do que com as classes. Essas reuniões eram menos estruturadas e mais espontâneas, e eram mais facilmente adaptáveis às atividades institucionais da capela do que à espiritualidade interpessoal das reuniões das classes.”¹⁴

É importante notar que enquanto o adventismo estava começando, as reuniões das classes metodistas estavam em processo de declínio, para finalmente serem substituídas pelas reuniões de ora-

ção. Contudo, o metodismo que modelou o pensamento dos pioneiros adventistas, especialmente de Ellen White, teria sido o metodismo das reuniões de classes, onde havia verdadeiras implicações relacionais e responsabilidade por sua vida em Cristo. No próximo capítulo examinaremos o desenvolvimento no adventismo primitivo de métodos similares de responsabilizar as pessoas por sua vida em Cristo. Esses métodos foram, sem dúvida, tomados emprestados da herança metodista de pioneiros adventistas como Ellen White. Apesar de emprestados de sua herança metodista, eles foram sancionados por Deus para a Igreja Adventista por meio das visões proféticas de Ellen White.

Watson conclui sua análise penetrante das reuniões das classes metodistas com a declaração de que a importância dessas reuniões não está no que fizeram pela Igreja Metodista, mas no fato de que proviam um lugar seguro no qual as pessoas pudessem ser apoiadas em sua vida diária e em seu testemunho por Cristo no mundo.¹⁵ Ele ainda indica que essas reuniões não eram o foco principal do evangelismo de Wesley – a pregação pública era. A classe tinha o propósito de manter aquilo que a pregação pública alcançara. Levava novos conversos ao discipulado.¹⁶

O adventismo, com suas fortes raízes metodistas, manteve a pregação pública, mas perdeu o pequeno grupo que também era parte vital do estilo de Wesley. Sem o componente do pequeno grupo vinculado ao nosso evangelismo público, corremos o risco de perder novos conversos, tanto quanto Whitefield o fez. O pequeno grupo relacional é parte da fórmula de sucesso do metodismo primitivo e também do adventismo primitivo, como veremos no próximo capítulo.

Desse modo, o metodismo primitivo desenvolveu todos os princípios básicos de pequenos grupos relacionais que se reuniam regularmente para apoio e encorajamento mútuo e para responsabilizarem uns aos outros por sua vida em Cristo. As reuniões de classes metodistas tinham todos os elementos dos pequenos grupos. Esta foi a primeira vez, desde a apostasia de Constantino e do estabelecimento da igreja institucional, que uma igreja edificada em pequenos grupos relacionais teve tanto apoio popular. Não devemos nos esquecer de que muito da compreensão adventista sobre a estrutura da igreja foi tomado emprestado de nossas raízes metodistas. Até a organização da nossa Associação é essencialmente de origem metodista.

No próximo capítulo descobriremos que uma outra faceta da prática metodista – as reuniões das classes – também foi levada ao adventismo. Entretanto, recebeu novo nome: “Reunião Social”. Tornou-se a maneira por meio da qual os adventistas primitivos se responsabilizavam por sua vida em Cristo. Ao examinar as reuniões das classes do metodismo primitivo, vemos um retorno a uma eclesiologia mais bíblica – a edificação de uma igreja baseada mais em comunidade do que no desenvolvimento de grandes instituições. O adventismo primitivo, por outro lado, tentou edificar uma igreja como instituição e como comunidade ao mesmo tempo. Ele aparentemente conseguiu, mas a parte institucional parece ter prevalecido. O adventismo moderno se refugiou numa igreja exclusivamente institucional e perdeu de vista a igreja baseada em comunidade. É por esse motivo que reexaminamos o adventismo primitivo, que manteve tão bem o equilíbrio entre instituição e comunidade. Precisamos recuperar esse equilíbrio.

Referências

1. Recomenda-se que os membros não confundam institucionalismo com instituições. Uma igreja relacional terá organização e instituições. O institucionalismo, por outro lado, se refere à compreensão da igreja como sendo o prédio, a organização, o programa, etc., em vez do relacionamento entre membros. Na igreja institucional, é a instituição que deve ser preservada a qualquer custo. A vida gira em torno da edificação da instituição. Esse é o conceito católico medieval de igreja. Esse é o vinho babilônico que deve ser descartado.
2. Icenogle, *Biblical Foundations*, pág. 360, citando Loren Mead, *The Once and Future Church* (New York: Alban Institute, 1991), pág. 15.
3. Mallison, pág. 6.
4. Ibidem (citando James A. Davies, artigo no *Christian Education Journal*, vol. 5, nº 2).
5. David Lowes Watson, *The Early Methodist Class Meeting* (Nashville: Discipleship Resources, 1987), pág. 15.
6. Ibidem, pág. 67.
7. Ibidem, pág. 81.
8. Ibidem, pág. 84.
9. Ibidem, pág. 94.
10. Ibidem, pág. 96.
11. Ibidem, pág. 116.
12. Ibidem, pág. 137.
13. Ibidem.
14. Ibidem.
15. Ibidem, pág. 145.
16. Ibidem, pág. 149.

O adventismo e a reunião social

O adventismo do sétimo dia surgiu em meados do século dezenove, quando as reuniões das classes metodistas estavam sendo substituídas pelas reuniões de oração. Inicialmente, era requerido de todos os metodistas que participassem na reunião semanal das classes realizadas nos lares, onde as pessoas se responsabilizavam por sua vida em Cristo. Agora a reunião de oração, geralmente realizada após um culto regular na igreja, surgia como o meio de fazer isso.

Aparentemente os adventistas primitivos, com raízes metodistas, tomaram emprestada a idéia de reuniões sociais das reuniões de oração que estavam num período de transição das reuniões das classes. A maioria das reuniões sociais adventistas era realizada após um culto e oferecia a oportunidade para as pessoas compartilharem pessoalmente o que o sermão sugeria a elas.

Esse conceito também era utilizado em conexão com reuniões evangelísticas, como veremos. Contudo, muitas vezes as reuniões sociais eram realizadas separadamente, em vez de após um culto. Por isso, o modelo adventista parece ser uma combinação

das reuniões das classes e das primitivas reuniões de oração metodistas após os cultos.

Os adventistas parecem ter pego emprestado o melhor dos dois mundos, inicialmente. Suas reuniões sociais parecem ter sido conduzidas de maneira similar às reuniões de oração (em transição das reuniões das classes) do metodismo. Conquanto essas reuniões continuassem em decadência no metodismo, tornaram-se um fator distintivo do adventismo primitivo ao se espalhar pelo mundo.

Existem duas fontes de informação sobre as primitivas reuniões sociais adventistas: os escritos dos pioneiros adventistas e os escritos de Ellen G. White. Neste capítulo examinaremos essas duas fontes para entender essas reuniões. Posteriormente tiraremos algumas conclusões sobre suas funções na igreja adventista primitiva.

OS PIONEIROS E A REUNIÃO SOCIAL

Ao examinar as primeiras edições do periódico *Advent Review and Sabbath Herald*, torna-se óbvio que as reuniões sociais eram consideradas uma parte regular da vida da igreja para a maioria dos adventistas. Na verdade, essas reuniões parecem ter sido mais importantes para alguns crentes do que o próprio culto. A pregação podia ser (e freqüentemente era) omitida, mas a reunião social jamais deveria ser negligenciada.

Está claro que essas reuniões sociais primitivas tinham uma natureza relacional. Pouco ou nenhum estudo da Bíblia era realizado ali. Os crentes não negligenciavam o estudo da Bíblia em grupo, mas o acompanhavam das reuniões sociais onde podiam compartilhar sua vida em Cristo. Essa abordagem fez com que os pioneiros ficassem fortes tanto em sua compreensão da Bíblia quanto em seu rela-

cionamento de uns para com os outros. Nosso método moderno, porém, criou pessoas que não são fortes nem no estudo da Bíblia nem nos relacionamentos.

As reuniões sociais tomaram forma de testemunhos, enquanto os crentes compartilhavam uns com os outros suas lutas e vitórias da vida cristã e se responsabilizavam por sua vida em Cristo. Uriah Smith, que durante muito tempo foi editor da *Review*, definiu a primitiva reunião social adventista assim: “Uma reunião caracterizada por testemunhos espirituais e animadores da alma, o olhar brilhando, a voz de louvor, a exortação sincera e animadora, freqüentemente uma lágrima a rolar – cenas em que a fé e o amor novamente se ascendiam.”¹

Nas citações seguintes, logo se percebe o espírito dessas primitivas reuniões sociais adventistas:

“As reuniões sociais eram marcadas por grande solenidade. Pecados eram confessados com lágrimas e havia um forte quebrantar do espírito diante de Deus, fortes súplicas por perdão e um preparo para encontrar o Senhor em Sua vinda. E os humildes discípulos do Senhor não buscavam Seu rosto em vão. Antes do fim daquela reunião, centenas testemunharam com lágrimas de alegria que haviam buscado ao Senhor e O haviam encontrado e provado o doce sabor de ter os pecados perdoados.”²

“Durante uma reunião social, 117 testemunhos foram dados em 53 minutos. Todos objetivos.”³

“Se alguma vez eles têm algo a dizer na reunião social além da sempre recorrente fórmula: ‘Eu quero ser um cristão, para que possa ser salvo’, eles contam somente de alguma experiência passada, da alegria que tiveram quando creram pela primeira vez. Da alegria de

viver para Deus, e de andar com Ele pela fé, eles não sabem nada, e o que conta isso fala uma língua estranha para eles.”⁴

“Na noite seguinte ao primeiro dia, nos encontramos para a reunião social e para partirmos o pão. Havia um espírito de trabalho pela igreja, e alguns que estiveram presos pela incredulidade foram libertados e repletos de paz, alegria, esperança e fé. Foi uma reunião gloriosa.”⁵

“As reuniões sociais e de oração durante o sábado deveriam ser mantidas. Uma energia vigorosa e santa que brota do coração do cristão deveria marcar seu progresso. Aqui, a cada semana, o seguidor firme do Senhor se deleita em ser encontrado pontual e fielmente em seu posto, alegremente suportando seu quinhão. E de um rico fundo de experiências diárias, ele lança num fundo público comum suas orações de gratidão e súplica, sua palavra de exortação, hinos de louvor, tudo para a edificação de seus irmãos.”⁶

Essas declarações são típicas de muitas descrições do que acontecia nas reuniões sociais adventistas. Era claramente um momento de compartilhar sua vida em Cristo. Testemunhos eram dados livremente. Pecados eram confessados e o perdão gratuitamente oferecido. Aparentemente havia uma franqueza nessas reuniões que parece quase impossível na atual sociedade individualizada. As pessoas abertamente compartilhavam suas esperanças e sonhos, bem como suas lutas. Esse compartilhar de uns com os outros, não de verdades bíblicas, mas da experiência cristã, era uma parte vital do adventismo primitivo.

Parece que as reuniões sociais eram variadas, mas os elementos comuns eram oração, testemunho, palavras de exortação e cânticos. Os testemunhos eram curtos e objetivos. Contudo, algumas vezes

alguns recorriam à “pregação” como parte de seu testemunho. Isso provocava admoestações para se manter os testemunhos curtos e objetivos. Desse modo, nas citações mencionadas acima, boas reuniões sociais consistiam de muitos (117) testemunhos em pouco tempo (53 minutos). O que fazia com que as reuniões fossem boas era o fato de os testemunhos serem curtos e objetivos.

Em todas essas descrições das reuniões sociais adventistas, um elemento está faltando: a menção de estudo da Bíblia. Com a grande ênfase dos adventistas no estudo da Bíblia e com a necessidade dos pioneiros de compartilharem as verdades que haviam aprendido, essa omissão é assombrosa. Deve ter sido deliberada porque eles estudavam a Bíblia em outras horas. Obviamente, não se pretendia que a reunião social fosse o momento para o estudo da Bíblia; era totalmente relacional. Incluía todos os elementos do que hoje chamamos de atividades de pequenos grupos, apesar de os adventistas primitivos usarem as reuniões sociais tanto para grandes grupos como para pequenos grupos. A questão é que essas reuniões eram realizadas somente para propósitos relacionais e para se responsabilizarem por sua vida em Cristo.

A reunião social era uma parte tão vital da vida para os adventistas primitivos que muitas vezes era a única reunião religiosa freqüentada. As igrejas primitivas não tinham pastores regulares. Todas as igrejas eram ensinadas a cuidarem de si mesmas; o clero era composto primeiramente de fundadores de igrejas e evangelistas, criando novos grupos de crentes. Só ocasionalmente uma pessoa do clero apresentava um sermão. A maioria dos sermões aos membros ocorria na reunião campal anual, e ainda assim continha um sabor evangelístico.

Esse modelo adventista primitivo de igreja traz fortes semelhanças com a igreja cristã primitiva. Assim como o cristianismo primitivo, o adventismo era um movimento que fundava igrejas. Todos os seus recursos eram dedicados a esse propósito. O dízimo era enviado à Associação para manter os pastores na implantação de novas igrejas. Foi assim que o adventismo desenvolveu um sistema onde o pastor é remunerado pela Associação em vez de pela igreja local. Como as igrejas locais não tinham pastores fixos, todo o dízimo era enviado para a manutenção dos implantadores de igrejas e evangelistas, que estavam criando novos trabalhos. Igrejas estabelecidas não sentiam necessidade de um pastor; elas mantinham sua vida cristã sozinhas, exatamente como faziam os cristãos primitivos. Isso não foi um desenvolvimento acidental no adventismo, mas uma estratégia deliberada baseada em seus estudos do Novo Testamento.⁷

Como os adventistas primitivos se mantinham na fé sem um pastor fixo em seu meio? Estudavam a Bíblia e liam a *Review (Revisita Adventista)* individual e coletivamente. Contudo, sempre que se reuniam, tinham uma reunião social. Às vezes realizavam a Escola Sabatina, mas esta era seguida por uma reunião social ao invés de pelo culto. Foi principalmente por meio das reuniões sociais que os adventistas primitivos mantiveram sua vida religiosa. Dessa forma, criaram comunidade entre eles. Note o que eles escreveram:

“Eis aqui uma inspirada delineação de certos deveres cristãos que, se adequadamente cumpridos, nos farão fortes no Senhor e no poder de Sua força. Um deles é a fidelidade nas reuniões sociais e de oração. Então, de acordo com essa determinação, enquanto a igreja contempla a aproximação do dia do Senhor, os membros devem exortar uns aos outros em vista disso.”⁸

“Querido Irmão White, você pode imaginar a total solidão de alguns irmãos espalhados, vivendo longe dos de mesma fé e não tendo com quem conversar sobre o interessante assunto de suas aflições; ninguém com quem unir sua voz em oração; sem a alegria das reuniões sociais daqueles cujos corações se unem e ardem ao se encontrarem, cantarem, orarem e contarem de suas alegrias, esperanças e tribulações, e conversarem sobre nosso grande Sumo Sacerdote, sobre o novo céu e a nova Terra, e a doce paz que recebem em obedecer todos os mandamentos de Deus.”⁹

Evidentemente era uma grande perda para alguns não poderem ter a comunhão dos crentes. Obviamente, os adventistas primitivos não eram isolacionistas em suas experiências cristãs. Essa carta, publicada numa das primeiras edições da *Review*, revela o grande desejo de um membro isolado de ter comunhão nas reuniões sociais com outros crentes. Era difícil manter a vida espiritual à parte da comunhão das reuniões sociais.

A necessidade desses membros isolados não era de um pregador para lhes dar mais conhecimento bíblico, ou de alguém que lhes ensinasse a “verdade”. A grande necessidade desses crentes era de comunhão com outros crentes. Eles sabiam que precisavam de reuniões relacionais se quisessem crescer espiritualmente. Não lemos nada sobre ser um cristão tão bom quanto qualquer um sem a comunhão da igreja. Para eles, o oposto era verdade.

Tão grande era o sentimento dos adventistas com relação à reunião social que, como foi mencionado na citação acima, freqüentar as reuniões sociais regularmente era considerado um dever para os crentes. Na verdade, sentiam que isso era um dos primeiros deveres que as Escrituras haviam colocado sobre eles. Embora a freqüência

possa não ter sido “imposta”, era certamente esperada de cada crente. Pessoas que deliberadamente se ausentavam das reuniões sociais eram consideradas em necessidade de ajuda espiritual.

Alguns exemplos de vida na igreja adventista primitiva são revelados por cartas enviadas à *Review* por membros descrevendo a vida de sua igreja aos sábados:

“Nos reunimos todos os sábados para oração e reunião social.”¹⁰

“No início de cada sábado nos encontramos para oração e exortação, pelo que recebemos uma bênção. A manhã de sábado é ocupada com uma reunião social, Escola Sabatina e classe bíblica.”¹¹

Parece que, na ausência de um clero fixo, os adventistas primitivos se mantinham por meio das reuniões sociais, Escola Sabatina e classes bíblicas. Os crentes participavam dessas atividades – não eram meros espectadores. As reuniões sociais, como já vimos, eram definitivamente momentos relacionais. Isso apesar do fato de que os adventistas primitivos também passavam muito tempo estudando a Bíblia para descobrir a verdade. Com tanta ênfase no aspecto racional (cognitivo), era de se esperar que se esquecessem do relacional, mas não o fizeram. As reuniões regulares da igreja lidavam mais com o aspecto relacional do que com o cognitivo.

O conhecimento da verdade sem uma experiência com Deus era desconhecido para os adventistas primitivos. Por isso, a reunião social era de tão suprema importância para eles. A verdade que haviam descoberto agora fora validada por uma experiência mais profunda com Deus. Não era simplesmente a verdade por amor da verdade, mas era uma verdade que levava a um relacionamento mais profundo com Deus e outros crentes. Eles testemunhavam livremente sobre isso nas reuniões sociais.

Quando novas igrejas eram organizadas, os líderes da igreja primitiva pareciam estar mais preocupados com a experiência relacional dos crentes do que com sua pureza doutrinária. Isso parece impressionante para os adventistas modernos, mas é revelado claramente por J. N. Loughborough. Na declaração seguinte, Loughborough define a base sobre a qual as igrejas adventistas devem ser organizadas:

“Onde grupos de crentes foram apresentados à verdade em locais novos, não recomendamos a formação imediata de uma igreja. Nesses casos, seja designado um líder (isso pode ser feito melhor pelo evangelista ao criar a igreja), e continua-se com reuniões sociais até o momento em que as pessoas se tornem completamente familiarizadas umas com as outras, e possam se certificar com quem podem ter comunhão, e quem é qualificado para os deveres mais importantes de oficiais da igreja. Quanto à maneira particular de organizar uma igreja, quando o momento apropriado chegar, nos será permitido valer-nos da experiência de vários ministros que já adotaram o seguinte plano e testificam que funciona bem.”¹²

Evidentemente, esse era o plano de organização por todo o século dezenove e até o início do século vinte. Aqui novamente vemos as reuniões sociais como o principal meio usado pelos crentes adventistas para manter seus cultos religiosos regulares. Antes de uma igreja ser organizada, era importante que os membros se conhecessem com relacionamentos, e a maneira de conseguir isso no adventismo primitivo, de acordo com Loughborough, era tendo reuniões sociais.

O que é mais impressionante aqui é que os líderes não achavam essencial que todos os novos membros concordassem com todas as

verdades e ficassem firmes nelas. A verdade era importante para os adventistas primitivos, mas igualmente importante era o estabelecimento de uma igreja relacional. Se os crentes não pudessem se dar bem uns com os outros, apesar de crerem na “verdade”, não deveriam ser organizados em uma igreja. A criação de uma nova igreja implicava que uma igreja relacional havia sido estabelecida. Parece que nossos pioneiros estavam muito mais preocupados com uma igreja relacional do que nós estamos hoje. Sua fé era a fé do Novo Testamento, e tal fé exigia uma igreja relacional.

A prática de realizar reuniões sociais continuou até depois da organização da igreja. Essas reuniões não eram só uma parte da igreja local se mantendo na ausência de um pregador. Adventistas primitivos lamentavam o fato de que a igreja de Battle Creek, na sede administrativa (a maior igreja no adventismo), estivesse perdendo muitas bênçãos porque os membros dependiam dos sermões dos pastores em vez das reuniões sociais para manter a vida espiritual:

“A igreja em Battle Creek precisa desses pregadores menos que qualquer outra igreja no Estado, pelo fato de que tem mais membros ativos que qualquer outra igreja do Estado, muitos dos quais de grande experiência e julgamento confiável. Nós às vezes pregamos para eles, mas quando terminamos freqüentemente achamos que uma reunião social teria sido melhor. E muitas vezes acontece que, quando voltamos de um sábado que passamos com alguma outra igreja, ficamos sabendo que os irmãos desfrutaram de uma reunião excelente, a melhor de vários sábados. Por isso, de que adianta nós, pregadores, entrarmos no caminho desses membros vividos e experientes?”¹³

Você pode imaginar membros da igreja dizendo que não sentiam tanta falta do pastor? Apesar da ausência do ministro, os membros ainda estavam bem alimentados. As manhãs de sábado nas igrejas adventistas primitivas não eram tanto um momento para pregação quanto para testemunho e louvor.

Podemos imaginar o que aconteceria se as igrejas hoje tivessem uma reunião social à moda antiga, em vez de uma pregação. O clero da Igreja Adventista primitiva era necessário para o estabelecimento de novos crentes – os crentes maduros não precisavam necessariamente ouvir sermões. A reunião social, com seus testemunhos, orações, cânticos e palavras de encorajamento mútuo, era muito mais capaz de sustentar sua fé do que a pregação dos melhores pregadores da denominação em Battle Creek.

As reuniões sociais não eram somente realizadas em nível de igreja local. Essa prática era também uma parte vital de outros encontros adventistas, até mesmo das sessões da Associação Geral. Um exame dos horários diários da Associação Geral nos primeiros anos revela que as reuniões sociais eram incluídas como parte da agenda regular devocional e de negócios.¹⁴ Mesmo nesses grandes encontros as reuniões sociais eram uma necessidade. Os crentes precisavam de um tempo fora dos negócios e da teologia para criar um vínculo de sua vida com Deus. Para facilitar mais testemunhos nesses grandes encontros, eles dividiam a congregação em vários grupos, geralmente por origem étnica.¹⁵

Esse breve exame da prática dos pioneiros e da reunião social revela que essas reuniões eram consideradas uma necessidade vital para os adventistas primitivos. Elas eram o meio pelo qual os crentes mantinham sua vida espiritual na ausência de pregadores nas

igrejas locais. Parece óbvio, pelas evidências examinadas, que os adventistas primitivos estavam tão preocupados com a comunhão quanto com a doutrina. Enquanto as doutrinas distintas eram pregadas num contexto evangelístico, os conversos eram rapidamente ensinados a se unirem de forma relacional, por meio das reuniões sociais. Os adventistas primitivos mantinham um lindo equilíbrio entre o relacional e o racional (cognitivo), enquanto os adventistas modernos parecem estar priorizando o cognitivo e negligenciando o relacional. Talvez seja hora de os adventistas tornarem a descobrir a vida balanceada do cognitivo-relacional. Talvez seja hora para menos sermões e mais comunhão. Os pequenos grupos são um excelente meio para os adventistas redescobrirem suas raízes no equilíbrio dos ministérios cognitivo e relacional.

ELLEN WHITE E A REUNIÃO SOCIAL

Provavelmente ninguém tenha escrito mais sobre as primitivas reuniões sociais adventistas do que Ellen White. Ela não só participou de muitas, mas também deu vários conselhos sobre como efetivamente conduzir tais reuniões. As quase trezentas referências às reuniões sociais em seus escritos nos dão uma imagem bem exata da vida na Igreja Adventista primitiva com relação a essas reuniões.

Ellen White confirma muito do que outros escritores pioneiros disseram sobre a reunião social, mas, como seus escritos são mais detalhados, temos uma visão mais clara. Além disso, as visões proféticas de Ellen White dão mais poder aos seus esclarecimentos. Para ela, as reuniões sociais eram principalmente reuniões de testemunho, onde breves relatos eram dados sobre a jornada espiri-

tual de alguém. Note as seguintes citações de seus escritos descrevendo a reunião social:

“Então tivemos uma reunião social. Muitos testemunhos foram dados e muitas confissões feitas regadas a lágrimas. Foi uma reunião proveitosa.”¹⁶

“A reunião social das cinco horas essa manhã foi a melhor que já tivemos. Irmão estava de joelhos confessando para irmão; havia corações quebrantados, lágrimas, perdão e regozijo. Esperamos ver mais da salvação de Deus antes que essa reunião termine.”¹⁷

Dessas experiências, fica evidente que a reunião social consistia de mais do que testemunhos. Era uma ocasião em que também se faziam confissões. As pessoas se sentiam abertas o suficiente para compartilhar seus problemas e confessarem os pecados que haviam cometido contra outros membros da igreja. É óbvio que o Espírito Santo era o principal motivador por trás dessas confissões e que o ambiente da reunião social permitia a manifestação do Espírito Santo numa medida maior do que num culto com pregação. Hoje pensamos em ter um apelo no fim do sermão. Naquele tempo, o apelo era a reunião social, onde todos que desejassem tinham a oportunidade de compartilhar e responder conforme o Espírito Santo impressionava o coração.

O adventismo primitivo foi capaz de produzir um espírito de abertura, onde as pessoas se sentiam livres para compartilhar seus problemas e erros. Ellen White às vezes revelava publicamente o erro de alguém que lhe havia sido mostrado em visão. Isso jamais era feito com o intuito de criticar, como freqüentemente fazemos hoje, mas com o intuito de ajudar as pessoas a lidar com o pecado em sua vida. Evidentemente, as pessoas se sentiam seguras, sabendo que o fato

de serem abertas sobre o pecado pessoal as ajudava a ser responsáveis e a alcançar a vitória que Deus desejava.

A reunião social era de tal importância para os adventistas primitivos que, quando Ellen White viajou para a Europa, em 1885-1887, e descobriu que os europeus não haviam sido apresentados à reunião, ela imediatamente deu início à prática:

“Eu falei no período da manhã, e então o Pastor Conradi disse que jamais haviam tido uma reunião social. Eu lhe disse que agora era a hora de começar. Tivemos uma reunião social muito boa. A reunião não acabou antes de uma hora. Havia começado às dez.”¹⁸

“Apesar de a reunião social ser algo novo, estão aprendendo na escola de Cristo e vencendo o medo e o tremor. Sempre lhes lembramos que a reunião social será a melhor reunião, onde serão treinados e educados para serem testemunhas de Cristo.”¹⁹

Ellen White considerava a reunião social como sendo vital para a vida espiritual da igreja. Ela não podia imaginar a igreja sem tais reuniões. O progresso das igrejas nas quais ela participou pessoalmente sempre incluía a realização da reunião social. Mas a reunião social consistia em mais do que confissão; era também o momento em que os crentes compartilhavam sua vida em Cristo, com suas alegrias e tristezas. Isso era feito para seu próprio encorajamento, bem como para o encorajamento dos outros.

“Tivemos uma boa e proveitosa reunião social, então essa irmã aflita me falou sobre seu filho que haviam enterrado algumas semanas antes, morrendo sem esperança, e a tristeza e aflição que ela sentia.”²⁰

Pode-se ver por esse texto que o fardo da reunião social não pesava sobre uma pessoa, mas sobre todos. Devemos falar uns com os outros.²¹

“Em cada reunião social, muitos testemunhos foram dados falando de paz, conforto e alegria que as pessoas haviam encontrado ao receber a luz.”²²

“Em nossa próxima reunião social, quase todos que testemunharam expressaram sua gratidão a Deus pelas bênçãos que receberam no dia anterior. Alguns disseram que, pela primeira vez em sua vida, podiam dizer que sabiam que seus pecados haviam sido perdoados. Esse foi realmente um sábado precioso para os que estavam reunidos a fim de adorar a Deus nesse acampamento.”²³

Essas descrições claramente indicam que as reuniões sociais eram um momento de compartilhar as alegrias e tristezas da vida. Eram o momento em que as pessoas se sentiam abertas o suficiente para compartilhar detalhes de sua vida e testemunhar de sua esperança em Cristo. Como resultado dessas reuniões em que as pessoas compartilhavam tanta intimidade, muitos saíam com a certeza de seus pecados perdoados pela primeira vez na vida.

Muitas vezes a reunião social era realizada em grandes eventos adventistas, como reuniões campais e sessões da Associação Geral. Talvez fosse nesses eventos mais do que nas reuniões sociais da igreja local que Ellen White era uma participante principal. Na sessão da Associação Geral de 1888, quando a igreja lutava tão intensamente com a questão da justificação pela fé, muitos líderes abertamente se opuseram ao claro endosso de Ellen White ao conceito de salvação somente em Cristo. Os sentimentos eram profundos, os líderes estavam divididos. Foi numa certa manhã, na reunião social às cinco e meia, que a maré começou a mudar a favor de uma nova experiência com Cristo. Leia a forma como Ellen White descreve a cena:

“De manhã toda a natureza parecia estar cheia de alegria. Nos reunimos às cinco e meia para a reunião social. O Espírito do Senhor estava em nosso meio. Muitos afirmaram que vieram à reunião com o coração duro como pedra, mas, tão logo abriram os lábios para confessarem sua fé no amor de Jesus, a luz entrou e seu coração se derreteu e se abrandou com o amor de Jesus. Um irmão disse que ele testemunharia porque sabia ser certo, mas não tinha qualquer sentimento. Contudo, seu coração se quebrou, ele caiu sobre a Rocha e ficou tão impressionado com o amor de Jesus que chorou em voz alta. Ministros testemunharam que quando vieram para a reunião estavam frios e seu coração estava duro, mas, quando pela fé confessaram a Deus seus deslizes, sabiam que Jesus havia perdoado seus pecados e ficaram felizes, novamente convertidos, e agora dão um testemunho livre e alegre. ‘Chamarás Seu nome Jesus, pois salvará Seu povo de seus pecados.’”²⁴

“Ao apresentar a bondade, o amor e a terna compaixão de nosso Pai celeste, senti que o Espírito do Senhor estava repousando não só sobre mim, mas sobre o povo. Luz, liberdade e bênçãos vieram aos ouvintes e houve uma resposta calorosa às palavras faladas. A reunião social que se seguiu evidenciou que a Palavra encontrou lugar no coração dos ouvintes. Muitos testemunharam que esse dia foi o mais feliz de suas vidas. Foi realmente uma ocasião preciosa, pois sabíamos que a presença do Senhor Jesus estava na assembléia para abençoar. Eu sabia que a revelação especial do Espírito de Deus tinha um propósito: acalmar a dúvida, repelir a onda de descrença que havia sido admitida nos corações e mentes concernentes a Ellen White e a obra que o Senhor lhe havia dado para fazer.”²⁵

A reunião social possibilitou que os adventistas primitivos desenvolvessem comunidade entre si. Essas reuniões relacionais, onde ocorria pouco estudo da Bíblia, lhes davam a oportunidade de compartilhar e confessar, animar e serem animados. A reunião social parece ter sido a cola que segurava os crentes juntos. Eles podiam tolerar diferenças entre si porque sabiam que eram companheiros peregrinos na jornada. Eles podiam a princípio até discordar em doutrinas básicas, como a Trindade,²⁶ e ainda assim a reunião social os capacitava a continuar em harmonia. Não tinham medo de, às vezes, admitir que estavam errados. Quando se encontravam em desarmonia uns com os outros, geralmente era por meio da reunião social que a harmonia voltava. A reunião social os obrigava a lidar com as diferenças, ao invés de nutrir essas diferenças.

As reuniões sociais eram uma parte tão vital do adventismo que Ellen White constantemente aconselhava a igreja a certificar-se de não negligenciar essas ocasiões de comunhão relacional. Na verdade, ela chegou a afirmar que o cristão é ativo nas reuniões sociais, indicando assim que quem não estava freqüentando as reuniões sociais não era verdadeiramente cristão.

“O cristão é uma pessoa semelhante a Cristo, ativa no serviço de Deus, que está presente nas reuniões sociais e cuja presença animará também os outros. Religião não consiste em obras. Mas a religião trabalha; não é dormente.”²⁷ “E que todos que carregam o nome de Cristo tenham um testemunho a dar nas reuniões sociais.”²⁸

Ellen White claramente achava que a reunião social era da maior importância para o cristão. Ela não conhecia nada de um cristianismo intelectualizado baseado só no conhecimento racional. O cristianismo de Ellen White era um equilíbrio da mente e do coração,

do cognitivo e do relacional. Durante todo seu ministério e especialmente depois de 1888, Ellen White constantemente trabalhou para que os crentes desenvolvessem uma experiência relacional com Cristo. Ela fazia isso principalmente por meio das reuniões sociais. A única maneira de desenvolver uma vida relacional é vivendo em comunidade com outros cristãos, sendo responsáveis uns aos outros por seu crescimento espiritual. Por isso, Ellen White era tão insistente para que as igrejas realizassem reuniões sociais regulares. Tão importantes eram essas reuniões que, como já vimos, Ellen White indicou que as pessoas que não se envolviam nessas reuniões sociais relacionais não eram realmente cristãs.

Essas reuniões sociais eram tão vitais para Ellen White que ela freqüentemente sugeria que, se fosse para escolher entre culto com uma pregação e a reunião social, que se ficasse com a segunda. Estava tudo bem em ter uma reunião social sem um sermão, mas não estava bem ter um sermão sem uma reunião social.

“Se menos palavras de sabedoria humana e mais das palavras de Cristo fossem faladas, se houvesse menos sermões e mais reuniões sociais, encontraríamos uma atmosfera diferente a penetrar nossas igrejas e reuniões campais. Sessões de oração seriam realizadas para o derramamento do Espírito Santo.”²⁹

Além do mais, Ellen White aconselhou que conduzir reuniões sociais deveria fazer parte do treinamento de pastores mais jovens:

“Nossas reuniões campais deveriam ser como uma escola de treinamento para nossos ministros mais jovens. Aqui é o lugar adequado para eles serem educados quanto à melhor forma de trabalho. Eles deveriam aprender que toda sua obra não consiste em pregar. Precisam saber como conduzir sabiamente as reuniões

sociais, como ensinar as pessoas a trabalharem, para que não haja ninguém ocioso na vinha do Senhor. Conquanto pregar seja uma das instrumentalidades de Deus, há outros agentes que devem ser colocados em operação para preparar o caminho do Senhor. A igreja deve ser levada a sentir sua responsabilidade antes que o Senhor reavive Sua obra.”³⁰

Note que Ellen White ligou a liderança das reuniões sociais com o treinamento do povo de Deus para trabalhar para Ele. A reunião social, com a necessidade do compartilhamento da vida com Cristo entre os irmãos, era vista como uma necessidade absoluta para desenvolver a habilidade de trabalhar para o Mestre. Não se podia esperar que alguém estivesse envolvido no trabalho de Deus fora do apoio da comunidade onde a pessoa compartilhava sua vida em Cristo. Na mente de Ellen White, a atividade missionária surgia do compartilhamento relacional que ocorria nas reuniões sociais.

“E não havia o costume de ter reuniões sociais na Europa. Mas estamos buscando educá-los nesse ponto. É dever de todos os que amam a Deus e a verdade falar palavras de experiência e conforto uns com os outros, e contar da bondade de Deus, Seu amor, e Sua grande misericórdia em dar Seu Filho Jesus Cristo para morrer por nós quando éramos inimigos de Deus.”³¹

Aqui novamente Ellen White coloca a reunião social no campo do dever. Essa realização do dever resulta em testemunhos que nos fazem compartilhar nossa fé com outros para que eles sejam reconciliados com Deus. A compreensão da reunião social como uma obrigação nos faz lembrar novamente de suas raízes metodistas e que João Wesley fez do envolvimento nas reuniões das classes um requisito para ser membro. Ellen White parece ter o mesmo sentimento forte sobre a

reunião social relacional que Wesley tinha quanto à reunião relacional das classes. Embora ela não tenha indicado isso como condição para ser membro, claramente o chamou de *dever*.

Ellen White consistentemente lutou contra a idéia de que a igreja local necessitava da constante atenção do pastor para sobreviver. Na verdade, ela freqüentemente aconselhou que exatamente o oposto deveria ocorrer, caso a igreja se tornasse dependente do pastor. Ela achava que a igreja se encheria de “fracos religiosos”.³² A vida na igreja local deve ser mantida não por cultos de pregações, mas pelas reuniões sociais relacionais.

“Que cada um considere o valor das reuniões sociais, e que nem congregações grandes ou pequenas de crentes achem que não podem ter um bom tempo a não ser que sejam entretidas por um pastor. Onde existe essa dependência do pastor, as pessoas deixam de obter a experiência vigorosa de que tanto necessitam, qualquer que seja sua sorte. Se apenas o ministro der todos os testemunhos, então os que acabaram de vir para a fé se tornarão anões e doentes por falta de oportunidade de usarem seu músculo espiritual. Eles têm necessidade de aprender a testemunhar, a orar, a cantar para a glória de Deus. Mas ao falharem em fazer isso, eles terão uma experiência unilateral.”³³

Foi por meio das reuniões sociais que a igreja local encontrou energia e saúde espiritual, não através de um pastor entretendo-a todo sábado. Na verdade, Ellen White claramente aconselha que a igreja não deveria esperar ter um sermão cada sábado.³⁴ Ela também indicou que as reuniões sociais deveriam ser grandes momentos de alegria, regozijo e louvor. Não eram momentos tristes; a felicidade prevalecia por causa do que Cristo fez pelas pessoas.

É por intermédio da reunião social que os membros adquirem a experiência necessária para se sentirem livres para testemunhar de sua fé no mundo. Talvez seja esse o motivo por que tão poucos cristãos compartilham sua fé hoje. A perda da reunião social não só afetou a vida relacional da igreja, mas afetou muito o seu potencial de testemunhar na comunidade maior. Como descobrimos em nosso estudo bíblico num capítulo anterior, o compartilhar da fé sempre ocorreu em comunidade. O adventismo primitivo realizou nessa área o mesmo que o modelo do Novo Testamento. É hora de seguirmos o conselho de Ellen White e restaurar a reunião relacional à igreja novamente.

Ellen White descreveu essas reuniões. Ela claramente nos aconselhou sobre sua absoluta necessidade, mas também inclui muitos conselhos sobre como realizar essas reuniões sociais para que não se tornem cansativas. Ela estava interessada em que a reunião social fosse espiritualmente viva, enquanto as pessoas interagiam umas com as outras. Os testemunhos apresentados deveriam ser curtos e positivos.

“As reuniões sociais e de oração devem ser as mais interessantes de todas que são realizadas. Planos devem ser feitos e sabedoria buscada de Deus para dirigir essas reuniões a fim de que sejam interessantes e atrativas. As pessoas têm fome do pão da vida. Se elas o encontrarem na reunião de oração, irão até lá para recebê-lo. Falas e orações longas e tediosas estão fora de lugar em qualquer lugar, especialmente nas reuniões sociais. Elas cansam os anjos e as pessoas que as escutam. Nossas orações devem ser curtas e objetivas. Deixe o Espírito de Deus invadir o coração dos adoradores, e varrerá dali toda formalidade e enfado.”³⁵

“As reuniões sociais e de oração devem ser um momento especial de ajuda e encorajamento. Todos devem sentir ser um privilégio participar delas. Que todos que levam o nome de Cristo tenham algo a dizer na reunião social. Os testemunhos devem ser curtos e de natureza a ajudar os outros. Nada matará o espírito de devoção tão completamente quanto alguém tomar vinte ou trinta minutos para dar um longo testemunho. Isso significa morte para a espiritualidade da reunião.”³⁶

“Os discursos devem ser curtos e objetivos, e seguidos por uma reunião social espirituosa. Às vezes a reunião teria uma influência melhor se viesse primeiro.”³⁷

Como notamos em algumas dessas declarações, Ellen White estava muito preocupada com o caráter das reuniões sociais. Não eram realizadas por impulso; requeriam preparo. O responsável não só planejava a reunião, mas se certificava de que não se tornasse improvisada com uma pessoa monopolizando a reunião ou pessoas dando testemunhos secos e formais. A reunião social deveria ser espiritualmente viva. Esse não era o momento para reclamar e semear sementes da escuridão.

“Não devemos trazer reclamações e murmúrios para os nossos testemunhos nas reuniões sociais, mas devemos falar da bendita esperança, refletir o máximo de luz quanto possível sobre a reunião. O Senhor dos Céus Se representou como quem olha com interesse enquanto os nomes e testemunhos dos que O temem e amam são escritos em Seu livro de memória. Os que se envolvem nesse tipo de serviço, que falam com freqüência uns com os outros, devem ser reunidos no dia em que o Senhor ajuntar Suas jóias; devem ser poupados como um homem poupa seu filho que o serve.”³⁸

Na realização de grandes reuniões sociais, Ellen White aconselhou que a congregação fosse dividida em grupos menores para que todos tivessem uma oportunidade de falar. Um líder deveria ser apontado para cada um dos grupos.³⁹ Ela também aconselhou a tornar as reuniões sociais do maior interesse para as crianças.⁴⁰ Até os cordeirinhos do rebanho deveriam fazer parte da comunidade de fé na reunião social. Finalmente, Ellen White se preocupava que as orações feitas na reunião social fossem curtas, objetivas e cheias de vida espiritual.

“Na reunião social, as orações devem ser feitas para que todos sejam edificados; os que tomam parte nesse exercício devem seguir o exemplo dado na linda oração do Senhor pelo mundo. Essa oração é simples, clara, abrangente e, contudo, não é longa e sem alma como as que às vezes são feitas em público. Essas orações sem vida seriam melhores se não fossem proferidas, pois são mera formalidade, sem poder vital, e deixam de abençoar e edificar.”⁴¹

Ellen White nos dá outra visão das reuniões sociais adventistas: elas eram parte do processo evangelístico. Atualmente jamais pensaríamos em usar uma reunião de testemunhos como parte de um evento evangelístico. Contudo, Ellen White indica que a metodologia evangelística adventista primitiva fazia exatamente isso. As pessoas não eram trazidas para a igreja só de forma intelectual; eram trazidas também pelo relacionamento. Aqui está novamente o equilíbrio que tão freqüentemente notamos no conselho de Ellen White. As reuniões sociais realizadas durante as reuniões evangelísticas eram utilizadas para ajudar as pessoas a tomarem a decisão de seguir a Cristo.

“Após a palestra, houve uma reunião social e muitos testemunhos foram dados, mas eu senti que almas estavam em perigo.

Almas estavam indecisas e eu insisti que os que não estavam totalmente do lado do Senhor deveriam fazer decisões naquele dia. Deveriam quebrar as correntes do poder de Satanás e ser totalmente do Senhor.”⁴²

“Essas reuniões sociais”, ela comentou, “fazem mais do que as pregações para amadurecer o trabalho.”⁴³

Ellen White também testemunha que as reuniões sociais eram uma parte regular das reuniões adventistas corporativas nos seus primeiros anos. Como foi mencionado por outros pioneiros adventistas, a reunião social era a reunião normal da igreja onde não havia pastor disponível. E mesmo se tivesse um pastor, geralmente havia uma reunião social. Isso acontecia tanto em igrejas grandes como pequenas.

“No sábado, os poucos amigos aqui se reuniram na sala de estar do Edson para a Escola Sabatina. Havia quatro famílias – doze pessoas ao todo – que geralmente se encontravam para o culto. Edson dirige a Escola Sabatina quando ele está em casa. Após a Escola Sabatina, eles têm ou uma leitura da Bíblia ou uma oração e uma reunião social. É assim que deve ser.”⁴⁴

CONCLUSÕES SOBRE AS REUNIÕES SOCIAIS ADVENTISTAS

A reunião social adventista primitiva parece ter sido muito semelhante às reuniões de oração metodistas que estavam evoluindo das reuniões das classes na época do início do adventismo. Como o metodismo estava em transição nessa ocasião, encontramos indícios das reuniões de classes e das reuniões de oração no adventismo. Enquanto o metodismo estava abandonando as reuniões de

classes nos lares e adotando as reuniões de oração após o sermão no culto, os adventistas continuaram com as duas práticas. Eles tinham reuniões sociais após as pregações, bem como em pequenas reuniões nos lares. Estas teriam sido mais similares às reuniões das classes metodistas, mas não tão estruturadas com perguntas diretas como as que Wesley fazia.

É seguro presumir que a estrutura básica da reunião social foi tomada emprestada dos metodistas, sancionada por Ellen White e então tornada parte vital da eclesiologia adventista. Como os escritos de Ellen White e de muitos outros pioneiros se referem à reunião social, deve-se presumir que não era um evento isolado. As freqüentes menções dessas reuniões nas primeiras edições da *Review* claramente indicam que elas eram parte vital da vida adventista.

A reunião social servia para suprir as necessidades relacionais dos adventistas primitivos. Era o momento em que as pessoas se sentiam seguras para compartilhar seus problemas e buscar a ajuda dos outros, sabendo que não seriam condenadas, mas auxiliadas. A abertura tão evidente nessas reuniões sociais enquanto os crentes abertamente compartilhavam parece estranha aos ouvidos adventistas de hoje, quando a maioria de nós se esconde atrás de nossas máscaras. Certamente havia coisas escondidas entre esses adventistas primitivos, mas com certeza havia mais franqueza do que na igreja hoje.

A reunião social não era um estudo bíblico. Era uma reunião onde as pessoas simplesmente compartilhavam o que estava acontecendo em sua vida pessoal e espiritual. Seu propósito não era comunicar conhecimento, mas ajudar os membros a compartilharem comunidade. Sua função era edificação, não instrução.

Num capítulo intitulado “Reuniões Sociais” (na edição em inglês), Ellen White claramente define o propósito dessas reuniões como um lugar para dividir pensamentos e sentimentos: “Qual é o objetivo de nos reunirmos? É para informar a Deus, para instruí-Lo contando-Lhe tudo que sabemos em oração? Reunimo-nos para edificarmos uns aos outros através de uma troca de pensamentos e sentimentos, para adquirirmos força, luz e coragem ao ficarmos familiarizados com as esperanças e aspirações uns dos outros; e pelas nossas fervorosas e sinceras orações, oferecidas com fé, recebermos refrigério e vigor da Fonte de nossa força. Essas reuniões deveriam ser os mais preciosos e interessantes momentos para todos os que apreciam as coisas religiosas.”⁴⁵

Toda indicação dos escritos de Ellen White é que o propósito das reuniões sociais era lidar com o aspecto relacional da vida das pessoas, incluindo seus sentimentos. Ela via essas reuniões como absolutamente essenciais para a vida e saúde da igreja. Elas eram o meio pelo qual os adventistas primitivos mantinham sua fé. Eles não tinham condições de ouvir um pregador a cada sábado. Por isso, foram forçados a desenvolver sua própria vida espiritual em comum, sem a ajuda constante do clero. O resultado foi uma igreja espiritual muito saudável.

Quando se examina a vida da Igreja Adventista primitiva, fica evidente que ela foi modelada – talvez mais por acaso do que por planejamento – tendo como inspiração o culto primitivo do Novo Testamento. Como já vimos, a igreja primitiva do Novo Testamento não era tão dependente de pregadores regulares. A igreja era uma comunidade baseada em comunhão, ao invés de somente em doutrina. O adventismo primitivo também. Certamente Ellen White teve

grande influência em manter a Igreja Adventista primitiva em harmonia com o equilíbrio entre os aspectos racional (cognitivo) e relacional da igreja do Novo Testamento.

No entanto, após a morte de Ellen White, em 1915, as reuniões sociais gradualmente foram sendo substituídas pelas reuniões de oração. Finalmente, as igrejas adventistas começaram a modelar seus cultos pelos de outras igrejas protestantes. Um clero foi apontado sobre as congregações. Então as reuniões de oração se degeneraram. Em vez de um momento para as pessoas orarem e compartilharem testemunhos, elas se tornaram outro momento para o pastor pregar ou dar um estudo intelectual da Bíblia, seguido de momentos de oração. O elemento relacional foi inteiramente perdido na maioria das igrejas. Uma ênfase desequilibrada no aspecto cognitivo e até certo medo do aspecto relacional substituiu o lindo equilíbrio do adventismo primitivo.

Como resultado, atualmente muitas igrejas consideram uma apostasia ter grupos na igreja que lidam só com a área relacional da vida. Um pequeno grupo onde as pessoas compartilham a vida em Cristo é visto como errado. Afirma-se que as pessoas deveriam apenas estudar a Bíblia nesses grupos e não lidar com relacionamentos. Quão longe nos afastamos! De uma igreja com um lindo e saudável equilíbrio entre o cognitivo e o relacional, nos tornamos uma igreja em que alguns membros acham que encontros como as primitivas reuniões sociais adventistas são errados.

É hora de reconhecer que tal pensamento é herético, tanto para o Novo Testamento quanto para nossa herança adventista. É hora de restaurar as reuniões relacionais como parte vital da experiência semanal adventista. É chegada a hora de incluirmos pequenos grupos

relacionais semanais em nosso calendário adventista. Mais que isso, que se tornem um elemento dominante e vital do culto adventista novamente. Somente assim poderemos ser fiéis às Escrituras, a Ellen White e à nossa herança adventista.

Referências

1. Uriah Smith, *Advent Review and Sabbath Herald*, 23 de maio de 1865.
2. Tiago White, *Life Incidents* (Battle Creek, MI: Steam Press of Seventh-day Adventist Publishing Association, 1868), vol. 1, pág. 167. (Aqui, Tiago White está falando de reuniões sociais durante o movimento milerita.)
3. J. N. Loughborough, *Miracles In My Life* (republicado por Leaves of Autumn books, Phoenix, 1987), pág. 88.
4. E. J. Waggoner, "Living by Faith", *Signs of the Times*, 1889, pág. 13.
5. Tiago White, *Advent Review and Sabbath Herald*, vol. 4, nº 30, 29 de maio de 1855, pág. 236.
6. F. W. Morse, *Advent Review and Sabbath Herald*, vol. 22, nº 15, 8 de setembro de 1863, pág. 114.
7. Para mais informações sobre o papel do clero no Novo Testamento e no adventismo primitivo, ver Russell Burrill, *A Study of the Biblical Terms for Clergy and Their Historical Development in Christianity and Adventism*, disponível no NADEL, 9047-3 US 31 North, Berrien Springs, MI 49103; fone (616) 471-9220.
8. G. W. A., *Advent Review and Sabbath Herald*, vol. 19, nº 3, 17 de dezembro de 1861, pág. 20.
9. A. Chapman, *Advent Review and Sabbath Herald*, vol. 5, nº 11, 4 de abril de 1854, pág. 87.
10. J. Hoffer, *Advent Review and Sabbath Herald*, vol. 28, nº 6, 2 de julho de 1861.
11. Irmão Holiday, *Advent Review and Sabbath Herald*, vol. 28, nº 5, 2 de julho de 1861.
12. J. H. Loughborough, *The Church: Its Organization, Order, and Discipline* (Mt. View, CA: Pacific Press, 1906), pág. 126.
13. *Advent Review and Sabbath Herald*, vol. 20, nº 8, 22 de julho de 1862, pág. 60.
14. *General Conference Bulletin*, 32ª Sessão, 21 de fevereiro de 1897, pág. 144.
15. Ibidem.
16. Ellen G. White, Manuscrito 29 (1887), pág. 267.

17. Ellen G. White, "The Southern California Camp Meeting", *Signs of the Times*, 6 de maio de 1880.
18. Ellen G. White, *Manuscript Releases*, vol. 16, pág. 251.
19. Ellen G. White, Manuscrito 32 (1894), págs. 3 a 5. (Trata-se de uma referência a Ellen White introduzindo reuniões sociais quando visitou a Austrália, na década de 1890).
20. Ellen G. White, Manuscrito 83, 12 de agosto de 1893, diário.
21. Ellen G. White, "Individual Responsibility in the Church", *Advent Review and Sabbath Herald*, 22 de outubro de 1889.
22. Ellen G. White, *Fé e Obras*, 3ª ed. (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1996), pág. 72, linguagem modificada.
23. Ellen G. White, "The Southern California Camp Meeting", *Signs of the Times*, 6 de maio de 1880.
24. *The Ellen G. White 1888 Materials* (Washington, DC: The Ellen G. White Estate, 1987), vol. 1, pág. 284.
25. Ellen G. White, "Looking Back at Minneapolis", *Manuscript Releases*, vol. 12, pág. 183.
26. Uriah Smith, um dos primeiros editores da *Review*, acreditava que Cristo era um ser criado. Conquanto essa crença estivesse em desarmonia com a igreja, ele ainda foi aceito como crente e foram-lhe dadas posições importantes na igreja. Essa tolerância de diferenças, eu acredito, se deve à abertura expressada nas reuniões sociais dos adventistas primitivos.
27. Ellen G. White, Carta 7, 1883 (citada no *Comentário Bíblico Adventista*, vol. 7, pág. 935).
28. Ellen G. White, "Individual Responsibility in the Church", *Advent Review and Sabbath Herald*, 22 de outubro de 1889.
29. Ellen G. White, *Manuscript Releases*, vol. 2, pág. 21.
30. Ellen G. White, "Labor at the Camp-Meetings", *Signs of the Times*, 17 de maio de 1883.
31. Ellen G. White, *Manuscript Releases*, vol. 9, pág. 94.
32. Ellen G. White, *Testimonies for the Church*, vol. 7, pág. 58.
33. Ellen G. White, "Witnesses for Christ", *Advent Review and Sabbath Herald*, 10 de setembro de 1895.
34. Ellen G. White, *Evangelismo*, 3ª ed. (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997), pág. 348.
35. Ellen G. White, "Christian Work", *Advent Review and Sabbath Herald*, 10 de outubro de 1882.

36. Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos*, 5ª ed. (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1993), pág. 171, linguagem modificada.
37. Ellen G. White, "Sanctification Through Obedience to the Truth", *Signs of the Times*, 16 de março de 1882.
38. Ellen G. White, "The Disciples of Christ Are One in Him", *Advent Review and Sabbath Herald*, 12 de novembro de 1889.
39. Ellen G. White, "Incidents of the Michigan Camp-Meeting", *Signs of the Times*, 19 de outubro de 1876.
40. Ellen G. White, "The New Heart", *Advent Review and Sabbath Herald*, 14 de abril de 1885.
41. Ellen G. White, *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*, 4ª ed. (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1994), pág. 243, linguagem modificada.
42. D. A. Delafield, *Ellen G. White in Europe, 1885-1887* (Washington, DC: Review and Herald, 1975), pág. 307 (citando Ellen White).
43. Arthur White, *Ellen G. White: The Australian Years, 1891-1900* (Washington, DC: Review and Herald, 1984), vol. 4, pág. 104 (citando Ellen White).
44. Ellen G. White, "Notes of Travel, Kansas City, MO", *Advent Review and Sabbath Herald*, 14 de outubro de 1884.
45. Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001), vol. 2, pág. 578, linguagem modificada.

Ellen White e os pequenos grupos

O capítulo anterior demonstrou que os adventistas primitivos estavam profundamente preocupados em manter o equilíbrio entre o cognitivo (racional) e o relacional em sua vida espiritual. A principal maneira para preservarem o elemento relacional foi através da reunião social. A reunião social adventista primitiva era similar à nossa experiência moderna do pequeno grupo. Assim, o pequeno grupo é uma das melhores maneiras de atingir uma dinâmica relacional em nossas igrejas modernas, desde que seja relacional e não cognitivo.

Alguns sugeriram transformar as unidades da Escola Sabatina em pequenos grupos. Contudo, se tornarmos essas unidades relacionais, perderemos o elemento cognitivo. Isso nós não podemos fazer – ou ficaremos desequilibrados na direção oposta. O que a igreja precisa é de equilíbrio entre o racional e o relacional. Portanto, precisamos de dois tipos de grupos: pequenos grupos relacionais e grupos de estudo da Bíblia.

Neste capítulo desejamos examinar novamente os escritos de Ellen White para nos certificarmos se ela deu algum conselho direto

quanto à formação de pequenos grupos. Precisamos descobrir se ela defendia o uso de pequenos grupos para atividades evangelísticas e o cuidado dos crentes. “Pequeno grupo” é uma expressão moderna usado para descrever a formação de um ajuntamento de pessoas para nutrirem e cuidarem umas das outras, bem como para prover um lugar seguro para convidar os incrédulos. Ellen White defendia tal uso de pequenos grupos?

Ela raramente usou o termo “pequeno grupo”. Evidentemente, essa não era a expressão do momento em seus dias. Mas ela realmente falou sobre o conceito. Ao fazê-lo, ela se referiu a eles como “pequenas companhias”, mas, como veremos, o significado é o mesmo. O que ela tinha a dizer sobre essas “pequenas companhias”? Sua declaração mais enfática é a seguinte:

“A formação de pequenos grupos como base do esforço cristão foi-me apresentada por Um que não pode errar. Se há um grande número de pessoas na igreja, que os membros sejam organizados em pequenas companhias, para trabalharem não só pelos membros da igreja, mas pelos descrentes. Se em algum lugar há somente dois ou três que conhecem a verdade, que eles formem uma equipe de trabalhadores. Que mantenham seu laço de união inteiro, avançando juntos em amor e união, encorajando uns aos outros a avançarem, e adquirindo coragem e força da ajuda dos outros. Que revelem tolerância e paciência como a de Cristo, não dizendo palavra apressada, usando o talento da fala para edificar uns aos outros na mais santa fé. Que trabalhem pelos que estão fora do aprisco em amor como o de Cristo, esquecendo-se do eu em seu empreendimento de ajudar aos outros. Ao trabalharem e orarem em nome de Cristo, seu número aumentará, pois o Senhor diz: ‘Se dois dentre

vós, sobre a Terra, concordarem a respeito de qualquer coisa que, porventura, pedirem, ser-lhes-á concedida por Meu Pai, que está nos Céus.’ Mateus 18:19.”¹

Você pode procurar em todos os mais recentes livros sobre pequenos grupos, e não encontrará uma definição de pequeno grupo melhor do que essa dada aqui por Ellen White. Ela declarou que a idéia de dividir a igreja em pequenas companhias fora-lhe dada por Um que não podia errar. Isso é uma autenticação divina dos pequenos grupos. Nada podia ser mais claro do que esse ressonante endosso que Ellen White dá ao ministério dos pequenos grupos. Ela então passa a definir o que deveria acontecer nos pequenos grupos e indica que eles deveriam se preocupar com evangelismo, oração, estudo da Bíblia, encorajamento e cuidado mútuo, e que acima de tudo eles deveriam criar comunidade.

Essa única afirmação deveria pôr fim a qualquer má vontade que qualquer adventista possa ter em relação ao ministério dos pequenos grupos. Ellen White não poderia ter se expressado mais claramente. A Igreja Adventista deve ser edificada sobre o ministério dos pequenos grupos. Quem quer que se oponha a isso está em desarmonia tanto com a Bíblia como com Ellen White. Geralmente chamamos isso de “heresia”. Igrejas grandes deveriam se dividir em pequenos grupos. Se há somente dois ou três membros na igreja, eles ainda deveriam formar um pequeno grupo. O fato de que a Sra. White defende pequenos grupos para até dois ou três crentes indica que o propósito não é só criar unidades menores, mas criar comunidade.

Quando uma igreja é edificada sobre o ministério de pequenos grupos, ela não fica tão dependente de um pastor para estar no

comando. Enquanto os membros cuidam uns dos outros, o clero está livre para alcançar novas pessoas e criar novas igrejas. Os pequenos grupos oferecem uma base de nutrição e cuidado contínuo que alimenta espiritualmente os membros, liberando o pastor para treinar e evangelizar. Seria impossível retornar ao paradigma adventista primitivo ou do primeiro século de não ter pastores estabelecidos sobre igrejas sem primeiro mudar para um modelo de igreja de pequenos grupos. Note estes pensamentos de Ellen White:

“A obra de Deus deve ser feita a Seu modo e ao do Seu Espírito. Em vários lugares, pequenas companhias devem se consagrar a Deus de corpo, alma e espírito, e se apegando ao trono de Deus pela fé devem trabalhar zelosamente, mantendo suas almas no amor de Deus. A corrente vital de Seu amor se fará sentir, e será reconhecida como vinda do Céu nas boas obras de Seu povo. Aquelas pequenas companhias que conhecem a verdade, com uma voz deveriam ordenar seu ministro que vá às ovelhas perdidas da casa de Israel. Todos deveriam procurar fazer trabalho individual por outro. Ninguém que tenha provado da bondade, misericórdia e amor de Deus pode ser isento de trabalhar pelos outros.”²

Enquanto os membros da igreja levassem sua vida em pequenos grupos, construiriam uma comunidade que os manteria fortes na fé. Não precisariam de um pregador para manter sua vida espiritual porque esta seria fortalecida na comunidade. Assim, ela os convidou a ordenarem seu pastor a ir e trabalhar por outros. Note que a razão que ela deu para não dependerem de um pastor estabelecido foi a formação das pequenas companhias, ou grupos.

O conselho para modelar a igreja em pequenos grupos foi repetido em muitos de seus livros e artigos,³ o que revela que isso não

foi só um pensamento passageiro, mas uma preocupação prioritária. Cada uma dessas referências repete que essa idéia foi-lhe dada por “Um que não pode errar”.

Ellen White também fala favoravelmente da prática em nossas reuniões maiores de dividir a congregação em vários pequenos grupos para oração e encorajamento mútuo. Ela não desestimulou grandes reuniões. Ela as apreciava, mas sentia que algo estava faltando se os pequenos grupos não estivessem presentes também.

“No sábado houve profundo sentimento na reunião; muitos vieram à frente para oração, vários deles estavam dando seu primeiro passo para o lado do Senhor. Após a oração por esses, eles se retiraram em pequenas companhias para várias tendas, e um ministro foi escolhido para cada tenda onde se reuniram, e a obra que havia iniciado na tenda grande continuou ali. Essas reuniões eram caracterizadas por sentimentos profundos.”⁴

Ellen White também previu o dia em que, por causa da perseguição, a igreja grande não mais existiria, e a única maneira com que a igreja poderia sobreviver seria em pequenos grupos.⁵ A história cristã provou que isso foi verdade no passado, e também foi verdade num passado não tão distante, quando a igreja sobreviveu ao comunismo. Isso só foi possível graças à igreja de pequenos grupos nos lares.

As afirmações mais fortes de Ellen White com relação aos pequenos grupos se referem ao seu uso como base para evangelismo. Ela claramente não defendia o evangelismo individual, mas aconselhou que toda atividade evangelística deveria ser feita com o apoio de uma comunidade. Portanto, não é de se surpreender que ela tenha falado tanto sobre as pequenas companhias como base para o trabalho evangelístico.

“Vários pequenos grupos deveriam ser estabelecidos em Nova Iorque, e os obreiros enviados. O fato de um homem não ser ordenado como pregador não significa que ele não possa trabalhar para Deus. Que homens assim sejam ensinados a trabalhar, então que eles saiam para o trabalho. Ao regressarem, que contem aos outros o que fizeram. Que eles louvem a Deus por Suas bênçãos, e então que saiam novamente. Encoraje-os. Algumas palavras de encorajamento serão uma inspiração para eles.”⁶

Note que Ellen White defende os pequenos grupos especialmente para a obra em grandes cidades. Os obreiros, que ela considera serem tanto os leigos quanto o clero, devem formar pequenos grupos como base de trabalho. Quando voltarem de seu trabalho, eles devem reportar à comunidade (o pequeno grupo) que os enviou. Ela via os pequenos grupos como uma forma excelente de garantir que as pessoas não se esgotassem no ministério, mas que recebessem o apoio necessário para mantê-las.

Os grupos não só deveriam ser uma base de apoio para o ministério, mas Ellen White também defende que o próprio grupo seja uma unidade ministradora: “Cristo buscava as pessoas onde estavam e colocava diante delas as grandes verdades relacionadas a Seu reino. Enquanto ia de um lugar para o outro, Ele abençoava e confortava os sofredores e curava os doentes. Essa é nossa obra. Pequenos grupos devem sair para fazer a obra que Cristo encarregou Seus discípulos de fazerem. Enquanto trabalham como evangelistas, eles podem visitar os doentes, orando com eles e, se necessário, tratando-os, não com remédios alopáticos, mas com remédios da natureza.”⁷

“Lugares que ainda não foram trabalhados poderiam ter sido penetrados, e almas poderiam ter sido alcançadas com a verdade.

Pequenas companhias de obreiros, sob a sábia direção de professores consagrados, deveriam estar saindo para os campos necessários. Sempre que esse movimento é levado a sério, movimentos cuidadosos terão de ser feitos.”⁸

Ellen White tinha uma visão bem equilibrada de pequenos grupos, como fica claro em sua principal definição do ministério de pequenos grupos mencionada no início deste capítulo. Sua concepção de pequenos grupos era muito ampla. Incluía não só evangelismo, mas também o reunir-se para estudo da Bíblia e oração. Como a igreja do Novo Testamento, Ellen White viu que a igreja verdadeira existe em comunidade, com estudo da Bíblia e oração sendo conduzidos em pequenos grupos.

Notaremos primeiramente uma de suas afirmações com relação a pequenos grupos como base para o estudo da Bíblia: “Que pequenos grupos se reúnam à noite, ao meio-dia, ou cedo de manhã para estudar a Bíblia. Que tenham um período de oração, para que possam ser fortalecidos, iluminados e santificados pelo Espírito Santo. Essa obra Cristo quer que seja realizada no coração de cada obreiro. Se vocês mesmos abrirem a porta para recebê-la, uma grande bênção virá para vocês. Anjos de Deus estarão em seu meio. Vocês se alimentarão das folhas da árvore da vida. Que testemunhos vocês poderão dar dessa amizade feita com seus colegas obreiros nesses preciosos momentos de busca das bênçãos de Deus! Que cada um conte sua experiência com palavras simples. Isso trará mais conforto e alegria à alma do que todos os agradáveis instrumentos musicais que pudessem ser trazidos para dentro das igrejas. Cristo entrará em seus corações. É somente por esse meio que podem manter sua integridade.”⁹

Ela vislumbrou esses pequenos grupos se reunindo em diferentes horas do dia, em vez de todos ao mesmo tempo. Isso também é aconselhado por modernos defensores de pequenos grupos. Além do mais, conquanto o estudo da Bíblia deva ocorrer nesses grupos, a citação acima deixa claro que é só uma pequena parte da atividade do grupo. Também há momentos de oração, testemunhos e o compartilhar da vida em Cristo. Na verdade, a reunião descrita acima se parece muito com as reuniões sociais discutidas no capítulo anterior. A questão aqui é que Ellen White defendia que estas coisas fossem feitas em pequenos grupos, não só em grandes reuniões.

Ellen White falou profundamente sobre a oração no contexto do pequeno grupo. Ela achava que o pequeno grupo era o local natural para as pessoas orarem juntas: “Que a igreja de Los Angeles tenha momentos especiais de oração diária pela obra que está sendo realizada. A bênção do Senhor virá aos membros da igreja que assim participarem da obra, reunindo-se em pequenos grupos diariamente para orar pelo seu sucesso. Desse modo, os crentes obterão graça para si mesmos, e a obra do Senhor avançará.”¹⁰

“O Senhor prometeu que onde dois ou três se reunirem em Seu nome, ali Ele estará em seu meio. Os que se reunirem em oração receberão uma unção daquele que é santo. Há uma grande necessidade de oração secreta, mas há também necessidade de vários crentes se reunirem para, com sinceridade, unirem suas petições a Deus. Nesses pequenos grupos, Jesus está presente, e o amor pelas almas é aprofundado no coração, e o Espírito manifesta Suas poderosas energias para que agentes humanos possam ser exercitados no que se refere à salvação dos que estão perdidos.”¹¹

Como resultado de pequenos grupos orando juntos, Ellen White viu orações sendo atendidas e o Espírito Santo sendo derramado. O resultado final de toda essa oração em pequenos grupos era a salvação de pessoas. Os pequenos grupos, para Ellen White, não existiam simplesmente como um fim em si mesmos. Eles eram um instrumento que reunia os cristãos para o recebimento do Espírito Santo, que liberava o poder do Céu para ganhar almas para Cristo.

“Por que os crentes não sentem uma preocupação mais profunda e sincera pelos que estão fora de Cristo? Por que dois ou três não se reúnem e rogam a Deus pela salvação de alguém em especial, e então por ainda outro? Que se formem em nossas igrejas grupos para o serviço. Que outros diferentes se unam em trabalho como pescadores de homens. Que busquem juntar almas da corrupção do mundo para a salvadora pureza do amor de Cristo.”¹²

É a igreja se reunindo em pequenos grupos e rogando a Deus que libera o poder do Céu. Os crentes, aqui, são aconselhados a orar pela salvação de pessoas perdidas e a solicitar ao pequeno grupo que continuamente roge diante do Céu por sua salvação, até que aceitem a Cristo em fé. Ellen White pessoalmente demonstrou isso em sua juventude. Um grupo de suas amigas se reunia e orava pelos amigos que estavam afastados de Cristo, até que cada um deles tivesse se sujeitado a Jesus. Ela conhecia por experiência própria o poder de pequenos grupos orando por pessoas perdidas. O poder da oração no pequeno grupo não pode ser subestimado. É, na verdade, a vida do pequeno grupo. São as orações, ascendendo a Deus através dos séculos, dos crentes se reunindo em pequenos grupos que Deus repara no juízo.

“No juízo, muitos segredos serão revelados. Então veremos o que a crença na Palavra de Deus fez por homens e mulheres. Será visto como pequenos grupos, de às vezes não mais de três ou quatro pessoas, se reuniram em lugares secretos para buscarem ao Senhor, e como receberam luz e graça, e preciosas jóias de pensamentos. O Espírito Santo foi seu professor, e sua vida revelou as bênçãos que vêm da posse dos oráculos de Deus.”¹³

Ellen White não só defendeu pequenos grupos na igreja, mas que também fossem usados na obra de publicações e na obra educacional da igreja. Nenhuma parte da obra deveria ficar intocada pelo ministério de pequenos grupos.

“No gerenciamento da obra escolar, pequenos grupos devem ser formados, os quais deveriam ser ensinados a ter uma noção completa de sua responsabilidade. Nem tudo pode ser realizado de uma só vez, mas podemos começar a trabalhar em fé.”¹⁴

“Casas e prédios essenciais à obra escolar devem ser erguidos pelos próprios alunos. Esses prédios não devem ser construídos muito próximos uns dos outros, ou localizados próximos aos prédios escolares propriamente ditos. No gerenciamento dessa obra, pequenos grupos devem ser formados que deveriam ser ensinados a terem uma noção completa de sua responsabilidade.”¹⁵

“Que pequenos grupos [em nossas casas publicadoras] se reúnam à noite ou cedo de manhã para estudarem a Bíblia por si mesmos.”¹⁶

Pequenos grupos eram um plano amplo o qual deveria ser encontrado em cada extensão da obra da igreja. Eles formam a base sobre a qual o ministério deve ser conduzido na igreja, em nossas escolas e até mesmo na obra de publicações. Para Ellen White, os pequenos grupos não eram simplesmente um programa da igreja; eles eram

o princípio organizador principal da obra da igreja. Ter uma igreja sem pequenos grupos operando nela era algo desconhecido para Ellen White, pois a igreja deve ser edificada sobre pequenos grupos.

Em visão profética, Ellen White viu um grande reavivamento ocorrendo na igreja de Deus no fim dos tempos. Quando esse reavivamento ocorrer, a igreja novamente se reunirá em pequenos grupos para buscar a Deus: “Houve na igreja um reavivamento do espírito missionário. Foi demonstrado um grande desejo de aprender a trabalhar pelo Senhor. Pequenos grupos se reuniram para oração e estudo da Bíblia. Todos avançam com ação harmoniosa. Crentes foram a lugares onde as pessoas não têm oportunidade de ouvir a Palavra de Deus e reuniram as crianças para a Escola Sabatina. Esforços foram feitos para ajudar famílias isoladas. Foram traçados planos para essas famílias se reunirem com outras famílias para o estudo da Bíblia. Assim foi aberto o caminho para que a luz da Palavra de Deus brilhasse.”¹⁷

Chamas de reavivamento! Quão desesperadamente a igreja atual necessita de tal reavivamento. Como então podemos ousar resistir a entrar no ministério dos pequenos grupos? É inconcebível para a igreja de Deus, no fim da história da humanidade, pretender dar continuidade ao seu ministério sem dar ênfase aos pequenos grupos. Um dos resultados do reavivamento é se reunirem em pequenos grupos para orarem e encorajarem-se uns aos outros. Não pode haver um genuíno reavivamento sem tais reuniões. Ao nos prepararmos para esse reavivamento, começemos nos reunindo em pequenos grupos. Agora.

Ellen White deu à Igreja Adventista um claro endosso para os pequenos grupos relacionais se reunirem para oração, estudo bíblico, testemunhos, encorajamento mútuo e cuidado. Todas essas

experiências de pequenos grupos resultam em crentes trabalhando pelos outros em evangelismo. Opor-se ao ministério dos pequenos grupos na Igreja Adventista é rejeitar o conselho que Deus nos deu por meio da pena inspirada de Ellen White. É hora de a Igreja Adventista do Sétimo Dia restaurar o ministério dos pequenos grupos ao seu devido lugar, como o princípio organizador central.

Referências

1. Ellen G. White, *Testimonies for the Church*, vol. 7, págs. 21 e 22.
2. Ellen G. White, "Followers of Christ Will be Missionaries", *Advent Review and Sabbath Herald*, 8 de janeiro de 1895.
3. A afirmação é repetida nos seguintes livros e artigos: *Serviço Cristão*, pág. 72; *Evangelismo*, pág. 115; *Beneficência Social*, pág. 107; Relatório da União Australasiana, 15 de agosto de 1902; Revista da Pacific Union, 9 de outubro de 1902; *Advent Review and Sabbath Herald*, 12 de agosto de 1902.
4. Ellen G. White, "Santification", *Signs of the Times*, 23 de outubro de 1879.
5. Ellen G. White, *Manuscript Releases*, vol. 17, pág. 350.
6. Ellen G. White, *Evangelismo*, pág. 389, linguagem modificada.
7. Ellen G. White, *Conselhos Sobre Saúde*, 3ª ed. (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1993), pág. 501, linguagem modificada.
8. Ellen G. White, *Manuscript Releases*, vol. 21, pág. 175.
9. Ellen G. White, *Testimonies for the Church*, vol. 7, pág. 195.
10. Ellen G. White, *Evangelismo*, pág. 111, linguagem modificada.
11. Ellen G. White, *Lift Him Up* (Washington, DC: Review and Herald, 1988), pág. 358.
12. Ellen G. White, *Testimonies for the Church*, vol. 7, pág. 21.
13. Ellen G. White, "They Shall Be Mine, Saith the Lord of Hosts", *Signs of the Times*, 23 de novembro de 1904.
14. Ellen G. White, *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*, pág. 311, linguagem modificada.
15. Ellen G. White, Relatório da União Australasiana, 31 de julho de 1899, pág. 6.
16. Ellen G. White, *Manuscript Releases*, vol. 9, pág. 98.
17. Ellen G. White, "A Call to All Our People", *The Indiana Reporter*, 25 de fevereiro de 1903.

Retorno ao modelo bíblico

Os adventistas do sétimo dia professam ser um movimento bíblico, fundado totalmente na Palavra de Deus como base para toda sua fé e prática. Assim afirma nossa primeira crença fundamental. Então, como podemos continuar a existir como uma igreja institucional em vez de uma igreja de pequenos grupos? Eu examinei extensivamente tanto o Antigo quanto o Novo Testamento e descobri que a base bíblica para toda a organização da igreja é o pequeno grupo. Para ser bíblica, a igreja precisa estar centrada em pequenos grupos.

A igreja não deve ser construída como uma corporação. Não deve ser liderada por uma pessoa no topo. Deve ser dividida em pequenos grupos onde a liderança está distribuída e recebe responsabilidade e autoridade. A estrutura hierárquica que temos na igreja local, com um pastor responsável, precisa mudar para um plano mais “circular” de organização, no qual o pastor assume sua função bíblica para inspirar, treinar, equipar e evangelizar. A igreja dividida em pequenos grupos se torna menos dependente da ajuda do pastor para alimentar seus membros. O pastor, então, estará livre para fazer

a obra que Deus ordenou que fizesse, que é capacitar os membros, evangelizar e implantar novas igrejas.

PEQUENOS GRUPOS: O CENTRO DA VIDA PARA A IGREJA

O modelo bíblico que examinamos não indica que devemos acrescentar os pequenos grupos como um programa a mais na agenda já lotada da igreja. Muitas igrejas tentaram fazer isso e o plano falhou. Quando é feito assim, os pequenos grupos se tornam populares por certo tempo, mas rapidamente morrem, porque não são vistos como o princípio organizador sobre o qual toda a igreja deve estar fundada. Outros tentaram acrescentar os pequenos grupos porque é a “última moda”. Contudo, duas coisas devem ocorrer numa igreja antes que o ministério de pequenos grupos seja iniciado.

Primeiro, uma mentalidade de missão deve ser redescoberta. Enquanto a igreja estiver olhando para dentro de si mesma, somente grupos de manutenção se desenvolverão. A igreja precisa redescobrir a paixão por pessoas perdidas e sentir uma grande necessidade de alcançá-las. Deve sentir uma grande responsabilidade pelas muitas pessoas perdidas em sua comunidade, que estão indo para a sepultura sem Cristo, morrendo sem esperança.

Segundo, a crença no ministério de todos os crentes deve ser restaurada. A igreja deve redescobrir a verdade bíblica de que todos os crentes são ministros e que o pastor é o orientador e o capacitador dos membros para o ministério. O ministério de todos os membros deve ser visto como tal tanto na igreja quanto no mundo. A igreja deve estar comprometida em desenvolver um modelo de igre-

ja de ministério leigo, onde o pastor seja um capacitador e os membros evangelizem e cuidem uns dos outros.

Uma vez estabelecidos esses dois conceitos, a igreja está pronta para o ministério de pequenos grupos. Tratei dessas duas áreas em dois livros anteriores: *Revolution in the Church* e *Radical Disciples for Revolutionary Churches*. A questão é levantada aqui para garantir que esses dois conceitos estejam claros antes que a igreja tente entrar no modelo da igreja de pequenos grupos relacionais. Senão os pequenos grupos acabarão simplesmente como outro programa acrescentado à igreja. Eles rapidamente definharão, a vida voltará ao normal, e será dito: “Os pequenos grupos não funcionam.” Se estivermos falando sério sobre voltar à igreja relacional movida pela missão, com membros capacitados e que está centralizada num ministério de pequenos grupos, então é imperativo que procedamos corretamente.

Para sermos fiéis à nossa herança bíblica e histórica, devemos reestruturar completamente a igreja local para que os pequenos grupos se tornem o princípio organizador. Os pequenos grupos não podem ser opcionais. No entanto, na maioria das igrejas hoje são considerados assim. O culto no sábado de manhã é considerado “o evento” que todos os crentes devem freqüentar. Na igreja do futuro, deve-se garantir que o pequeno grupo também seja “o evento” que todos devem freqüentar cada semana. O pequeno grupo deve chegar a ter o mesmo peso e importância que a reunião de sábado pela manhã. Isso seria um modelo mais bíblico de igreja.

Em outros livros, sugeri que a igreja do futuro, para ser bíblica, deve ter membros bem treinados. Os pastores devem treinar seus membros para o ministério e então sair para implantar novas

igrejas. Esse quadro bíblico do papel dos membros e do pastor precisa ser recuperado pela Igreja Adventista moderna. Ellen White há muito tempo emitiu um chamado à Igreja Adventista: “Não deve haver um chamado para se ter pastores estabelecidos sobre nossas igrejas, mas deixe que o poder vivificador da verdade impressione os membros individuais a agirem, levando-os a trabalhar com interesse, realizando um trabalho missionário eficiente em cada localidade.”¹

Nesse paradigma, como uma igreja local se mantém sem depender tanto de um pastor? Adotando o modelo bíblico de pequenos grupos. Foi isso que a igreja do Novo Testamento e a Igreja Adventista primitiva fizeram. Se funcionou para elas, deve funcionar para nós, mesmo no sofisticado século 21.

Como será a igreja de pequenos grupos? Nas igrejas já estabelecidas, os membros devem ser divididos em pequenos grupos. Os pequenos grupos se tornam a base das atividades desta igreja. Nos novos locais onde não há igreja, pequenos grupos devem ser estabelecidos nos lares, e à medida que crescem, darão origem a uma nova congregação, que também será baseada em pequenos grupos.

Nessa igreja bíblica do século 21, as pessoas se unirão à igreja principalmente por intermédio do pequeno grupo. O pequeno grupo evangelizará, cuidará das pessoas e as apoiará em seu ministério. Os conversos trarão outras pessoas para o pequeno grupo a fim de serem cuidadas como eles foram. Hoje, a maioria das pessoas entra para a igreja de forma muito impessoal. Elas não constroem relacionamentos no pequeno grupo e não entram em comunidade. Como resultado, a apostasia tem sido muito elevada.

A ESTRUTURA DA IGREJA BÍBLICA DO SÉCULO 21

Na estrutura dessa igreja bíblica do século 21, haverá a necessidade de uma base de apoio para os líderes dos grupos. Isso exigirá contínuo treinamento de novos e já existentes líderes de pequenos grupos. Essa será uma das responsabilidades do pastor nesse novo paradigma.

Para isso, o pastor pode construir uma estrutura de apoio a exemplo da que Moisés desenvolveu sob a orientação de Jetro, onde havia líderes de dez, cinquenta, cem e mil. Sugerimos que o pastor crie a seguinte estrutura: um líder para cada pequeno grupo e um ancião como coordenador de três a cinco pequenos grupos. O papel do ancião não será apenas treinar os líderes de grupo para sua função, mas também visitar periodicamente os grupos para ajudar a mantê-los funcionando bem e focados no evangelismo. O pastor da igreja ficará responsável pela capacitação dos anciãos e também os ajudará no treinamento dos líderes. Há três grandes vantagens nesse modelo: (1) o pastor delega responsabilidade, (2) a liderança da igreja estará envolvida com os pequenos grupos e (3) os grupos se tornam a base do esforço da igreja para envolver cada membro na missão. Isso resultará em contínuo crescimento.

Outro aspecto importante para que os grupos evangelizem e se multipliquem é fazer uma cuidadosa seleção de líderes. Não se deve pedir que pessoas que não demonstraram em sua vida que sabem como levar o grupo ao crescimento liderem. Em outras palavras, não escolham como líderes de pequenos grupos aqueles que jamais ganharam uma pessoa para Jesus. Tais líderes serão incapazes de ajudar seus grupos a evangelizar. Além disso, o ancião escolhido como coordenador de três a cinco pequenos grupos

deve anteriormente ter liderado um grupo que desenvolveu projetos evangelísticos resultando em batismos ou multiplicação do grupo. Levando isso à sua lógica conclusão, significa que somente membros que já demonstraram suas habilidades de ganhar pessoas para Jesus devem ser chamados para posição de liderança, pois só assim podemos criar igrejas que se reproduzirão e multiplicarão, o que é o desejo de Deus.

O propósito deste livro não é explorar profundamente planos organizacionais de pequenos grupos. A finalidade é mostrar claramente o fato de que esse é o paradigma bíblico para a igreja do futuro. O importante é que a igreja deve fazer do pequeno grupo o centro de sua organização. A vida da igreja deve se centralizar nos pequenos grupos.

A VIDA NOS PEQUENOS GRUPOS

Tudo que acontecer nas igrejas bíblicas organizadas ao redor de pequenos grupos será relacional. Deve-se estudar a Bíblia nesses pequenos grupos, mas as questões relacionais não serão negligenciadas. Na verdade, as questões relacionais serão uma parte principal da vida dos pequenos grupos. Nesse sentido, eles serão como as primitivas reuniões sociais adventistas. Naquela época, as igrejas não tinham pregadores regulares. Em vez disso, os crentes se reuniam para um estudo bíblico na Escola Sabatina e então tinham uma reunião social que era totalmente relacional. Os pequenos grupos na igreja bíblica do futuro igualmente passarão tempo com a Palavra de Deus. Os adventistas jamais podem negligenciar o estudo da Bíblia. É o fundamento de nossa fé. Jamais devemos abandonar o estudo da Bíblia numa tentativa de nos tornarmos relacionais, mas também

não podemos abandonar o aspecto relacional em nossa tentativa de sermos bíblicos. Fazer assim seria ir contra os princípios bíblicos.

Deixe-me sugerir dois roteiros para a vida na igreja de pequenos grupos. O primeiro se aplica a uma igreja que tem seu próprio prédio e continua a se reunir ali todos os sábados. Os membros são encorajados a passar tempo estudando a Palavra nas unidades da Escola sabatina. Essas unidades podem ser formadas pelos pequenos grupos que se reúnem nos lares durante a semana.

Os grupos então se reúnem no santuário para um culto cheio do Espírito. Como foram vitalizados pelo ministério de pequenos grupos na Escola Sabatina, os cultos serão mais direcionados ao louvor, enquanto os crentes louvam a Deus por sua vida espiritual em Cristo e uns com os outros. O seco formalismo acabou; a vitalidade substituiu o repetitivo enfado. Em alguns sábados pode-se pregar um sermão curto e os membros dos diversos grupos compartilharão o que está acontecendo em sua vida espiritual como resultado do tempo passado em seus pequenos grupos. Torna-se um momento especial de testemunhos das bênçãos vividas nas reuniões semanais de pequenos grupos.

A vida dessa igreja realmente ocorre nos pequenos grupos. Ser membro de um grupo nessa igreja não é opcional. Como Ellen White indicou no capítulo sobre as reuniões sociais, o cristão é uma pessoa que frequenta as reuniões sociais. Se isso é verdade, é difícil imaginar uma pessoa ser cristã e não estar envolvida em um pequeno grupo.

Os pequenos grupos dessa igreja se reúnem durante a semana na casa dos membros. Durante o período de até uma hora e meia que passam juntos, os membros compartilham o que aconteceu em

sua vida na semana anterior. Em algumas ocasiões podem compartilhar alimentos juntos na reunião. As pessoas são abertas umas com as outras. Há responsabilidade. Um membro mencionou numa ocasião anterior que está lutando com o problema de raiva no emprego, então nessa reunião outro membro pergunta gentilmente como está a luta. Um pai indicou anteriormente que estava frustrado em lidar com seus adolescentes, e alguém pergunta como está se saindo. Não há pensamentos de vergonha ou crítica, mas somente um sentimento de confiança, sabendo que os colegas de jornada no pequeno grupo estão vitalmente interessados no desenvolvimento espiritual dos membros.

Depois de compartilharem as experiências da semana anterior, os crentes dedicarão algum tempo orando uns pelos outros e pela salvação de interessados. Essas não serão orações mecânicas, mas sinceras e do coração, que revelam a profundidade de sua experiência mútua em Cristo. O estudo da Bíblia na reunião dos pequenos grupos será de natureza aplicativa e relacional. O estudo intelectual e doutrinário (cognitivo) da Bíblia é reservado para a Escola Sabatina. Aqui a ênfase é sobre o que a Bíblia nos diz pessoalmente. Os crentes aplicam a Bíblia à sua vida diária.

Alguns tentaram fazer com que as unidades da Escola Sabatina assumissem o papel dos pequenos grupos dos lares. Contudo, o modelo adventista primitivo separou os dois e provavelmente por boas razões. O objetivo principal da Escola Sabatina é propiciar ao membro conhecimento intelectual da Bíblia; o do pequeno grupo é desenvolver relacionamentos. Isso não significa que não há estudo da Bíblia nas reuniões relacionais, mas que a ênfase está na aplicação. Tampouco significa que não há aplicação

na Escola Sabatina. Deve haver. Mas a principal ênfase na Escola Sabatina será no cognitivo.

Em algum momento nessa reunião semanal do pequeno grupo relacional haverá uma discussão sobre o plano evangelístico do grupo. Os integrantes podem compartilhar o que estão fazendo individualmente, mas cada pequeno grupo terá um ministério que compartilha coletivamente. É dado tempo para organizar e planejar para o seu ministério.

Talvez um membro tenha trazido uma visita pela primeira vez. Será tomado tempo para criarem um vínculo com essa pessoa. Enquanto ela continua a vir ao pequeno grupo, uma dupla missionária programará estudos bíblicos para compartilhar as grandes verdades bíblicas com ela em sua casa. O interessado também será convidado a compartilhar a experiência do grupo, aos sábados pela manhã. Esperançosamente, a pessoa aceitará a Cristo como Salvador, será disciplinada pelo grupo e unida à comunhão pelo batismo.

Uma das tentações de se mudar para um desses novos modelos é negligenciar aquilo que funcionou no passado no adventismo. A Igreja Adventista primitiva, enquanto operava como uma igreja de pequenos grupos relacionais, continuou a alcançar pessoas através da pregação da Palavra. Na verdade, como foi mencionado, a igreja do primeiro século trabalhava da mesma maneira. As pessoas eram ganhas por meio de grandes eventos de pregação e então colocadas em pequenos grupos. A igreja de pequenos grupos deve cuidar para não pensar que a única maneira de alcançar as pessoas é através do próprio pequeno grupo. Muitos serão ganhos assim, mas outros podem ser ganhos pela pregação em grandes grupos. As duas abordagens são bíblicas.

Uma igreja com muitos pequenos grupos pode desejar patrocinar uma série de reuniões evangelísticas ou um seminário de profecias. Os interessados então seriam convidados a estudar o rico ensinamento profético do adventismo. Quando forem feitos convites para se unirem à igreja, aqueles que tomarem a decisão serão disciplinados muito mais facilmente no pequeno grupo que já estão freqüentando.

O evangelismo na igreja de pequenos grupos utilizará todos os meios para levar as pessoas ao discipulado radical em Cristo, incluindo o evangelismo público. A diferença do evangelismo público na igreja de pequenos grupos é que será necessária pouca divulgação, porque a maioria das pessoas que freqüentar os seminários estará vindo dos pequenos grupos ou de relacionamentos que os membros têm cultivado no mundo por meio de seus ministérios individuais. Além disso, a igreja de pequenos grupos deve realizar as semanas de colheita após alguns meses de semeadura. Uma igreja de pequenos grupos que negligencia realizar evangelismo público de colheita provavelmente não crescerá tão rapidamente.

Ao tentar imitar outras denominações que estão mudando para igrejas de pequenos grupos, precisamos nos lembrar de que o adventismo tem uma mensagem especial para ensinar às pessoas. Isso não pode ser negligenciado. Muitas igrejas hoje estão fazendo um ótimo trabalho em levar as pessoas a uma fé inicial em Cristo. O adventismo deve fazer isso, mas também precisa fazer mais. Deve ensinar todas as doutrinas bíblicas e conduzir as pessoas ao completo discipulado. A mensagem do fim dos tempos do adventismo foi especialmente planejada por Deus para levar as pessoas ao discipulado completo.²

Este roteiro analisou a vida do grupo como poderia existir numa igreja contemporânea que tem seu próprio prédio. Será necessária uma reorganização em massa da igreja para realizar isso, mas se estivermos falando sério sobre retornar ao modelo bíblico, esse tipo de igreja terá que ser criado.

EM BAIRROS OU CIDADES SEM IGREJA ESTABELECIDADA

No segundo roteiro, analisaremos o funcionamento dos pequenos grupos em locais onde a igreja ainda não tem um prédio estabelecido para reuniões. Isso pode ocorrer em bairros em que haja famílias adventistas isoladas ou mesmo em cidades que ainda estão sendo conquistadas. Neste caso, os pequenos grupos servem para unir os irmãos e criar uma estratégia de evangelismo para a conquista de novos conversos. Com o crescimento do número de adventistas em pequenos grupos, uma nova congregação será estabelecida.

A manhã de sábado encontra um ou mais grupos se reunindo nos lares. Os membros passam o tempo juntos, estudando a Bíblia na sua Escola Sabatina no lar. Então eles têm um momento para compartilhar, semelhante ao da reunião social do adventismo primitivo, onde os pioneiros compartilhavam sua vida em Cristo. As crianças não são negligenciadas; elas são parte vital da experiência do grupo. A reunião geralmente termina com uma refeição de comunhão onde partem o pão juntos, como fizeram os discípulos primitivos. Se possível, deve haver um culto de comunhão bem ali no pequeno grupo, no sábado de manhã, ou em algum outro momento quando se reunirem. Além da reunião do pequeno grupo no sábado de manhã, haveria pelo menos mais uma reunião do

pequeno grupo durante a semana. Aqui as atividades assemelham-se às descritas no primeiro roteiro, incluindo suas atividades evangelísticas. A diferença entre esses dois roteiros é o que acontece no sábado de manhã. No primeiro, os crentes se reúnem em conjunto numa estrutura de igreja grande o suficiente para acomodar uma reunião grande. No segundo, esse encontro se dá em casas de família. Assim, a vida espiritual é mantida quase exclusivamente na vida do grupo. Ocasionalmente, onde há mais de um pequeno grupo, eles podem encontrar uma forma de se reunirem para uma celebração conjunta.

O PAPEL DO PASTOR

Nas atuais igrejas institucionais, os pastores passam a maior parte de seu tempo simplesmente mantendo a máquina funcionando com todos os programas que a igreja opera. Tempo considerável também é gasto ministrando às necessidades dos membros individuais. Já que o cuidado dos membros no modelo novo volta à sua base bíblica no pequeno grupo, muito do tempo do pastor deve ficar livre. Essa nova cota de tempo deve ser usada de duas maneiras.

Primeiro, como já mencionamos, o pastor deve passar tempo com os líderes dos grupos. Segundo, o pastor deve gastar um tempo significativo iniciando novos grupos, uma atividade que seria semelhante a criar novas igrejas. O foco dos novos grupos deve estar nos novos crentes. Esses novos grupos seriam feitos pela multiplicação dos grupos existentes e formando novos grupos por meio da atividade evangelística. Nesse modelo, os pastores seriam responsáveis perante a Associação pela multiplicação de seus gru-

pos. Portanto, muito de seu tempo seria usado para treinar líderes dos novos grupos da igreja que está sempre se expandindo.

Então, as funções principais do pastor seriam delegar poder aos líderes e formar novos grupos. Em vez de tentar reter o poder, o pastor estaria continuamente delegando poder para os líderes de grupos. Somente quando líderes leigos recebem poder, pode a igreja realmente se tornar a igreja de Jesus Cristo.

É POSSÍVEL?

Talvez esse seja só um sonho vão. Isso pode ser realidade? O tipo de igreja que descrevemos aqui parece distante da maneira como atualmente conduzimos a igreja. Contudo, como podemos ver por este estudo, é claramente o modelo bíblico da igreja como comunidade. Não só o Novo Testamento defende esse tipo de igreja, mas o adventismo primitivo também experimentou essa igreja edificada de forma relacional e baseada em comunidade.

Já que o modelo relacional de igreja está tão fortemente enraizado nas Escrituras e na história do adventismo, a atual igreja de Jesus Cristo deveria mover toda pedra necessária para retornar ao modelo bíblico de igreja. O caminho pode não ser fácil. Na verdade, tende a ser bem difícil. A resistência será grande. Obstáculos serão colocados no caminho. Pode não ser possível para todas as igrejas retornarem a esse modelo bíblico. A resistência pode ser grande demais. Umas mudarão mais rapidamente que outras. Novas igrejas precisarão ser iniciadas do zero nesse novo modelo. Porém, o movimento na direção de restabelecer a Igreja Adventista relacional deve começar, e começar agora. Deus está no comando e espera que acreditemos em Sua orientação. Este é o caminho e não há retorno!

A IGREJA EXISTENTE

Nossas igrejas tradicionais estão presas à vida da igreja institucional. Foram organizadas assim. É a única vida que conhecem. Não sobrou nenhum membro que se lembra do adventismo dos dias da igreja relacional. Nossa igreja atual é principalmente baseada em programas e estruturada em departamentos, como Jovens, Escola Sabatina, Desbravadores, Adra, os cultos, etc. O novo paradigma é uma igreja onde o pequeno grupo é o princípio organizador sobre o qual tudo na igreja está baseado.

Como fazemos a transição de um para o outro? Não demolindo o velho. O velho é significativo para muitas pessoas. Elas foram ministradas na tradicional igreja institucional por toda sua vida. Não conseguem perceber como o modelo novo pode ser melhor. Essas pessoas oferecerão grande resistência às mudanças na estrutura da igreja local.

Jesus nos deu excelente conselho sobre como fazer a transição do velho para o novo, quando falou sobre não colocar vinho novo em odres velhos: “Ninguém tira um pedaço de veste nova e o põe em veste velha; pois rasgará a nova, e o remendo da nova não se ajustará à velha. E ninguém põe vinho novo em odres velhos, pois o vinho novo romperá os odres; entornar-se-á o vinho, e os odres se estragarão. Pelo contrário, vinho novo deve ser posto em odres novos [e ambos se conservam].”³

O conselho de Jesus é apropriado para nós hoje. Se tentarmos mudar a igreja atual abruptamente para um novo paradigma, corremos o risco de estragar tanto o vinho novo quanto o velho. A transição tem que ocorrer lentamente para as igrejas já existentes. Igrejas tradicionais podem nunca fazer a transição completa ao modelo

bíblico. Deixe-as em paz. Finalmente, elas morrerão, disse Jesus. Em vez disso, precisamos gastar a maior parte de nossa energia em estabelecer novos odres. Às vezes, o novo odre terá que ser desenvolvido dentro da igreja existente. Em outras palavras, em vez de eliminar a maneira antiga de fazer as coisas, acrescentar pequenos grupos em conjunto com a situação existente. Finalmente, esse “novo vinho” se firmará e se tornará o todo, enquanto o “velho vinho” morre lentamente. Mas se buscarmos eliminar completamente o velho para criar o novo, Jesus indica que destruiremos os dois.

Muitos pastores cometem o erro de aprender maneiras novas de fazer as coisas e então correm para casa e as iniciam em suas igrejas. Rapidamente descobrem que os membros não estão tão animados com a mudança quanto o pastor, e a oposição cresce. O pastor fica desanimado. A mudança proposta é deixada de lado, e a igreja afunda ainda mais no enfado da igreja institucional.

O melhor é perturbar o mínimo possível a maneira costumeira de se fazer as coisas na igreja. Apresente a idéia nova e deixe-a existir lado a lado com a velha. Essa é a única forma de fazer a transição numa igreja existente. Até isso pode não funcionar em algumas igrejas. Algumas igrejas se moverão parcialmente nessa direção. Está bem. Não estamos com hora marcada. Dê bastante tempo para o Espírito Santo trabalhar. Quando Deus tirou Israel do Egito, levou quarenta anos para fazer a transição de Israel do pensamento hierárquico do Egito e estabelecê-lo no modelo bíblico. E levou mais tempo ainda para o Egito sair do povo. Não somos Moisés, mas servimos o mesmo Deus que ele servia. Esperançosamente, não levaremos quarenta anos. Tomara que esta geração não tenha que morrer no deserto. Deus precisa hoje de líderes que serão

os novos Moisés para guiar Seu povo do Egito para a terra prometida. É hora de começar a guiar a igreja de volta ao modelo bíblico. Deus chama tais líderes agora.

Pastores que puderem fazer apenas uma transição parcial durante seu período de ministério podem ser gratos porque pelo menos Deus os habilitou a se moverem na direção certa. A prioridade para a igreja existente é restaurar as reuniões relacionais. A questão relacional não pode ser opcional para nós como igreja bíblica. A maneira como realizamos o ministério relacional pode ser opcional, mas a igreja precisa se tornar relacional ou deixará de ser a igreja de Jesus Cristo.

O caminho mais fácil para o novo paradigma é estabelecer igrejas que desde o seu início sejam organizadas segundo o modelo de pequenos grupos. Nesse caso, não é necessário vencer a tradição da igreja existente, mas desde seu início os membros podem ser educados no modelo bíblico da igreja de pequenos grupos. Quando esses modelos do novo paradigma começarem a crescer e prosperar sob a bênção do Espírito Santo, as igrejas existentes ficarão encorajadas a copiar seu modelo. E elas realmente vão prosperar, pois Deus abençoará Sua igreja enquanto ela busca retornar ao modelo bíblico de conduzir a igreja.

Esse modelo bíblico da igreja está sendo descoberto atualmente não só na Igreja Adventista, mas em inúmeras igrejas por todo o mundo. Será a igreja do futuro. Deus está levantando pessoas em todo o mundo para guiar a igreja ao novo paradigma. Carl George indicou que essa será a característica-chave das igrejas que irão sobreviver no século 21. Em sua maioria, as outras morrerão.

“Em poucas palavras, qual é o ingrediente ativo fundamental na igreja do futuro? Pequenos grupos em crescimento liderados por

ministros voluntários são o bloco fundamental de construção. Todo o resto pode ser racionalizado ao redor desse único conceito.”⁴

O apóstolo João afirmou isso tão claramente no fim do primeiro século, quando declarou que pregamos essa mensagem da verdade cognitiva para que as pessoas possam ter comunhão conosco, assim como temos comunhão com o Pai e com Seu Filho.⁵ A necessidade básica da humanidade não mudou em dois mil anos. Deus ainda está chamando um povo para viver em verdadeira comunidade e assim demonstrar ao mundo a natureza transformadora da comunidade que Ele chamou à existência. Os cristãos não podem mais viver em isolamento; eles são chamados a viver em comunidade.

“Para aprender a confiar, e para se tornar confiável – para aprender a amar, e para se tornar amável –, precisamos estar profundamente envolvidos na vida dos outros, a quem nos confiamos em Cristo. Para desenvolvermos esse tipo de relacionamento, precisamos compartilhar com outros, e eles precisam compartilhar conosco. Tudo isso exige tempo. Mais ainda, isso requer um relacionamento face a face. Um relacionamento que podemos ter somente com uns poucos de cada vez. E desse modo a igreja é forçada a mudar para uma estrutura de pequenos grupos.”⁶

SOMOS CHAMADOS PARA VIVER A VIDA CRISTÃ EM COMUNIDADE⁷

Esse é o chamado de Deus no século 21. Temos seguido o modelo da igreja institucional, organizada por Constantino no quarto século, por tempo suficiente. Não funciona. É hora de criar uma igreja edificada sobre fundamentos bíblicos. A Igreja Adventista construiu o que cremos ser uma plataforma clara de verdades

bíblicas, mas precisamos agora criar uma plataforma clara de práticas bíblicas. Não é suficiente simplesmente crer nas verdades da Bíblia. Essas verdades precisam ser vividas pelos que crêem. Os adventistas começaram no modelo bíblico; agora é hora de retornar às nossas raízes.

Não só essas verdades devem ser vividas em nossas vidas, mas Deus nos chamou para viver em comunidade com outros. Infelizmente, construímos nossa igreja sobre o individualismo americano em vez de na comunidade bíblica. É hora de abandonar nosso individualismo em favor da comunidade bíblica. Começemos agora!

Referências

1. Ellen White, "The Work in Greater New York", *Atlantic Union Gleaner*, 8 de janeiro de 1902.
2. Veja Russell Burrill, *Radical Disciples for Revolutionary Churches* (Fallbrook, CA: Hart Research Center, 1996).
3. Lucas 5:36-38.
4. George, *The Coming Church Revolution*, pág. 313.
5. I João 1:1-5.
6. Mallison, pág. 9 (citando Lawrence Richards).
7. Ibidem.